

Mais sobre

**A
VIDA
NOS
MUNDOS
INVISÍVEIS**

Robert Hugh Benson

4

P – Quais os livros mediúnicos que melhor retratam os reinos espirituais, ou sobre a vida depois do túmulo?

R – São muitos, porém, dois deles vieram com a chancela do Plano Diretor; **A VIDA ALÉM DO VÉU** é um, e a **VIDA NOS MUNDOS INVISÍVEIS** é outro. Nas linhas e nas entrelinhas, falam mais do que muitos outros, porque a Direção Planetária assim ordenou. E deviam sair da Inglaterra, por motivos que Deus ensejou e a Direção Planetária executou. São duas séries, não apenas dois livros, que ensinam maravilhas.

(do livreto “A Mensagem do Anjo do Sarçal”)

P – Com ajuda de alguém superior, pode o inferior visitar planos ou reinos superiores?

R – O Exemplo fiel está no livro **A VIDA NOS MUNDOS INVISÍVEIS**, que todos os estudiosos da VERDADE deviam ler. Fatos dessa ordem dão-se, e muito, nos reinos espirituais. Basta que haja merecimento, da parte do pedinte, para que os seus mentores locais providenciem a viagem. (do livreto “A Mensagem do Anjo do Sarçal”)

SUBCROSTA, o pior em trevas e dores, ou terríveis expiações. A Lei do Peso Específico, ou das equidades vibracionais, é que tudo rege, TANGIDA PELA JUSTIÇA DIVINA. Já existem muitos livros mediúnicos, tratando do assunto, mas, lembrem-se bem os filhos de Deus, que, por DETERMINAÇÃO DA DIREÇÃO PLANETÁRIA, entre 1910 e 1920, surgiram DUAS SÉRIES DE LIVROS, a saber:

1 – A VIDA ALÉM DO VÉU, que trata também dos Altos Escalões Direcionais, dos Planetas, Sistemas Planetários, Grupos de Sistemas, Galáxias e Metagaláxias, etc.

2 – A VIDA NOS MUNDOS INVISÍVEIS, contendo lições profundas, nas linhas e nas entrelinhas, e, como A VIDA ALÉM DO VÉU, apresentando a normal presença do Cristo Planetário, para os efeitos administrativos em geral, porém responsabilizando a cada filho de Deus, pelas suas opções, pelas suas obras.

(do livreto “Depois da Tempestade Apocalíptica”).

Cópia de boletim de Oswaldo Polidoro

Avisamos o leitor que

A Vida Além do Véu e A Vida nos Mundos Invisíveis, esses dois livros, psicografados na Inglaterra, entre 1910 e 1920, representam o máximo já vindo, espelhando o mundo espiritual. Quem quer que tenha noção de que vai um dia desencarnar e prestar contas à JUSTIÇA DIVINA, tem por obrigação conhecê-los e divulgá-los. Eles representam o testemunho da VERDADE, quando ela se manifesta em sua culminância significativa, que é relatar como funciona a JUSTIÇA DIVINA, no mais profundo de cada pessoa ou espírito, obrigando cada um a receber o merecido, em Luz e Glória, ou trevas, pranto e ranger de dentes, segundo como tenha procedido durante a encarnação. Também, fugindo ao xaropismo e ao mediocrismo de caudais de obras mediúnicas, comportam relatos sobre os Altos Escalões Direcionais de Mundos e de Humanidades, de Planetas, Grupos de Sistemas, Galáxias e Metagaláxias, na palavra de VERDADEIROS ALTOS MENSAGEIROS, culminando com algumas manifestações de Jesus, em circunstâncias divinamente preciosas, aquelas em que os fatos oportunos demonstram e provam o quanto superam intermináveis e nauseabundas comunicações de espíritos vazios de Verdade, de Amor e de Virtude. Ter esses dois livros à cabeceira da vida, ou do leito, é ter encontro marcado com as sublimes promessas do Princípio, Deus ou Pai Divino, através de todos os Grandes Iniciados, Profetas, Mestres ou Cristos, porque apresentam OS RESULTADOS DA ENCARNAÇÃO, boa ou ruim, em plena convergência com a JUSTIÇA DIVINA, com quem jamais alguém poderá discutir, por ser INFINITAMENTE ACIMA DE PALPITES HUMANOS, de encarnados ou de desencarnados, bem ou mal intencionados.

Também os condensados iniciáticos de Oswaldo Polidoro colocam o leitor a par das VERDADES BÍBLICO-PROFÉTICAS, na hora apocalíptica em que a Humanidade terá de enfrentar O NOVO CÉU E A NOVA TERRA, depois de tremendas comoções que tudo abalarão, como está assinalado no Sermão Profético de Jesus, e no Livro da Revelação, o Apocalipse. Aos inteligentes e honestos, portanto acima de fanatismos religiosos, sectarismos, igreja, painéis e painelinhos conchavistas, lembramos a indispensável leitura de:

ORAÇÕES E VERDADES DIVINAS
CRISTIANISMO VERDADEIRO E ORAÇÕES
ORAÇÕES MARAVILHOSAS E EVANGELHO DA JUSTIÇA DIVINA
A MENSAGEM DO ANJO DO SARÇAL
POR QUE, A HIPOCRISIA COMANDA O ESPETÁCULO?

livraria Freitas Bastos S/A
Rio – Rua Sete de Setembro, 113
São Paulo – Rua 15 de Novembro, 62 a 66
(Editor deste boletim à época em que foi escrito)

MAIS SOBRE A VIDA NOS MUNDOS INVISÍVEIS - 4

(1951)□

ESCRITO POR MONSENHOR ROBERT HUGH BENSON
PSICOGRAFADO POR ANTHONY BORGIA

Prefácio

O espírito comunicante deste livro era conhecido na terra como Monsenhor Robert Hugh Benson, um filho de Edward White Benson, primeiro Arcebispo de Canterbury, e estava no auge de seu renome, como padre e autor, quando o encontrei pela primeira vez.

Depois que ele sai desta vida, muitas vezes me preocupei com seu bem-estar. Através de um amigo espiritual foi-me dito que ele estava bem e prosperando, e que, em tempo certo, eu o ouviria diretamente.

Eventualmente, isso aconteceu e começamos uma série de escritos transmitidos por ele, no primeiro dos quais, A Vida nos Mundos Invisíveis, informou sobre os detalhes de sua passagem para lá. Ele descreveu como encontrou, ao findar sua vida terrena, um companheiro antigo chamado Edwin, e foi levado por ele para o mundo espiritual, onde sua casa o aguardava, uma contraparte de sua casa terrena. Depois de um breve descanso, ele recomeçou suas explorações, sob a orientação de Edwin, pelo plano de sua nova vida. Durante seus passeios encontrou uma jovem charmosa chamada Ruth, também recém-chegada ao mundo espiritual, que se ajuntou a eles e assim têm estado juntos desde então, bastante próximos, nos trabalhos e no lazer.

Nos escritos que se seguiram, Monsenhor abordou uma grande variedade de temas relativos ao mundo espiritual, nem de longe sendo de sua 'teologia', que teve que ser total e drasticamente revista. Sua principal ocupação é encontrar as pessoas quando de suas passagens, e conduzi-las ao mundo espiritual. Trabalhando com ele sempre estão seus amigos, Edwin e Ruth.

Tem sido privilégio e prazer meu atuar como seu amanuense para o registro dos escritos. Através de outras fontes de comunicação, temos tido literalmente centenas de encontros, onde ele trouxe em sua companhia grupos de amigos espirituais muito simpáticos.

Neste atual escrito, registrado por mim em 1951, Monsenhor conta como ele e Ruth, sem Edwin nesta ocasião, embarcaram para uma de suas visitas à terra numa tarefa de acompanhamento, desta vez de um jovem rapaz de 18 anos. Ao invés, entretanto, de transferi-lo para os cuidados de outras mãos, como usualmente acontece, eles o convidaram para que ficasse com eles em sua casa (onde acordara, pela primeira vez, no mundo espiritual), e depois disso, quando totalmente refeito, começaram um trabalho de 'acompanhamento' de outra espécie: através do reino onde vivem, para verem as maravilhas e encontrarem algumas pessoas.

A.B.
(Anthony Borgia)

ÍNDICE

Prefácio –
Uma passagem –
O acordar –
A primeira visão - 1
Uma visita – 1
relacionamento espiritual – 1
Locomoção espiritual –
A cidade –
Visitamos uma ‘igreja’ –
Uma questão de idade –
Uma lição de criação –
O homem no chalé –
Tolices dos filósofos –
Uma casa na floresta –
Dois visitantes –
O governante dos reinos –
Epílogo –

1. UMA PASSAGEM

Vocês vão ler, espero, as poucas palavras do prefácio que meu amanuense terreno escreveu concernentes a mim, permitindo-me, então, começar logo minha narrativa sem voltar em terreno já pisado.

Agora já está fazendo quase quarenta anos desde que estive no limiar da nova vida, quando o momento de minha transição chegou. Durante a passagem da última década pude dar algumas informações sobre o mundo espiritual onde tenho a felicidade de viver.

A vida, vocês devem saber, tem uma escala gigantesca por aqui, no mundo espiritual, de um gigantismo do qual vocês poderão apenas ter uma pequena concepção, até que venham morar entre nós. Mas dizer que sua magnitude seja vasta, não quer dizer que seja proporcionalmente complexa. De fato, quando chegamos a comparar o mundo terreno com o mundo espiritual, logo se torna aparente a complexidade da terra e o quanto mais simples é a vida no mundo espiritual. Pode parecer uma declaração espantosa, apesar de ser verdadeira. Entretanto, este é um assunto que discutiremos com vocês mais tarde. E agora, sem mais preâmbulos, iniciamos a narrativa.

Situado na cidade, que não é longe de minha casa aqui, fica um amplo edifício que desempenha a função importante de ser um escritório de registros e pesquisas. Aqui, o conhecimento pode ser obtido com uma gama infinda sobre variados assuntos e tarefas. De todos eles, o que nos interessa mais de perto no momento é o departamento que lida com a passagem de pessoas da terra para o mundo espiritual. Parte de meu trabalho consiste em ajudar as pessoas no momento de sua morte física, pessoas de todos os tipos, de ambos os sexos, de qualquer religião – ou nenhuma – e de todas as idades, desde jovens até os idosos. Trabalhando em conjunto comigo estão meus dois velhos amigos, Edwin e Ruth. Algumas vezes, Edwin não vem conosco, mas Ruth e eu trabalhamos juntos quase sempre.

Vocês podem imaginar como seria a forma pela qual sabemos quando nossos serviços são necessários, e quem, ou o quê, dirige tais serviços nos limites requeridos. A resposta é simples: o departamento de registros e pesquisas. Não é parte de nossas funções normais estar completamente familiarizado com todos ou alguns métodos que são empregados para a obtenção de informações do escritório central. Tudo o que pedem a Ruth e a mim para que façamos é notificar este departamento quando estamos livres para atender alguma tarefa que se apresente, e seguimos os procedimentos simples de espera por alguma notificação de que nossos serviços são desejados.

Estávamos sentados, então, em certa ocasião, em casa – a qual é uma réplica da minha casa antiga na terra, quando veio um aviso dizendo que nossa presença era esperada no departamento central. Fomos logo para lá, e fomos cumprimentados por alguém que viemos a conhecer bem com o passar dos anos, assim como ele também, a nós.

Este homem é uma alma genial, de grande bondade e compreensão, e seu conhecimento sobre os que trabalham para ele é prodigioso. É a aplicação de tal conhecimento que lhe faculta enviar alguns de nós a variadas missões, sempre aqueles que combinam exatamente com a tarefa específica que apareceu.

Pode parecer que há muita semelhança entre uma transição normal e outra, sob o ponto de vista dos olhos terrenos, mas do nosso ponto de vista as variações são enormes. Elas são tão variadas, de fato, quanto as variações nas personalidades humanas. O que para o observador terreno é o fim da vida, para nós e os indivíduos pessoalmente envolvidos é o começo de uma nova vida. É com a personalidade que temos que tratar e, de acordo com a personalidade, com o conhecimento ou a ignorância dos assuntos espirituais da alma em transição, assim a nossa tarefa especial será conduzida e o curso de nossa ação será regulado. Resumindo, cada ‘morte’ é tratada e atendida com a observância absoluta aos requerimentos essenciais. Somos divididos nas nossas várias tarefas com vistas nas nossas capacidades e experiências que pudemos incrementar e ampliar pela longa prática.

Como você pode imaginar, às vezes temos que exercitar muita paciência, quando nos confrontamos com mentes que se agarram tenazmente nas crenças e idéias antigas, as quais nada têm a ver com a verdade, os fatos e as realidades da vida espiritual, e que podem dar um trabalho árduo para libertar o recém-chegado daquilo que é inibidor mental e retarda espiritualmente. Você verá, então, a sabedoria na escolha dos instrumentos que se ajustam perfeitamente em todos os aspectos para o trabalho que começa, para que os casos mais delicados ou difíceis não se compliquem mais.

O mundo espiritual nunca faz as coisas pela metade, para se usar uma expressão familiar, e o que pode parecer preciosismo ao encarnado, é claramente sabedoria a nós que nos encarregamos do trabalho. Não se desvia de nenhum problema. Temos uma infinidade de tempo, uma vasta quantia de paciência, acrescidos dos serviços de uma multidão de pessoas sempre disponíveis. Não se faz nada malfeito; não há erros, não se deixa nada para a casualidade. Nosso chefe do departamento central, portanto, como nos conhece bem, manda-nos em missões na terra com completa confiança por ter nos escolhido, enquanto que, de nossa parte, nós é que temos completa confiança de que não nos foi dada uma tarefa além de nossas forças de ação.

Depois de cumprimentos amistosos e bondosas inquirições, fomos diretamente ao assunto. Um caso perfeitamente claro, informou-nos, e não deveria apresentar características diferentes. ‘É a passagem’, disse, ‘de um

rapaz de dezoito anos. Um jovem animado, mentalmente alerta e receptivo. Escolhi este caso para vocês dois, porque penso que ele será útil a vocês mais tarde, quando se acostumar às coisas. Poderiam levá-lo para sua casa? Seria um plano muito bom'. Rapidamente, aquiescemos.

Aí importunamos nosso amigo com umas poucas perguntas para que ficássemos o mais completamente providos de informações possível. Parecia que o fim terreno do jovem estava se aproximando rapidamente, e que ele não teria problemas concernentes à 'vida depois da morte'. Sua instrução religiosa seguira as linhas usuais, mas não deixara nenhuma grande impressão. Havia uma razoável tolerância entre ele e seus pais, mas nenhuma afeição forte demais para trazer qualquer complicação de natureza emocional. Os seus pais encarariam a 'morte' prematura de seu filho como sendo a vontade de Deus e, portanto, ficariam submissos e acordes a isso.

Concordamos que certamente parecia ser um caso bastante direto e não ficamos com pena, já que tivéramos transições bastante difíceis ultimamente, e festejamos este caso que recebemos, de características mais fáceis.

Certamente vocês imaginam como somos direcionados ao começo de nossos 'trabalhos' na 'câmara da morte', para usar a frase mais lúgubre. A propósito, quanta sombra e lamentação isto relembra! Parece que as frases mais dolorosas ficam reservadas especialmente para o ato tão simples de passar do seu mundo para o nosso. Claro que vocês não precisam me lembrar que do ponto de vista daqueles que estão deixando alguém querido, não é uma hora de alegria e 'muitas felicidades'. Mas se a verdade fosse sabida e compreendida, quanta diferença faria, especialmente se este estado de felicidade acontecesse no final, para que todas as parafernálias tristonhas tão associadas com a transição fossem eliminadas drasticamente. O acontecimento já não é, nos dias de hoje, suficientemente angustiante por si mesmo, sem o aumento de escuridão que traz o uso de tanto preto? Tudo isto, temo, é uma ligeira digressão. Retornemos.

Dão-nos o nome, mas não o endereço, da pessoa que deveremos atender. De fato, todo o procedimento é muito simples, e dá um bom exemplo do que mencionei momentos atrás, com referência à simplicidade relativa da vida em nosso mundo comparada à complexidade da vida no seu. Tudo, dirão vocês, deve ter um começo, por isso alguma indicação deve ser dada em algum lugar, por alguém, para alguém, de que a passagem de uma pessoa em particular vai acontecer dentro, diremos, de uma hora ou duas do tempo terreno. Não é provável, do jeito que as coisas são, que uma mensagem direta fosse mandada a nós pelos da terra, clamando que a assistência está sendo desejada num desencarne iminente.

Não é meu propósito, neste momento, seguir os fatos até a fonte, e, falando estritamente, nós que cuidamos deste tipo de trabalho, nada temos a ver com as minúcias da organização que terminam com a nossa presença ao lado da alma que irá desencarnar. Isto é parte das funções técnicas da economia que é comum nos planos espirituais. Entretanto, isto pode ser dito: o saber que uma passagem está para acontecer, juntamente com a localização precisa, é o resultado de uma transferência formidável de informações, passadas de um para outro, começando com aquele funcionário importante, o espírito-guia, espiritual, individual, e terminando em nós, que trabalhamos na tarefa de escoltar as pessoas da terra até suas casas no mundo espiritual. Entre o primeiro e o último há uma concatenação clara das mentes, se posso assim me expressar, numa troca de informações que acontece pela transmissão de pensamento, acurada e rapidamente.

No presente momento, enquanto Ruth e eu estávamos sentados diante de nosso amigo do escritório central, tudo o que faltava era receber nossa 'rota de viagem'. Estas nos são dadas desta forma: nosso amigo envia uma mensagem – pelo pensamento, claro – ao espírito que está atendendo no lugar do desencarne, para avisar que estamos prontos para a tarefa, assim que ele achar conveniente. Isto obtive uma resposta instantânea. Nós podíamos perceber a luz que saía de nosso amigo, e, por uma espécie de confluência, fomos colocados no 'fluxo de pensamentos'. Estávamos agora em contato direto com nosso amigo atendente 'na outra ponta', como diriam vocês. E agora – para usar uma linguagem não-científica – tínhamos apenas que nos projetar ao longo deste fluxo de pensamentos para nos encontrar no local exato onde nossos serviços eram necessários. Como isto acontece, não tenho nem a mais remota noção. Tudo o que Ruth e eu poderíamos dizer é o que fazemos, como fazemos, mas não como isto acontece! Você acredita que poderia descrever em termos simples – ou em quaisquer termos – precisamente o que faz quando pensa e, depois disto, diga-me como acontece? Tente esta experiência 'simples' e depois vai entender o que quero dizer!

Agradecemos nosso superior por este novo caso, e, ao ouvirmos sua ordem de que o tempo estava próximo, imediatamente seguimos adiante.

Ruth e eu nos vimos num quarto de uma casa de dimensões modestas, despreziosa, e moderadamente próspera, no que concerne às posses terrenas. Uma enfermeira estava atendendo e os pais estavam bem próximos. Era evidente que eles acreditavam que o fim estava próximo e o doutor parecia ter feito tudo o que podia para fazer as coisas mais fáceis para seu paciente.

Parecia também haver evidências de que o ministro da igreja deles saíra havia pouco do quarto. Havia sinais distintos de que as orações foram feitas, mas foram expressas nos termos usuais do obscurantismo teológico e, ainda mais, foram totalmente despropositadas diante dos eventos a terem lugar, foram completamente ineficazes para atingirem qualquer propósito além de darem uma satisfação duvidosa aos ali presentes. Esta era uma tarefa, entretanto, que Ruth e eu estávamos habilitados – e qualificados – para darmos cumprimento rapidamente. Assim o fizemos, orando por eflúvios de poderes necessários para suplementar os nossos recursos e habilidades naturais. Eles

vieram instantaneamente e foram claramente observados nas colunas brilhantes de luz que se difundiam em torno de nós.

Era fácil de ver que, num curto espaço de tempo, nosso amigo estaria se ajuntando a nós. Adequadamente, começamos nossas poucas preparações. Ruth colocou-se à cabeceira da cama para alcançar a cabeça do rapaz, e pôs suas mãos sobre suas sobrancelhas, gentilmente acariciando suas têmporas.

Nós nunca ficamos certos de que nossas aplicações são percebidas ou sentidas, a menos que o ‘paciente’ revele algum sinal ou outro de que ele – ou ela – as recebeu. Neste caso, ficou patente que Ruth estava fazendo uma emissão forte, porque coincidentemente com o seu colocar de mãos na cabeça do rapaz, ele virou seu olhos com um movimento, como se buscasse ou tentasse perceber de onde aquela sensação agradável e confortante vinha.

Era possível que ele realmente pudesse ver Ruth; e, se fosse o caso, tanto melhor.

Nós dois tínhamos assumido uma réplica das roupas terrenas anteriores, estando a Ruth com um alegre vestido de verão, de aparência bem natural e normal, e ainda bem charmosa. É necessário deixar enfatizado tudo isto, já que foi – e ainda é – nosso desejo aparentar diferentemente dos ‘seres celestiais’, se nossas presenças forem observadas, como é possível que sejam. (Quando Edwin veio encontrar-me em minha transição, ele se revelou a mim vestido em sua vestimenta terrena costumeira. Se ele tivesse se apresentado a mim em suas roupas espirituais, há muitas razões para se crer que eu teria ficado suficientemente aterrorizado para imaginar que, se o pior ainda não viera, não deveria demorar muito!)

Empoleirei-me aos pés da cama do rapaz e dirigi meu olhar para ele, e havia sinais evidentes de que ele me via. Sorri para ele e acenei gentilmente com as mãos, para tranquilizá-lo. Até ali, as coisas estavam acontecendo de forma favorável – quem dera todas as passagens fossem assim tão serenas.

O grande momento da vida do rapaz tinha chegado agora. Movi-me até o meio da cama, no lado oposto ao de Ruth. O rapaz caiu num sono leve. Conforme isto aconteceu, seu corpo espiritual elevou-se lentamente acima de seu corpo físico inerte, ao qual ele estava atado por um cordão prateado brilhante – o cordão vital, como é chamado. Coloquei meus braços embaixo da forma flutuante; houve uma momentânea contração muscular muito leve, o cordão se destacou por si, retraiu e desapareceu.

Para os pais no quarto, o rapaz havia ‘morrido’ e ‘partira’. Para Ruth e eu, ele estava *vivo e presente*.

Segurei-o em minhas mãos, como o faria com uma criança, enquanto Ruth novamente impunha suas mãos sobre sua cabeça. Um movimento gentil de suas mãos por um minuto ou dois para assegurar que o garoto estaria confortavelmente em paz, e estávamos prontos para partirmos em nossa rápida jornada para nossa casa.

Durante o trânsito, Ruth segurou uma das mãos dele, dando-lhe assim energia e força, enquanto eu o sustentava em meus braços. A jornada, como todas as outras assim, logo terminara; havíamos deixado o leito de morte e estávamos em nosso lindo plano e em nossa casa. Silenciosamente, e gentilmente, deitamos o rapaz num sofá bastante confortável, Ruth sentando-se bem ao lado dele, enquanto eu ocupei uma cadeira aos pés, encarando o nosso recém-chegado. ‘Bem, meu querido,’ observou Ruth com evidente satisfação, ‘eu realmente penso que conseguirá’.

Tudo o que tínhamos a fazer agora era esperar pelo seu despertar, o qual, pela natureza do caso, não se faria esperar.

Nossos arranjos, simples, mas usualmente eficazes, já estavam feitos. O sofá sobre o qual o rapaz foi acomodado, era situado perto de uma ampla janela, numa posição tal que, mesmo sem o menor movimento da cabeça, a paisagem mais encantadora dos jardins em torno podia ser vista, enquanto que, através de uma abertura numa fileira de árvores, podia-se ver uma linda vista da cidade distante, clara e colorida. Na parede, bem em frente ao rapaz, havia um espelho que refletia o resto do ambiente, com tudo que sugeria conforto e comodidade, e que podia ser observado com o mais leve movimento dos olhos. As vozes das crianças podiam ser ouvidas à distância, e os pássaros estavam cantando com seu costumeiro vigor.

Esta era a situação agradável que esperava nosso amigo, quando ele emergisse de seu rápido, mas confortante, sono; e *este* é, freqüentemente, o momento em que o nosso trabalho *real* começa!

2. O ACORDAR

Ruth foi a primeira pessoa a falar, quando nosso amigo abriu seus olhos.

‘Bem, Roger,’ disse ela, ‘como se sente?’ (Nosso amigo no departamento tinha nos dado o primeiro nome do rapaz, o que era suficiente para todos os propósitos).

Roger arregalou seus olhos ainda mais, quando se voltou para Ruth. ‘Mas’, disse ele, ‘eu vi você – quando foi? Há pouco tempo atrás. Quem é você?’

‘Apenas uma amiga para ajudá-lo. Chame-me Ruth’.

‘E o senhor. Parece que me lembro que estava sentado aos pés de minha cama’.

‘Certo!’, falei. ‘A memória vai ficar mais clara em um momento ou dois’.

Roger começou a erguer-se, mas Ruth gentilmente pressionou-o de volta às almofadas.

‘Agora, Roger,’ disse ela, ‘a ordem do dia é que você fique quietinho aí, e nada de falar demais’.

O garoto voltou-se para a janela.

‘Linda vista, não é?’, eu disse, apontando através da janela. ‘Está se sentindo confortável? Está bem. Bom, agora você está imaginando o que tem com tudo isto. Tem alguma idéia do que aconteceu? Só uma vaga idéia. Mas o melhor é que agora você está se sentindo bem. Todas as dores e o mal estar se foram. Não é assim?’

Roger concordou e sorriu quando pareceu compreender tudo. ‘Sim, agradeço’.

O rapaz obviamente não parecia ser do tipo nervoso, e parecia não haver razão alguma para esconder a verdade por mais tempo. Enviei um olhar a Ruth e ela assentiu em resposta.

‘Roger, meu querido rapaz’, comecei, ‘tenho notícias agradáveis para você. Você está perfeitamente correto, você realmente viu Ruth e eu há pouco tempo atrás. Estivemos em seu quarto, na sua casa, e você estava bastante doente, tão doente que o médico não pôde puxar você de volta. Assim Ruth e eu viemos trazer você para um outro mundo, um mundo adorável. Acompanhou?’

‘Então, morri. É isso?’

‘É isso, velho companheiro. Não está assustado?’

‘Não, acho que não’. Ele fez uma pausa. ‘Nunca esperei nada parecido com isso,’ acrescentou.

‘Não, não suponho que esperasse. Quem o faria, exceto aqueles poucos, que sabem o que vai acontecer? Honestamente, agora, o que esperava?’

‘Só Deus sabe.’

‘Anjos com longas asas, e rostos sérios, parecendo impessoais e distantes? Suponha que tivesse visto alguma coisa como esta, o que teria sentido ou pensado? Você não precisa me dizer, responderei por você. Você teria pensado que eles vieram arrastá-lo para ser julgado diante de algum Juiz terrível, em algum lugar da Alta Corte do Céu. E quanta aflição sentiria se tivesse tido um mau comportamento, meu garoto!’

Ruth irrompeu em gargalhadas, enquanto Roger, que tinha captado o relance de meus olhos e o interpretou corretamente, riu também.

‘Deixe-me dizer logo, Roger, que não há juízes, ou mesmo um único grande Juiz, em nenhum lugar deste mundo, o mundo espiritual. Qualquer juízo a ser feito, nós o fazemos por nós mesmos, e cumprimos bastante agradavelmente. Você descobrirá que vai se tornar extremamente crítico de si mesmo, como todos nós. Podemos ser bastante duros a nosso respeito. Assim, qualquer coisa que tenha pensado a respeito de um Dia do Julgamento, tire-a de sua cabeça. Não há tal coisa, nunca houve, e *jamais* haverá.’

‘Agora, espero que esteja imaginando o que virá em seguida’, continuei. ‘A resposta a isso é simples: Nada! – pelo menos por um curto espaço de tempo, até que se sinta recuperado, e então todos nós deveremos sair e explorar as coisas um pouquinho. O que acha disto?’

‘Gosto muito, mas há algo que gostaria de saber’. Roger olhou em torno. ‘De quem é esta casa, e quem é você? Posso ver que é um padre, mas a cor de sua batina não é aquela que sempre via antes’.

‘Quanto à casa, é minha, apesar de que realmente é nossa, já que Ruth mora a maior parte do tempo comigo e também um clérigo velho amigo meu que você vai conhecer mais tarde. Quanto às minhas roupas, estas que estou usando são somente réplicas das minhas roupagens terrenas que vesti especialmente para *você*. Tenho minhas próprias roupas espirituais, mas supomos que se eu as tivesse usado – e Ruth as dela – quando viemos para buscá-lo em seu quarto, pareceríamos aqueles anjos cinzentos e amedrontadores de que acabei de falar. E não importaria nossas faces terem olhares agradáveis e sorrisos, não há dúvida que teríamos um Roger bastante apavorado. Assim, observe que estamos como costumávamos estar quando vivemos na terra, e agora olhe para você, como você era na terra somente bem *pouquinho* de tempo atrás’.

Roger olhou para suas roupas para descobrir que estava usando um par de calças de flanela e uma jaqueta marrom, enquanto em seus pés tinha um par de sólidos sapatos. Ele apalpou o material para assegurar-se de que era real. Até mesmo beliscou seu braço para ficar duplamente certo de que ele era sólido! Então, colocou um pé no chão e firmou-o levemente.

‘Tudo bastante sólido, não é, Roger?’

De uma mesinha lateral Ruth trouxe uma enorme cesta de frutas e ofereceu-a ao menino. ‘Vai ver que são bem reais, também’, disse ela com um sorriso; ‘ajudam naquilo que imagina. Elas são ótimas e vão lhe fazer muito bem. Nós as temos aqui ‘especialmente’.

Nós três pegamos alguma fruta, e Ruth e eu esperamos para ver o menino agarrar a dele. Primeiro, ele a olhou bem de perto, virando e revirando na mão – era uma ameixa o que ele examinava – e parecia indeciso sobre o que fazer com ela. Há, claro, só uma coisa a se fazer com uma bela e suculenta ameixa, especialmente se for do mundo espiritual, que é comê-la. Ruth e eu assim o fizemos, enquanto Roger observava de perto o que aconteceria. Ele esperava, sem dúvida, ver uma torrente de suco escorrer pelas nossas roupas. Seus olhos arregalaram de espanto quando ele viu o suco da fruta escorrer, certamente, e também certamente por ele desaparecer, deixando nossas roupas sem manchas. Encorajado desta forma, seguiu nosso exemplo, e ficou animado por se deliciar com esta aparente feitiçaria.

‘Nada se desperdiça por aqui, Roger’, explicou Ruth; ‘tudo o que não é desejado volta para a sua fonte. Nada é destruído. Você não pode *destruir* nada, por mais que tente. Se achar que uma coisa não serve mais ou não é mais desejada, ela simplesmente se esvaiará em sua aparência, evaporando diante de seus olhos. Mas não está perdida; retornará para a fonte de onde veio. Se não quiséssemos esta casa e todo o seu conteúdo, ela desapareceria, e não haveria nada para se ver, a não ser o terreno onde está. É o mesmo com qualquer coisa que apontar. Todas as coisas são vivas no mundo espiritual; não temos coisas como ‘objetos inanimados’. Tudo é gerenciado muito melhor por aqui que na velha terra, não acha – do pouco que você já pode ver?’

Roger agradeceu a Ruth por sua explicação. Ele parecia evitar falar, entretanto, claro que era porque Ruth havia recomendado que ele não falasse muito ainda. Mesmo assim, ele se virou para mim, depois de ponderar as palavras de Ruth, com algo de dúvida no ar:

‘Você foi um bispo, ou algo assim?’ perguntou.

‘Oh, querido, não!’, ri, ‘nada tão grandioso ou elevado. Você está se baseando na cor da roupa que uso. Não, eu fui apenas Monsenhor, quando estive na terra. Alguns de meus amigos ainda me chamam por este título antigo. Isto os agrada, e não prejudica, apesar de que não temos tais títulos e distinções por aqui. Ainda, se você gostar de usar o mesmo nome, use-o. Atende a um propósito útil, e não é ‘contra os regulamentos’. Ruth sempre o usa’.

Aqui eu gostaria de interpolar uma ou duas observações que penso seria bom fazer. O que estou transmitindo a vocês é o informe de um caso real, uma ocorrência real, típica entre muitas. O jovem, Roger, é uma pessoa que realmente existe, que veio ao mundo espiritual nas circunstâncias precisamente descritas que estou lhes passando agora.

Novamente: pode ser exceção a conversação que tivemos e que lhes transmiti. Há pessoas que objetarão que o todo dela é espantosamente irreverente e trivial para merecer consideração por um momento; que ela é frívola e de qualidade inferior, e que não poderia, certamente *não* poderia acontecer em nenhuma região que fosse apropriadamente designada como ‘céu’; no tal ‘céu’ deve-se certamente agir de forma bem distante do lugar comum e muito mais sacra e espiritual.

Podem protestar dizendo que alguém que faz a ‘terrível mudança’ da vida para a morte, e da morte para a eterna vida – vida ‘supranatural’ – teria coisas muito mais graves a pensar e discutir do que as frivolidades que eu alego acontecerem.

Com uma longa experiência de transições nas quais me baseio, começando pela minha, sei, sem dúvidas: quando o último suspiro terreno é dado, e a vida começa no mundo espiritual, não há jamais a menor inclinação, naquele momento vital, para se pensar em termos de dissertações teológicas aprendidas ou ceder a ‘chavões pios’.

Cada alma que chega, neste ou outros reinos do mundo espiritual, completamente ignorante sobre a vida daqui, preocupa-se com uma e uma só coisa: o que vai acontecer em seguida? Apenas isto. Só porque somos habitantes do mundo espiritual, não nos tornamos grandes retóricos que falam somente em longos períodos eloqüentes sobre temas da mais alta espiritualidade. *Deo gratias* que não. Somos normais, pessoas racionais que falam e agem de forma normal e racional.

Suponha que Ruth e eu, ao tomarmos Roger a nosso encargo, tivéssemos adotado um comportamento grave e faces sisudas, o que imagina que poderia ter acontecido, tanto a ele quanto a nós? O garoto teria ficado aterrorizado, onde, na verdade, não existe campo para o medo, e tudo isto para que propósito? Só por isso Ruth e eu deveríamos aparecer e agir como as pessoas desavisadas acreditam que devíamos aparecer e agir, quando nos tornamos habitantes do mundo espiritual.

E o que teria acontecido a Ruth e a mim? Seríamos julgados totalmente desajustados para o cargo que ocupamos, e logo seríamos mandados sair – *em desgraça*. Entretanto, uma coisa destas jamais acontece, já que não nos teriam confiado este trabalho se abrigássemos tais impensáveis noções. Assim é, meus queridos amigos, que em nossa conversação com Roger, como com *milhares de outros* a quem atendemos, nós somos apenas nós mesmos. Afinal de contas, este é um mundo de vida, atividade e verdade, não uma imitação sombria, santarrona e cheia de escárnio da existência. Quão felizes somos todos nós por sermos assim! Nós preferimos *nossa* forma de ‘céu’ à estranha concepção que ocorre em alguns locais da terra. Agora retornemos a minha narrativa.

Roger se sentiu tentado a se levantar do sofá, sinal seguro de que estava ganhando força e vigor. A fruta tinha ajudado na melhora, como sabíamos que o faria. Em assuntos deste tipo, não falha. Ao mesmo tempo, ela não o teria forçado a testar suas forças até então, e assim, para o passar do tempo, recomendamos que permanecesse onde estava. Ele era – e é claro, ainda é! – um companheiro muito amável, e estava pronto para seguir todas as nossas sugestões. Em casos como este, isto é, nos momentos iniciais dos recém-chegados, muito vai depender dos pequenos incidentes, aquelas coisas simples, de grandes implicações em si mesmas, mas exteriormente tão tranquilizantes e confortantes.

A longa experiência nos ensinou que freqüentemente o menor, o mais insignificante incidente pode fazer muito mais para trazer paz e quietude mental ao recém-chegado aos planos espirituais, do que uma centena dos discursos mais brilhantes. É por esta razão que deliberadamente apresentamos o aparentemente trivial. E não posso fazer nada melhor do que exemplificar isto contando o que aconteceu em seguida, nos nossos cuidados com Roger.

O menino repentinamente voltou seus olhos para a janela, atraído pelo som de asas batendo na persiana, e percebeu que um pequeno passarinho entrara na sala, e empoleirou-se bem próximo a ele. Roger ficou perfeitamente estático, como se o menor movimento pudesse amedrontar e espantar o pequeno visitante. Ruth, entretanto, chamou o pássaro, que imediatamente voou até ela, parando em seu dedo. O pássaro tinha uma linda capa de penas cinza-claro.

Roger estava muito interessado, então Ruth transferiu o passarinho para o dedo dele.

‘Ele sempre nos visita aqui’, contei-lhe, ‘apesar de realmente pertencer a dois velhos amigos meus da terra’.

‘Então o que ele está fazendo aqui?’, perguntou Roger.

‘Bem, ele foi encontrado pelos meus amigos em grande aflição quando ainda era recém-emplumado; eles cuidaram dele, observaram seu crescimento, mas, é triste dizer, ele começou a sofrer. Possivelmente alguma coisinha que não pôde suportar, cuidados exagerados, teve alguma espécie de ataque e morreu rapidamente. Uma grande pena. Foi como você, Roger, jovem e mal tinha começado a vida. E exatamente como você, Roger, passou para estes planos maravilhosos, e foi cuidado imediatamente, exatamente como tentamos fazer com todas as almas humanas que chegam a nós. Este pequeno pássaro, tão desconsiderado na terra, e a ação de meus dois amigos, igualmente desconsideradas, não foram perdidas. Sua afeição por aquela pequena partícula de vida preservou esta vida para sempre. Presentemente, ele é parte da ‘casa’ de um velho amigo mútuo, que já tem outro pássaro e animais amigos. Eles compõem uma família alegre, e nós vamos levá-lo para ver ele – e eles. Não acha que este é um companheiro bem bonito?’

‘Acho. De que espécie de pássaro ele é?’

‘Quando ele veio pela primeira vez até nós, ele era de um cinza bem mais escuro, e não era tão grande. Mas cresceu, e sua cor, como pode ver, é quase que o cinza dos pombos. De que espécie de passaro ele é, você disse? Apenas um pardal comum’.

Ruth ficou indignada porque me referi a ele de forma tão comum, e fui obrigado a me retratar – e não foi a primeira vez, desde que cheguei ao mundo espiritual!

Roger ainda estava brincando com o passarinho, quando Ruth espiou dois visitantes vindo na direção da casa. Estavam caminhando vagorosamente atravessando o jardim, parando sempre, a fim de examinarem as flores que cresciam em profusão em torno da casa. Conforme eles se aproximaram, reconhecemos que eram velhos amigos que vinham sempre nos visitar. Um, o mais alto dos dois, era Caldeu de nacionalidade, o outro, um Egípcio.

Eu disse a Roger que de maneira nenhuma seria necessário que ele se levantasse quando os dois visitantes chegassem na sala, já que os dois sabiam o propósito pelo qual o sofá era usado, pois ele já tinha acomodado muitos e muitos recém-chegados para seu descanso.

Ruth e eu fomos até a porta para dar as boas vindas a nossos visitantes, e trocamos cumprimentos cordiais. O nome do Caldeu é Omar, pelo qual é universalmente conhecido. É um homem de notável aparência, sendo a característica mais marcante seu cabelo, negro como um corvo, ainda mais em contraste com a ligeira palidez de sua tez. Ele é, sem dúvida, uma das almas mais alegres que se pode encontrar nestes planos, e tem uma grande reputação por causa de seu acurado senso de humor.

‘Entre, Omar’, eu disse, ‘e venha conhecer nosso ‘paciente’. Ele respondeu que ficariam encantados, e então pusemos mais duas cadeiras perto do sofá.

‘Bem, meu garoto, como está se sentindo? Feliz? Descansado?’ Omar voltou-se a nós: ‘Roger está pensando quem sou eu. Talvez esteja imaginando *o que* sou eu’.

‘Veja, Omar, você realmente é a primeira pessoa que ele vê usando roupas espirituais. Não é assim, Roger?’

‘É, é verdade, e, bem, estou um pouco confuso. Suas roupas’, disse ele a Omar, ‘são muito diferentes das do Monsenhor’.

‘Diferentes das que ele está usando agora, porque ele não quer assustar você. Você não está assustado comigo, está, Roger? Não há necessidade, querido filho, porque eu sou realmente inofensivo, e meus dois amigos – os seus dois amigos – darão testemunho de mim. Talvez você pense que sou um anjo! Bem, é melhor do que achar que sou um demônio. Sabe, Roger, há pessoas encantadoras na terra que me chamariam assim, sim, e você também; de fato, todos nós aqui! Você acha que Ruth parece particularmente satânica? Monsenhor, agora, há certamente um cheirinho de enxofre nele. Bem, bem, é um bom motivo para se rir, apesar de que, pense, estas mesmas pessoas agradáveis nos

negariam. Falando de mim mesmo, não me sinto nem um pouco santo, e o Monsenhor é de longe pecador empedernido para chegar perto disto’.

Omar voltou-se para o mim: ‘Preciso sair agora’, disse, ‘mande meu amor aos meus amigos da terra’. Então tomou Roger pelas mãos, segurou-as por um momento, e bateu-as de leve no rosto. ‘Bênçãos, meu filho’, disse, ‘descanse e depois seus amigos vão lhe mostrar as glórias deste plano. Este é o seu plano de residência, agora, você sabe. E cá entre nós, somos bem orgulhosos dele’.

3. PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Quando voltamos à casa, depois de nos separarmos de Omar e seu companheiro, vimos que Roger tinha saído do sofá e estava se apoiando, olhando agora para fora da janela. Nós acenamos para ele, e ele respondeu.

'Parece que ele recuperou completamente seu vigor', comentei com Ruth.

'Há nenhuma dúvida disto, diria eu'.

'E eu deveria dizer que o que completou a cura dele foi a visita de Omar. Você notou como ele segurou a mão do menino? Se isso não o carregou com vitalidade, eu estou muito enganado. Não é que seja como Omar'.

Não havia nenhuma dúvida de que uma grande mudança tinha acontecido ao rapaz, porque ele apareceu na entrada assim que nós nos aproximamos, com toda aparência de jovem esfuziante. Já não tinha mais aquela languidez triste de ser vista, tão comum em tais casos.

'Bem, Roger,' disse Ruth, 'você parece pronto para qualquer coisa.'

'Assim é como eu sinto, Ruth. Agora, Monsenhor, o cérebro velho está lúcido e eu quero saber muitas coisas.' Ele agarrou cada um de nós pelo braço e nos segurou em um aperto firme.

'Omar lhe deu certamente força, a julgar pela pressão,' eu observei. Ele riu, e era bom ouvir isso, porque mostrou, mais que qualquer outra coisa, que o rapaz estava agora livre, e que nossa seqüência da tarefa seria o simples apresentar às maravilhas do mundo do espírito, sempre uma ocupação agradável, a despeito de já termos feito inúmeras vezes desempenhos semelhantes.

'Venha, meu menino, e comecemos no telhado.'

'No telhado? Para que, na terra, nós queremos ir ao telhado?'

'Na terra, Roger, meu rapaz, não há nenhuma razão para isso. Porém, eu sei o que você quer dizer. Venha, e espere até que você chegue lá antes de fazer qualquer observação rude sobre isto. Agora, então, ao telhado!'

Subimos os degraus até o piso superior. Aqui há uma passagem, e na metade do caminho existe um patamar no qual surge uma pequena escadaria até uma porta que dá para uma laje plana. Aqui apresentamos ao olhar surpreso de Roger a mais soberba visão da zona rural, um território vasto que estende até muito longe.

'Agora, Roger; fixe seus olhos nisto. Você já viu qualquer coisa assim, ou igualando a isto, mesmo remotamente, em beleza?'

O menino ficou calado para um minuto ou dois, percorreu um círculo fazendo a volta. 'Céu cheio de graça,' disse.

'É isso,' disse Ruth, 'essas duas palavras são uma descrição completa, se é que há alguma.'

'Agora, Monsenhor, Ruth - não importa qual de vocês - mas um de vocês *tem* que me contar o que é isso tudo. Todas essas pessoas, por exemplo. O que estão fazendo eles?'

Nós podíamos ver muitas pessoas espalhadas na paisagem rural, umas poucas mais perto, outras a uma distância; alguns em grupos pequenos, outros em maiores, sentados ou caminhando sós.

'Todos estes que você vê estão cumprindo suas tarefas variadas, ou, talvez, nenhuma tarefa definida. Olhe lá para aquele pequeno grupo que está sentado em baixo da árvore grande. Eles podem estar fazendo várias coisas, desde uma conversa agradável, tagarelando somente entre amigos, ou talvez um deles está fazendo isso que a Ruth e eu estamos fazendo agora por você: - apresentando-o para o mundo espiritual. Não importa o que estejam fazendo, ninguém lhes falará que não deveriam estar ali e que deveriam sair.'

'De alguém que seja absoluta e positivamente ocioso, penso que você não achará nem um rastro, Roger, porque ninguém, até onde pude descobrir, e a Ruth e eu uma vez escarafunchamos em todos os tipos de lugares, ninguém sente a mais leve inclinação para não fazer nada, simplesmente em virtude de ter uma natureza indolente. Não há ninguém de natureza indolente aqui. Nós sempre estamos ocupados de algum modo, mas isso não significa que esta é uma vida de trabalho eterno, contrariando o velho - e ainda atual - conceito - de descanso eterno. Todos nós, cada um de nós, temos nosso tempo de lazer, e ninguém virá para nos falar que está na hora para começar a trabalhar novamente, no senso terrestre. Nós temos toda a recreação de que precisamos e desejamos, e vamos e voltamos como nos agrada. O que a Ruth e eu estamos fazendo agora, aqui neste telhado, é uma forma muito agradável de recreação a nós ambos, e uma mudança agradável de nossa ocupação principal. Poderia achar que nós estamos gastando tempo - qualquer um que não souber. Mas, sabe, Roger, há milhões como nós aqui - sem aglomerações, como pode ver - como há bastante o que fazer, há bastantes pessoas para fazer tudo isto.'

'Bem, isso é bastante simples, Monsenhor, mas isso me faz desejar saber o que eu vou fazer.'

'Então deixe de desejar saber, meu querido,' respondeu Ruth. 'Bom rapaz, você acabou de chegar aqui. Espere até que esteja aqui tanto quanto nós estamos, então verá que nunca há esta terrível pressa para buscar algo.'

'Há quanto tempo você está aqui, então, Ruth?'

'Oh, chegando aos quarenta anos!'

'E você, Monsenhor?'

'Quase o mesmo tempo. Poderia haver uns dez minutos de diferença entre nós! Você vê, nós somos realmente residentes veteranos.'

'Há quanto tempo Omar está aqui?'

Ruth e eu trocamos olhares e demos gargalhadas...

'Omar está no mundo espiritual há uns dois mil anos, Roger. Eu penso que eu devo retirar o que disse sobre sermos residentes veteranos.'

O rapaz gostou de nossa piada insignificante, o que ajudou a caminhar melhor na estrada de autoconfiança e bem-estar.

'Agora, Ruth, indique as vistas para o Roger.'

'Você vê aquele edifício grande com a torre de luz azul caindo sobre ele? Isso é uma casa de repouso imediato para as pessoas, depois que chegam aqui. Você poderia ter ficado lá. É muito bonito, e você teria sido bem cuidado, com toda a brandura do mundo.'

'Então por que eu fui trazido para cá?'

'Você não está sentido, está?'

'Não, de jeito nenhum; eu jamais poderia!'

'A sugestão de trazê-lo para cá veio da pessoa em particular que nos envia para as nossas várias incumbências para ajudar as pessoas, quando estão chegando neste mundo. Ele pensou que seria uma idéia boa, e nós não sonharíamos questionar a sua sabedoria. Não seria a primeira vez que isto aconteceu, de qualquer forma; muitas pessoas já deram seu primeiro pio no mundo espiritual reclinados naquele sofá, escada abaixo. É bom para eles, e é bom para nós.'

Roger apontou para as casas de todos os tipos que podiam ser vistas, algumas quase sumidas entre as árvores, outras em local mais aberto. 'De quem são?' perguntou.

'Pertencem ao povo aqui. Uma vez você tenha o direito de possuir uma casa, não há nada que lhe impeça de ter uma. Tudo é possuído nas mesmas condições aqui, não importa o que seja – igualmente com suas roupas de espírito. Isso não significa que você teria que andar nu por aí se, por causa de algum engano, você não tivesse o merecimento de possuir roupas! Leis naturais aqui trabalham de um modo racional.'

Entrei na conversa: 'Não é todo mundo que possui uma casa aqui, Roger. Algumas pessoas não querem se aborrecer por ter uma - entretanto *aborrecer* não é a palavra exata para se usar, como se alguma casa, grande ou pequena, possa ser possivelmente alguma preocupação no velho sentido terrestre. Mas há gente que não sente a necessidade de uma casa, e assim eles não têm uma. Perfeitamente simples. Para começar, o sol está brilhando sempre, nestas e outras regiões, não há nenhum vento desagradável ou frio. Sempre é o mesmo calor imutável, invariável, cordial que você pode sentir agora. Assim não há nada contra o que nós precisamos de proteção como na terra, quanto aos elementos. Para a privacidade, bem, há miríades de locais - você pode ver alguns deles daqui - que proverão toda a solidão que provavelmente você queira.'

'O que são esses edifícios grandes, a tão grande distância?' nosso amigo perguntou.

'Esses são os vários prédios para aprendizagem na cidade. Na realidade, isso é a cidade. Tudo sobre o conhecimento será encontrado em algum lugar lá, e podem ser feitas mil realizações por lá. Você pode se tornar um técnico em quaisquer das variadas ocupações que são parte da vida do mundo espiritual.'

Assim nós continuamos, indicando coisas inumeráveis para o Roger, explicando isto, provendo razões para aquilo, e trazendo um entendimento mais claro para uma mente jovem que tinha deixado a terra - como tantos fazem - sem total conhecimento da parte mais importante do Universo - o mundo espiritual.

Ele podia ver, espriada diante dele, em um espaço aparentemente ilimitado, a zona rural estupenda, com o verdor luminoso, o colorido rico que abunda em todos os lados, as ondulações suaves conduzindo à água brilhando de um lago ou de um rio. Os jardins cuidadosamente mantidos, as flores, os pássaros, toda a natureza divinal - com o céu azul sobre tudo.

Eu sugeri que agora fôssemos escada abaixo. Roger admirou a limpeza e o conforto dos vários quartos que ele espiou em sua descida, e quando nós chegamos ao andar térreo que ele conheceu tão bem, ele adentrou num assunto que podíamos ver que estava em sua mente .

'Onde, Monsenhor, eu terei que viver?'

'Você não terá que viver em nenhum lugar em particular, Roger,' respondi. 'Você pode viver onde gosta, entretanto eu entendo que você não tem nenhuma casa própria. Você poderia ter uma, se desejasse, mas você gostaria? Teria de gostar de morar sozinho, embora você teria bastantes visitas de um modo e outro. Aqui você não ficaria sozinho, na verdade, e teria que pisar para fora de sua porta para achar as pessoas que logo afugentariam a solidão. Ainda mais, a Ruth e eu sabemos o que você quer dizer, assim eu gostaria de fazer esta sugestão, se ela combinar com suas próprias idéias sobre o assunto. Você se importaria de morar nesta casa conosco? Você veja o tamanho dela - há bastante espaço para ofertar. Há todos os tipos de pequenas coisas que o interessam, sem ter que ir para fora. Fique aqui, contanto que você deseje, e esteja seguro de uma coisa: nunca duvide de ser bem vindo'.

'Nós não podemos prever o futuro absoluto, e o tempo, como você já terá adivinhado até agora, é levado em pouca consideração. A Ruth e eu, com Edwin, com quem você ainda não se encontrou, temos feito este trabalho, entre outras coisas, durante anos até agora. Parece que provavelmente continuaremos, cada vez mais anos adiante. Nenhum de nós está cansado disto. Mesmo assim, se nós mudássemos nosso trabalho, nós ainda desejaríamos ter

nossa casa aqui.

Progresso espiritual é outra questão, Roger. Quando nós vamos para mais alto - ou mais longe, ao longo do estrada - nós passamos para outros quartos. Nós não precisamos pensar neles no momento. Una-se ao nosso pequeno lar. Em outras palavras, permaneça onde está. Isso não deve ser difícil, já que você não tem "posses".

O menino começou a expressar sua gratidão, mas nós o impedimos. Não havia nenhuma necessidade de palavras; os pensamentos dele eram suficientes.

'Isso está resolvido, então,' disse Ruth, 'e agora, Roger, conte-nos o que *você* pensa das coisas.'

Nosso amigo sentou-se em uma cadeira confortável e olhou, consideravelmente confuso. 'O que não consigo imaginar,' ele disse, finalmente, 'é como tudo isso que vocês me mostraram se encaixa com a religião? Não me foi ensinado muito, e nunca soube o que esperar exatamente...'

'Você não é o primeiro a desejar saber sobre isso, Roger. Milhões fazem o mesmo. A Ruth e eu também quisemos saber isso. Nós estávamos em nenhuma situação melhor que a sua. O que acontece é isto: quando você está na terra, este mundo espiritual inteiro é considerado como a "vida depois de morte", o "próximo mundo", e é visto somente sob o ponto de vista religioso, excluindo-se uns comparativamente poucos *selecionados*. Eu os chamo de selecionados porque esses poucos sabem da verdade - não toda a verdade, naturalmente, mas a suficiente para o conforto absoluto. As religiões da terra assumiram direitos sobre esta vida, para os quais eles não são designados. O transcurso de terra para o mundo espiritual não é um dos afazeres religiosos. É um processo puramente natural, e que não pode ser evitado. Viver uma vida boa na terra não é um assunto religioso. Por que deveria ser? Você viu sinais desse tipo de coisa aqui, Roger? Ainda mais, quem ousaria dizer nós não temos boa vida, uma vida decente aqui?'

'Então pense no número total de religiões na terra. Há milhares, só entre os cristãos, e todos acreditando em algo diferente uns dos outros.'

'Eu li em algum lugar que nenhuma religião possui toda a verdade, mas que cada tem um pouco dela, de forma que todas juntas teriam a verdade entre elas. Não é assim, Monsenhor?'

'É assim. Eu já ouvi falar sobre esta teoria, mas pense no que isso envolve. Primeiro, como é que você vai apontar o que é a verdade no meio de todo o resto das reivindicações de qualquer Igreja em particular. A pessoa vai estar contente com aquele fragmento, se puder ser descoberto, ou tentar fazer o impossível e unir todos os corpos religiosos esparramados por sobre a terra, e assim chegar em toda a verdade - entretanto você teria o extremo trabalho de separar a ovelha falsa das cabras verdadeiras?'

O menino deu uma risada alta.

'Você pode rir, Roger, meu menino, mas é para essa finalidade que se vai.'

'Sentando aqui nesta cadeira, neste quarto, realmente no mundo dos espíritos, parece uma longa e terrível caminhada desde o sentar em uma igreja no domingo, como às vezes costumava fazer.'

'Só às vezes?' interpôs Ruth; 'isso faz de você um jovem malcriado!'

'Eu sei o que você está pensando,' eu disse; 'aqueles domingos na igreja, com o clérigo, e o coro cantando, e o sermão - e a coleta, não esqueça isso! Especialmente os sermões, que não pareciam ter qualquer conexão com o que você sabe *agora*. Como poderiam ter, vindo de um ministro comum? Como você poderia esperar que uma pessoa - ou um vigário - pudesse instruir outros em um assunto particular, ou em qualquer assunto, quando o tal instrutor não sabe nada, literalmente, sobre isto? Essa é a dificuldade real: Ignorância, ou falta de conhecimento. Ainda que saber seja o trabalho dele, o trabalho do ministro. *Eu deveria ter sabido, mas não fiz*. Uma pessoa em minha posição na terra deveria ter capacidade de falar para uma pessoa na posição de Ruth, ou na sua, Roger, tudo o que nós sabemos neste momento. Há muitas oportunidades para se descobrir.

Isso é triste, miserável mesmo, quando você começa a pensar nisto. Aqui está este mundo magnífico onde estamos vivendo, e na terra tudo foi amortilhado e obscurecido com um monte de convicções extraordinárias, condições, limitações, conceitos errados, e eu não sei o que mais, além disso. Um mundo não pode ser conciliado com o outro. Como óleo e água, eles não se misturam. Como essas duas substâncias, não há nada com que se emulsifiquem, como se diz. Eles não devem ser fundidos.

'Estranho como as religiões da terra assumiram uma autoridade acima de nós - assim eles pensam, não é? Eles não nos consideraram em termos de realidade sólida, de viver racional, de respiração, trabalhando, jogando, ajudando um ao outro. Eles olhariam naquele pássaro que você tem lá, Roger, como sendo muito ultrajante, absurdo demais para suportar tal pensamento, mesmo que remotamente. Mas aquele pequeno companheiro cinzento também faz parte da vida nestas terras, e uma bela parte. Quanta gente tem seus animais como verdadeiros amigos na terra, parte mesmo de suas vidas? Milhares, mas a mesma coisa nos seria negada aqui, se seguíssemos algumas pessoas da terra. Não é *religioso*; não é o que a pessoa procuraria em reinos espirituais. Não é o tipo de coisa que Deus permitiria, porque é muito terreno e frívolo. Isso nos remete àquele anjo apavorante sobre o qual eu falei com você, Roger, quando você mal tinha aberto seus olhos, deitado no sofá.'

'A coisa inteira pode ser resumida desta forma, Roger, meu menino: as religiões terrestres não sabem nada sobre este mundo, nada sobre a vida que vivemos. Eles não parecem poder conceber em suas mentes qualquer tipo de visão ou imagem do que poderíamos, concebivelmente, ser. Mas eles têm certeza do que não pode ser - com que autoridade ninguém sabe - que não pode ser nada *assim*. Nenhum homem na terra estaria preparado para sugerir - se

ele tivesse sanidade - que a única coisa para se buscar é uma vida de não-fazer-nada para toda a eternidade, num lugar ou região simplesmente vaporosa, um nada. Só o pensar numa tal existência - e seria apenas isso – deixa-lo-ia imerso num horror profundo, e o faria decidir que ele não desejaria sobreviver sob tais condições horríveis. E ninguém poderia culpá-lo.

'Agora, Roger, vamos sair e fazer uma pequena visitinha. Traga o pássaro com você. Ele pode lhe mostrar o caminho sem nós. Venha.'

4. UMA VISITA

Nosso passeio pela zona rural foi outra revelação a Roger, não só pela sua beleza e encantos, mas por causa das muitas saudações amigáveis que recebemos por todos os lados. Estas, nós as recebemos principalmente de gente que era completamente “estranha” para nós, e o menino achou que éramos parte de um amplo círculo de amigos, mas nós explicamos que isso, se estivesse só, ele teria sentido também, numa experiência semelhante.

'Nós não esperamos por apresentações formais aqui, Roger,' Ruth disse-lhe. 'Na realidade, nós não precisamos delas para nada.'

Nós passamos muito de nosso modo de ser e isso excitou o interesse e a curiosidade de nosso amigo sobre a sua vida nova, (muito disto eu já contei a vocês), até que, finalmente, nós alcançamos nosso destino.

Era uma habitação um tanto grande, construída entre jardins os mais bonitos, com muitos canteiros, espelhos d'água brilhantes e árvores inumeráveis. A própria casa era um edifício retangular, com janelas amplas e uma entrada central, mas sem qualquer ornamento arquitetônico marcante em seu exterior. Parecia combinar, na aparência externa, o duplo propósito de ser uma casa e um lugar de trabalho.

O material com o qual o edifício foi construído era, nem preciso dizer, daquela matéria pura de ordem espiritual que verdadeiramente vive em seus tons soberbos de cores, comparando-se com a estagnação pesada dos tijolos e argamassa terrestres.'

Esta foi a primeira visão mais próxima que Roger tinha tido de qualquer coisa grande como um edifício, e ele não pôde resistir ao impulso de passar a mão na superfície da 'pedra'.

'É bastante real, Roger,' disse a Ruth.

'Sim, mas está morno,' ele respondeu; 'pelo menos, não está frio!'

Nós rimos pelo entusiasmo de nosso novo amigo, que tinha algo de novidade, apesar de que já experimentáramos esta mesma cena inúmeras vezes.

A esta hora, nossa chegada já tinha sido percebida e nosso anfitrião estava nos esperando à porta da frente. Era, aparentemente, um índio americano, bonito e imponente, alto e digno. Ele nos acolheu amavelmente quando lhe apresentamos Roger. Explicamos que ele era recém-chegado, que o tínhamos trazido a estes reinos, e que agora agíamos como seu cicerone.

'E assim,' disse nosso anfitrião, com um riso alegre, 'você me incluiu entre as paisagens.'

Apressamo-nos em negar qualquer intenção não lisonjeira como essa, o que só fez nosso amigo rir cada vez mais, quanto mais o envolvíamos em nossas explicações! Afinal, Ruth disse que nós tínhamos de desistir, já que o remendo ficava rapidamente pior que o buraco.

Deveria ter mencionado que nosso anfitrião tinha aprendido o suficiente de nossa língua-mãe para propósitos práticos com relação ao trabalho dele, e ao transcrever as palavras dele, omiti certas irregularidades lingüísticas que causam a seus amigos - e admiradores - da terra uma imensa alegria, e que, claro, divertem o orador da mesma forma! A maior parte de nossa conversação acontece pelo pensamento, - somos velhos amigos -, assim ele se revela a nós como a pessoa instruída e culta que é.

Como a grande maioria da raça dele, ele reteve seu nome pitoresco, com alguma adaptação para as condições e as circunstâncias do mundo espiritual, de forma que ele é amplamente conhecido nestes e outros reinos de luz como Asa Brilhante, sendo o “brilhante” a adaptação à qual eu há pouco me referi. É auto-explicativo nisso - e o significado deve-se ao fluxo de luz que o observador vê saindo de seu cocar.

Meus amigos da terra podem desejar saber por que deveriam ser usados cocares emplumados num lugar como o mundo espiritual. A resposta é simples: tudo aquilo que é bonito é preservado, e porque alguma característica, bonita por si mesma, pertence à terra, não há nenhuma razão por que deveria nos ser negada nestas terras. O fato é que *não* nos negam isto, nem nós nos negaremos qualquer coisa por causa, - ou por temor -, da desaprovação das pessoas da terra.

Se a verdade for contada, nós não ligamos a mínima pelo que as pessoas de terra podem pensar sobre o que fazemos ou não fazemos, e certamente não receberemos ordens de tais mentes inferiores, ou, de fato, de nenhuma espécie de mentalidade da terra! Nenhuma pessoa por aqui é forçada a se submeter a qualquer coisa que desaprove. Todos têm a liberdade de buscar outro lugar, a fim de evitar ofensas às suas suscetibilidades. Igualmente, ele sempre terá a liberdade de sair de sua obscuridade - ou exclusão - se sentir, eventualmente, que estava enganado. Isso é o que sempre acontece!

O cocar, então, de nosso anfitrião é muito bonito, exibindo uma série de matizes do arco-íris, nas nuances mais delicadas. As penas com as quais é construído não foram retiradas de um pássaro. Elas teriam que ser retiradas de um pássaro vivo, se fossem mesmo retiradas - uma suposição impossível e indigna - já que não há nenhum pássaro morto no mundo espiritual. Então, todas as penas são fabricadas com a substância do mundo espiritual, e formadas por mãos e mentes hábeis com uma verossimilhança absoluta ao padrão real. Devo acrescentar que tal adorno de cabeça não é usado constantemente, mas apenas nas ocasiões mais formais.

Nós já tínhamos explicado a Roger que o trabalho principal de Asa Brilhante era de curandeiro de seu povo

encarnado, trabalho esse que ele continua, agindo através de um instrumento terrestre. Além disso, ele é um grande experimentador, procurando métodos novos para a aplicação dos vários recursos que ele domina, em muitas combinações diferentes.

Nosso anfitrião nos convidou a entrar e, conhecendo algo de minhas predisposições para colher informações relativas às atividades de nossa vida aqui, ele percebeu, - ele disse-, que nós desejávamos ver algo do que estava acontecendo no seu departamento particular.

Nós adentramos em um apartamento muito agradável, por todos os detalhes, o próprio 'retiro' particular dele, e lá ele explicou que, aparte do trabalho atual de cura, também treinava outros para as artes, principalmente jovens, muitos deles quase da idade de Roger, informou.

Ele nos conduziu então no 'estúdio' dele, e fomos apresentados a vários jovens, os seus estudantes, e novíços, como ele os descreveu.

Era uma câmara espaçosa; num dos lados havia muitas variedades de frascos, vidros e jarros pequenos, cada um deles contendo alguma substância, numa gama extensa de cores. Havia muitos diagramas grandes descrevendo as partes diferentes do corpo humano, enquanto vários modelos anatômicos coloridos estavam expostos em outras partes da sala.

'Você entenderá,' explicou nosso anfitrião, 'que é essencial para nós sabermos todas as partes da anatomia humana e as funções do corpo, juntamente com as muitas doenças de que as pessoas de terra sofrem, antes que possamos até mesmo começar a curar. Nós somos nada diferentes, a este respeito, dos doutores da terra. Nossos métodos de tratamento, claro, são completamente diferentes. Nós usamos materiais e forças que os doutores de terra não possuem. Eles pertencem puramente ao mundo espiritual.'

'Nossos métodos são muito mais simples. Por exemplo, olhe para os recipientes de vidro nessas estantes. Eles contêm vários unguentos para curar um número enorme de sintomas. As cores que você vê têm pouca significação em si mesmas no atual assunto de cura. Elas são usadas para distinguir cada unguento, e o valor especial da cor é revelado quando nós misturamos um componente com outro, para que, assim que começemos a mistura, naturalmente haja mudanças nas cores, da mesma maneira que as cores do artista mudam conforme ele mistura os seus pigmentos. Assim, você vê que nós podemos saber imediatamente a quantia precisa de qualquer substância que está sendo misturada com outra, apenas pelo tom da mistura. Deste modo, nós podemos modificar, aumentando ou diminuindo a quantidade de uma substância ou outra, de acordo com as exigências particulares do caso que estejamos tratando.'

'Para os que têm bom olho para cores, estas misturas dão um prazer e alegria muito grandes, pois nossas misturas produzem uma gama quase ilimitada de belos tons.'

'À parte de aprender o A B C da arte curativa, meus amigos estudantes aqui também me ajudam a achar misturas novas, e com isto podemos achar um bálsamo curativo novo para nossos amigos de terra e suas doenças. O que você vê nas estantes são amostras de substância meramente espiritual. Quando nós assistimos um caso, onde quer que possa ser, nossos materiais sempre são misturados na hora. Por nossas experiências prévias e nosso conhecimento, saberemos que cores misturaremos para serem usadas, e assim nosso medicamento estará nas suas proporções certas.'

'Isso é apenas uma parte de nosso método de tratamento. Outra é através de raios de luz, que nós não podemos pôr em frascos e garrafas em nossas estantes. Nós podemos lhe *mostrar* o que acontece, entretanto.' E virando-se para Roger. 'Você viu, meu filho, perto da casa de Monsenhor, um edifício grande com um raio azul luminoso fluindo nele? Viu. Aquele raio azul tem um efeito calmante nas pessoas de terra, como também em nós daqui. Deixe-me mostrar para você. Fiquem em torno de mim, meus amigos.'

Nós rodeamos nosso anfitrião em um círculo pequeno. Num momento percebemos uma luminosa faixa azul de luz descendo sobre nós, e sentimos imediatamente seu efeito calmante, - não, claro, que estivéssemos *precisando* disto!

Asa Brilhante reduziu a faixa a uma pequena réstia de luz, enquanto focalizou-a sobre a mão de cada um de nós.

'Vocês vêem,' disse, 'nós podemos dirigir a luz para qualquer área, e em qualquer largura que desejarmos, desde uma larga faixa até este raio pequeno. Depende da natureza do problema com que estejamos trabalhando.'

Era fascinante assistir às manobras e manipulações da luz, onde quer que se deseje que caia.

'Agora, aqui temos outro tipo de raio. Assista a isso!'

A faixa azul cessou e, em seu lugar, desceu um vermelho luminoso.

'Esta,' ele explicou, 'é uma luz estimulante, provê energia: constrói não somente uma parte afetada depois de um tratamento, mas o corpo inteiro, e isso é muito necessário na terra neste momento. Nossos amigos não precisam temer, pois nós atendemos rapidamente!'

Havia uma sensação distinta de calor no raio vermelho, e Roger observou isto.

'É assim mesmo, meu filho. Normalmente precisa-se de algum calor quando da aplicação do raio vermelho, mas nós temos raios de calor especiais, quando trabalhamos só com calor. A cor destes raios é mais para o propósito de se distingui-los, apesar de que a cor ajuda. Mas a força realmente está no próprio raio, em lugar de estar na cor.'

'Bem, agora penso que você viu tudo, exceto uma demonstração de nosso trabalho, e que, temo, não poderemos

fazê-lo aqui. Mas preciso apresentá-lo para a minha família. Venha para o jardim.'

Nosso anfitrião abriu uma porta que dava diretamente para o jardim, e fomos ao ar livre. Virando à nossa esquerda, entramos em um jardim mais primoroso. Era muito largo e com duas paredes longas dos lados. Nosso amigo explicou que estas paredes não eram para estabelecer seus 'direitos territoriais', mas somente esconder da vista as outras terras além. Além disso, eles formaram um apoio perfeito às plantas altas e arbustos que floresciam bem à sua frente.

Espaçadas de forma igual ao longo do comprimento das paredes, havia aberturas bastante largas sob arcos arredondados, produzindo no total um efeito agradável de Antigüidade. Havia muitas grandiosas árvores que florescem no pleno vigor de seu crescimento celestial, livre dos ventos que deformam tanto as árvores na terra, e que aqui exibem a sua *verdadeira* forma na natureza não-agressiva.

No centro desta clareira, havia uma lagoa de lírios abaixo do nível do chão, com calçadas largas pelos entornos.

Não podíamos ver nenhuma evidência de família, mas, respeitando a uma chamada de nosso amigo, atravessamos, saltando no extenso gramado, duas lindas criaturas, uma era um grande cachorro, e o outro, um puma.

Eu omiti mencionar-lhes que, conforme nós saímos do laboratório, o pequeno pássaro que Roger tinha nas mãos, voou em linha reta para uma árvore enorme. Ele saiu agora, trazendo com ele um corvo e uma arara.

Asa Brilhante ofereceu os seus braços e os dois pássaros ali se empoleiraram imediatamente. O pássaro pequeno voou atrás de Roger.

'O que acha você de minha família?' Asa Brilhante perguntou. 'O cachorro, o corvo e a arara são meus. O pássaro pequeno que você tem lá, meu filho, pertence a amigos que ainda estão na terra, e este puma adorável, da mesma forma, pertence a um deles que também é meu instrumento na terra.'

As cores da arara contrastavam vividamente com o corvo negro e o macio e cinzento pardal.

Roger estava, obviamente, um tanto tímido diante do puma, sem dúvida por suas lembranças sobre este tipo de animal na terra, mas nosso anfitrião assegurou-lhe imediatamente:

'Você precisa ter nenhum medo, meu filho,' disse ele. 'Veja, ela não tem a selvageria característica dela, e não causa dano a ninguém.'

Ruth tinha se inclinado e estava acariciando e brincando com a criatura adorável que era, tão suave quanto um cordeiro.

'Ela não é a única deste tipo por aqui, de qualquer forma,' continuou nosso anfitrião, 'mas as suas inclinações são todas as mesmas: são animais inofensivos e brandos. Você vê, os animais têm dois fatores terrestres principais que não estão presentes quando eles vêm para este lado: a necessidade de comida que os faz atacar outros, e o medo das criaturas de sua espécie e dos humanos. Retire estes dois fatores e veja o resultado. Eles são uma grande alegria para nós - e para eles. Tente você, meu filho.'

Roger se ajoelhou ao lado de Ruth, e em um momento tinha perdido toda a prevenção, acariciando a pele grossa do puma.

'Ela é brava,' disse Asa Brilhante, 'e mantém sempre todos os outros "na rédea". Veja-a agora com o pequeno pássaro.'

Roger levantou sua mão e o pardal voou no ar, só a distância curta do chão, mas alto e provocante o bastante para estar fora do alcance do puma. A esta altura, ele voou de uma maneira um pouco irregular, para cá e para lá, sem parecer estar em qualquer curso direto. O puma saiu em perseguição imediatamente, e como o pássaro seguia em zig-zag, seu companheiro do chão tentou pegá-lo. A acrobacia que lhe obrigaram executar nos fez darmos risada, enquanto admirávamos a agilidade da criatura no chão. O puma nos espantava pelos saltos no ar, evidentemente seguro de conseguir pegar o pequeno amigo pela asa, mas errava sempre, pois o pássaro movia-se mantendo um afastamento de uma polegada ou duas, para esquerda ou para a direita.

'O que aconteceria,' perguntou Roger, se o puma realmente alcançasse o pássaro?'

'Ora, nada,' respondeu Asa Brilhante com um sorriso; 'seria impossível, até mesmo se eles não fossem os melhores amigos, mas claro que são. Não há nenhum inimigo aqui.'

Porém, o jogo terminou depressa, com o pássaro se abaixando até o puma e descendo sobre sua cabeça, e este trotou atrás de nós, rodando na grama, com satisfação evidente pelo desempenho.

Asa Brilhante virou-se novamente para Roger: 'Agora você sabe onde eu vivo, meu filho, eu espero que nos visite sempre que desejar. Meus meninos e eu sempre ficaremos felizes em vê-lo. Ou, se desejar, ande um pouco no jardim e desfrute-o com minha família. Você nem sempre os achará todos aqui; às vezes estes dois', disse ele elevando ligeiramente os braços com os dois pássaros grandes, 'e o cachorro vão comigo quando eu estou em minhas missões na terra. Mas você conhece o pássaro pequeno, e o puma de meu amigo está por aqui na maioria das vezes, e pronto para brincar!'

Roger ficou feliz com este convite, e agradeceu ao nosso amigo calorosamente, como fizemos Ruth e eu, por ele passar tanto tempo, tanto conosco e com nosso novo tutorado.

5. RELACIONAMENTOS ESPIRITUAIS

Enquanto passeamos juntos depois de deixar Asa Brilhante, era fácil perceber que Roger pensava bastante profundamente, ponderando, sem nenhuma dúvida, sobre o que tinha visto, tanto na casa como no jardim de nosso amigo.

Finalmente disse: 'O que me surpreende, é que tudo isso é desconhecido no mundo. Como tudo isso pode ser, existir, sem ninguém saber sobre tudo isto, é acima do que posso entender.'

'Por mundo, você quer dizer a terra, Roger. Não, tudo isso não é completamente desconhecido para as pessoas da terra. Alguns deles estão atentos a isto, mas em comparação com os milhões da terra, são só muito poucos.'

'E como *estes* sabem?'

'Porque lhes falaram, amigo Roger. *Nós* lhes falamos. Eu não quero dizer Ruth e eu, entretanto nós fizemos nossa parte microscópica no trabalho. Mas o contar tem levado anos. A terra nunca foi deixada para trás, sem alguém lhes falar sobre tudo isso. Ultimamente, o fluxo de revelações aumentou, mas você tem que se lembrar que um dos maiores estabelecimentos eclesiásticos da terra decretou, há muito tempo, que toda a revelação cessou quando o Último dos apóstolos passou pela terra. Desde então - silêncio. Você pensa que soa provável tudo o que você viu, até aqui, o modo de as coisas serem por aqui?'

'*Não*; eu *não* acho.'

'Contudo, esse é o fato. Outros acreditam que saber, ou até mesmo tentar saber, qualquer coisa sobre o "depois da vida" é contra as Sagradas Escrituras. Assim, há outro "fim de linha". "Não é preciso que saibamos. Se precisássemos saber, nos diriam" - é isso que essa gente diz. Mesmo assim, foi-lhes contado oficialmente; e no mesmo livro que eles dizem que é contra este conhecimento. Estranho, não é? Essa gente lê aquele livro piamente - talvez piamente demais - e não percebe que é cheio, literalmente cheio com conhecimento psíquico de todo tipo. Eles engolirão imensas quantidades de tudo isto, mas porque esses fenômenos ainda acontecem, *agora*, e eles não têm nada que ver com eles. Se fosse certo nesses tempos antigos - e era - então deve ser certo agora - e é. Oficialmente, claro, há o silêncio.'

'Você não acha que está nos interesses de qualquer religião saber, ou pelo menos tentar descobrir?'

'Sim, Roger; isso é o que você acha. A posição da terra é duramente esta. Nas duas Igrejas principais, dizem decisivamente, dogmaticamente, que qualquer um é um bobo se nega a existência de fenômenos psíquicos de todos tipos, mas com igual insistência dizem que a causa deles é nada mais que o diabo, ou alguns dos satélites dele. Isso é o que Omar quis dizer quando mencionou que há as pessoas agradáveis na terra que o chamariam - a ele e todos nós, os demais - apenas diabos. A noção inteira não é totalmente irracional para se pôr em palavras?'

'É, mas não pode ser feito algo sobre isto?'

A Ruth e eu sorrimos com o entusiasmo saudável e vigoroso de nosso jovem amigo.

'Roger, querido,' disse Ruth, 'seus sentimentos dão a você grande crédito. Nós ambos sabemos exatamente como você sente. O Monsenhor e eu tivemos a mesma experiência. Nós gostaríamos de ter juntado as cabeças tolas das pessoas e batido juntas para tentarmos incutir algum senso nelas, mas fomos contidos por mentes mais sábias que as nossas.'

'Agora,' disse-lhe eu, 'deixe-me lhe contar o que aconteceu com a outra Igreja importante que eu mencionei. Aquela Igreja estava de acordo com uma investigação neste assunto de comunicação com a terra, e ordenou ninguém menos que o próprio Arcebispo. Eles investigaram muito, e deliberaram muito cuidadosamente, e compilaram um relatório dos seus resultados. A maioria estava a favor, e declarou que a comunicação existia, na realidade. Esplêndido. Agora, Roger, se você gosta de uma piada - nós sabemos que gosta - fique pronto para rir ruidosamente: *o relatório inteiro foi suprimido oficialmente.*'

'Estranho, não é, como as pessoas não *querem* saber sobre nós e a vida que nós estamos vivendo aqui? Claro que há as pessoas muito malcriadas que dizem que, se aquele relatório fosse contra nós, teria sido publicado ao som de trompetes para ajudar. Eu ainda não lhe contei toda seqüela. O Arcebispo que ordenou a investigação e então ordenou suprimir o relatório, veio viver aqui desde então.'

'É um trabalho difícil, meu Roger, tentar desfazer algumas coisas que desejamos nunca tivéssemos feito. Aquele bom prelado tem toda a minha simpatia, porque eu mesmo também deixei para trás coisas que eu queria ter deixado inacabadas. Por grande fortuna, permitiram-me pôr tudo direito; não totalmente corrigido, entenda, mas o suficiente para fazer uma diferença muito pequena. E onde eu falei com vigor quando estava na terra, falei desde então com super vigor dobrado - uma força extra para compensar isto. Posso sentir agora, em minha mente, uma grande calma e uma satisfação que antes estavam faltando. Quando nós chegarmos em casa, eu lhe mostrarei um volume que foi a causa dos meus problemas terrestres há muitos anos atrás. Foi um material terrível!'

Ruth riu. 'Não se preocupe demais, meu querido,' ela disse, 'há coisas muito piores na terra que aquele livro velho - e *mais* tolas!'

'Essas duas Igrejas se interessam por este mundo - um interesse *religioso*, claro. Ninguém sabe o que precisamente esperar no caminho do após a vida. Deve haver um após-vida, naturalmente, mas eles não podem

sugerir nada que não insinue alguma descrição de uma vida essencialmente *religiosa*. Efetivamente, querem dizer que a vida da terra é a vida material *real*, e que a vida depois-da-vida é administrada em linhas santas de algum tipo. Certamente a atmosfera inteira teria de ser piedosa, e totalmente contrária ao que o homem se acostumou na terra. Nisto eles têm razão; esta vida é totalmente distinta da vida de terra, mas não do modo que eles querem dizer.'

'O que deve ser o fim de tudo, então? As Igrejas acharão a verdade eventualmente? Essa é uma grande pergunta. Da forma como são constituídas no momento, nada pode ser feito. Eles estão perfeitamente contentes como são. A primeira das duas que mencionei clama ser a verdadeira Igreja, e infalível. Lá não parece haver muita esperança. A segunda Igreja não possui nenhuma autoridade, entretanto. Dentro de amplos limites - muito amplos - seus associados podem pensar e podem acreditar no que gostarem. Os bispos têm pequena ou nenhuma autoridade sobre seu clero em assuntos de "fé". Há alguns ministros que, de coração, apóiam o mundo espiritual como ele é realmente, porque eles têm conhecimento espiritual vindo diretamente de nós. Mesmo se esta Igreja em particular se pronunciasse oficialmente em nosso favor, de nenhuma forma diríamos que o clero e os laicos fariam a mesma coisa. Há alguns que têm este conhecimento, e apóiam a Igreja *também* - com todas suas doutrinas estranhas. Nisso, eles estão tentando encarar ambos os modos de uma vez. Mas, quando eles vierem para cá, eles terão que enfrentar um modo só.'

'Você pode ver, Roger, que dificuldades há nas formas de se entrar no reconhecimento oficial com a verdadeira forma de vida no mundo espiritual. É por isso que a verdade está nas mãos de gente não *oficial*. Veja que conferência que sua simples proposição trouxe a você!'

Ruth sugeriu que nós nos sentássemos um pouquinho. Nós achamos um lugarzinho embaixo de uma árvore, num local mais acima, onde nós poderíamos ver a água brilhando ao longe.

'Não é uma pena, Roger,' disse Ruth, 'aqueles tantos milhões de pessoas na terra não saberem nada sobre esta terra adorável? E não parece ultrajante que, oficialmente, eles sejam advertidos para ficarem de fora, sem saber nada, e pelas razões mais tolas, estúpidas? Que dano, que possível dano faria saberem sobre todos nós e a vida que vivemos? Podem pensar que somos absolutamente desterrados, ou pessoas estranhas, se não há nada melhor para dizer. Isso me deixa furioso.'

'Agora, *não* vá com sede ao pote, meu querido,' eu disse. 'Esta ignorância por atacado não é uma coisa nova. Segue por centenas de anos. Esse é o verdadeiro problema. Vem desde muito longo tempo, de forma que pessoas construíram um modo de pensar, um modo religioso ou teológico, principalmente. Você sabe, Roger, não é assim tão surpreendente que centenas de pessoas, quando chegam aqui e descobrem a verdade, corram quase como um "vendaval" poderoso, querendo voltar para a terra para gritar a verdade à sua gente que ficou para trás. Alguns deles, na verdade, voltam, mas o resultado fica obscuro para ambos os lados. Suas vozes não podem ser ouvidas - isto é, ouvidas da forma que eles querem que sejam.'

'Considere, meu menino. A Ruth e eu poderíamos conduzi-lo a uma pequena localidade na terra onde poderíamos nos fazer reconhecidos entre velhos amigos. Nós poderíamos apresentá-lo a eles, e perguntarmos se eles mandariam uma mensagem sua para os de sua velha casa. Muito bem. O que aconteceria a seguir? Lembre-se que suas relações seriam completamente estranhas a nossos amigos, e, presumivelmente, sua gente não sabe nada sobre a comunicação entre os dois mundos, ou, se eles souberem, não acreditariam no que pode ser feito. O que você supõe seria o resultado quando nossos amigos se apresentassem na casa de seus pais, e dissessem que eles tinham uma mensagem do seu Roger? Você sabe bem o que aconteceria, porque você os conhece. Como um assunto de interesse, Roger, o que *aconteceria*?'

O menino pensou um momento. 'Eles seriam civilizados, pelo menos,' ele disse, 'mas um pouco severos. Provavelmente pensariam que seus amigos estavam loucos, se não completamente furiosos.'

'Eles não *parecem* loucos, Roger; assim eles poderiam escapar disso. Mas furiosos - sim, talvez, apesar de que não dão nenhum sinal evidente ou inconfundível disto. O que viria em seguida?'

'Eles poderiam pensar que isto tem um sabor chocante.'

'Ah, que seria difícil de superar. Gosto ruim que nossos amigos deveriam sentir na perda dos seus, e assim por diante. Então que mais?'

'Eu imagino que mostrariam a porta da frente para seus amigos. Depois disso, discutiriam isto entre eles, e iriam ver o vigário deles. Ele escutaria civilizadamente, e lhesalaria que *tinha* ouvido falar de tais coisas, mas que era melhor ficarem distantes disso.'

'É sempre isso, Roger! A mesma velha história, por toda parte, novamente, e alguém de nós tem que recontar, e continua recontando, para pessoas como eles, que chegam aqui aos milhares, e querendo voltar para a terra para falar.'

'O problema principal com as Igrejas é que eles não podem fazer com que a verdade sobre este mundo se ajuste dentro da teologia deles. Não percebem que estão fazendo as coisas do modo errado: eles têm que fazer a teologia deles se ajustar na verdade, e isso significa uma liberação plena de tudo o que não esteja de acordo com isto. No momento, eles preferem a sombra à substância; eles preferem credos, doutrinas e dogmas. Eles não são realistas - longe disto.'

'Coloquemos o assunto de forma ampla, cruelmente mesmo, se quiser. Aqui somos três de nós, seres humanos

que uma vez viveram na terra. Nós passamos a experiência de morrer, e agora estamos sentados no mundo espiritual, sobre uma relva encantadoramente macia, embaixo de uma árvore bonita, com toda a encantadora paisagem da zona rural sobre nós, e alcançando milhas de distância. É tudo inquestionavelmente real e sólido. Não é nenhuma experiência espiritual, no sentido religioso, mas uma "experiência cotidiana" de uma natureza muito comum. Nós estamos aqui - todos os três - porque, em virtude da herança espiritual do homem, é nosso direito estar aqui, e *não* pelo que acreditamos na terra, ou pelos méritos de qualquer Igreja em particular à qual pertencemos. Ruth lhe falará que deixou de ir à igreja. Ainda assim, ela está aqui conosco, e lhe contará que era uma terrível pagã aos olhos da Igreja dela. Outra Igreja a teria chamado de herege e de cismática, e condenada para, quem sabe, um lugar terrível pelos pecados dela.

'Quanto a mim, eu era padre da Igreja, e deveria ter sabido bem - mas não o fiz. Você, Roger, é jovem, mas acredito que não se tornou exatamente um pilar de sua Igreja. Agora entre nós, e estritamente do ponto de vista teológico, vocês dois não deveriam estar aqui, se este lugar estivesse reservado para gente como eu. Se minha teologia, e todas as doutrinas e dogmas que apoiei rigorosamente e preguei, trouxeram-me a esta região particular do mundo espiritual, então você dois não têm nada a fazer por aqui. Você não pode dizer, teologicamente falando, que qualquer um de vocês é o menos esperado para estar em minha companhia, pois você, Ruth, por conta de sua própria terrível confissão de não freqüentar nenhuma igreja nos últimos tempos de sua vida da terra, e você, Roger, era apenas indiferente a isto. É extremamente difícil eu julgar vocês, e resolver qual é o pecador pior. Vocês ambos pareceriam bem maus, e eu não teria que estar em sua companhia, ou nem vocês teriam que estar na minha. Mas o fato real é que vocês *estão* aqui, e eu também.'

'O qual é a conclusão? Há somente uma: que algo está errado com toda a teologia. A teologia não se ajusta aos fatos.'

'Vamos mais adiante. Quando estava na terra, Roger, você fez de sua vida diária uma "armação piedosa", sei que soa uma pergunta tola, mas fez isso?'

'Não, Monsenhor; certamente que não.'

'Claro que não, nenhuma pessoa racional o faz.'

A pessoa pode ter pensamentos agradáveis, pensamentos bondosos, e pode fazer ações agradáveis, bondosas, mas isso não é ser ou ter uma "maneira piedosa" de ser, e geralmente ser beato ou carola é completamente censurável. Agora, como você sente sobre as coisas neste momento presente? Sente-se diferente?'

'Nem uma partícula.'

'E assim, se um boletim fosse emitido, poderia se ler assim:

"Nenhuma mudança pode ser informada nas condições de Roger, a não ser que está se sentindo *perfeitamente* ajustado e em completa saúde. Ele está no mais feliz dos humores (e se sentindo bem), e neste momento está desfrutando tudo completamente - em sua face não há qualquer indicação do seu estado da mente. Ele gostaria de informar todos os teólogos que ele não sente nem a menor partícula de 'carolice' ou 'santidade', e é muito grato por se sentir ele mesmo, e ninguém mais". Você assinaria esta declaração, meu rapaz?'

'Claro, Monsenhor, sem dúvida. Eu não trocaria estas paragens pela velha terra.'

'*Intercambiar*, Roger, *intercambiar*. Você tem que entender que "trocar" é uma palavra que nunca seria usada por uma entidade desencarnada; esperam que você fale o idioma mais perfeito, completamente livre de toda a gíria e vulgaridades, e que tudo o que você diz deve ser profundo em sua natureza e pesado na substância. Isso é que é esperado de nossos comportamentos pela maioria das pessoas da terra, - os ignorantes. Agora o grande ponto é que há nenhum sinal evidente de devoção ou santidade, ou até mesmo de religiosidade a ser visto aqui, nem nós continuamos a citar as escrituras ou outros textos, nem estamos nos comportando de uma forma completamente antinatural.'

'Em resumo: nós não estamos morando numa instituição religiosa ou num mundo religioso, mas em um mundo são e sensato, de beleza incomparável, onde podemos trabalhar e brincar, como quisermos, e rir de coração aberto, e onde, acima de tudo, - e isto é vitalmente importante - *onde nós podemos ser nós mesmos*, e não como outros na terra, erradamente, querem que sejamos.'

'Não é estranho que, quando tive tantos púlpitos à minha disposição para pregar, eu não tinha quase nada para dizer - como eu vejo tudo isto agora? E agora que tenho tanto para dizer, não tenho nenhum púlpito.'

6. A LOCOMOÇÃO DOS ESPÍRITOS

Estávamos passeando vagarosamente quando Roger virou-se para mim, dizendo: 'Caminhar é o único meio de se locomover?' perguntou. 'Eu não vejo nenhuma estrada em qualquer lugar, e o campo parece estender-se por milhas!'

'Estende-se por milhas,' respondi; 'milhares delas. O que você quer dizer, Roger, é onde estaria o sistema de transporte, não é? A resposta é que nós cada um de nós leva nosso próprio sistema de transporte conosco, o mais eficiente e o mais rápido no universo. E está além de caminhar. Até aqui, nós confiamos em nossas duas pernas desde que nós o trouxemos para cá, mas tempo chegou, obviamente, de nós lhe mostrarmos o que realmente podemos fazer por aqui.'

'A locomoção pessoal é determinada pelo processo do pensamento, e é perfeitamente fácil de se fazer depois que se mostra uma vez como se faz; depois então se torna nossa segunda natureza. Pode parecer uma contradição nestes termos, mas o pensamento para a locomoção quase não requer pensamentos quando já estiver acostumado a isto.'

'Você pode se lembrar de quando você aprendeu caminhar na terra, Roger?'

'Não, não posso.'

'Eu suponho que haja não muitos que podem. Mas chegou um momento quando você pode manter-se verticalmente, sem cair. Desde então, você caminhou muitas milhas na terra, e um bocado de distância aqui também. Você já pensou nisto?'

'Suponha que você está sentado em uma cadeira e deseja subir e atravessar o quarto: você simplesmente sobe e caminha, sem pensar em todos os músculos que têm que ser controlados para fazer seus membros se moverem. Você faz tudo sem pensar, entretanto deve haver algum pensamento, obviamente, em algum lugar ou então você permaneceria cravado onde estava. Que linha em particular conduz o pensamento: que você tem que caminhar, ou que você deseja subir, ou que quer atravessar o quarto, ou todos os três? Não importa. Basicamente, o desejo é comunicar: o quarto - o outro lado do quarto - é seu destino. E isso é tudo que você precisa considerar por aqui, usando o processo de pensamento para se locomover.'

'No princípio, você tem que fazer um esforço realmente consciente; você tem que pensar nisto. Com uma pequena prática, descobrirá que, assim que pensar, estará onde deseja estar. Soa bastante fantástico, não acha?'

'É, um pouco.'

'É com esse tipo de coisa que o povo cético da terra gosta de se divertir, e geralmente de forma ridícula. Grande piada... e surgem as gargalhadas. Esse mesmo povo deveria ler suas Bíblias e estudá-las um pouco mais, e então fazerem suas inteligências terem suporte para o que leram lá.'

'Grande parte de nossos costumes daqui são fonte constante de diversão entre os encarnados, Roger. Tendo a terra como o padrão para tudo, inclusive para a vida, eles não podem imaginar nada melhor, nem diferente. Claro que eles considerarão "céu" como um lugar ou uma condição de perfeição, mas a perfeição, isso eles não conhecem, e não podem imaginar. Eu diria seriamente a tais pessoas que não desprezem nosso mundo espiritual e o modo pelo qual fazemos as coisas, a menos que eles estejam preparados para fazerem melhor. Se há qualquer característica, ou fator, ou lei, com as quais eles nos vençam, deixe-os sugerirem imediatamente algo melhor, ou maior ou mais sensato, e todos nós daqui, no mundo espiritual ouviremos alegremente, e faremos com que as sugestões deles atinjam o departamento certo.'

'Nós não precisamos, claro, nos preocupar desnecessariamente com eles. Se houver qualquer coisa para eles censurarem quando vierem para cá, eles terão a liberdade de partir, de removerem a si mesmos, deixando-nos o prazer de nosso próprio modo de vida; e quanto a eles, que recorram a outro lugar e criem seu próprio deserto - e vivam nele.'

Meus dois companheiros fizeram seus olhos cintilarem e eu caí na risada.

'Você sabe, Roger,' disse Ruth, 'o Monsenhor é muito severo em alguns assuntos. Ele retinha os olhos e as orelhas do público quando era padre, e desde que chegou aqui, ele faz a mesma coisa novamente, de um modo muito diferente. Ele sabe como é duro conseguir que as pessoas atirem fora as velhas e erradas convicções quanto à verdade, e isso realmente o constrange. Isso é, talvez, uma das penalidades, se se pode chamar assim, por se entrar em contato com a terra. Eu não sou assim, pois visito a terra ocasionalmente, com o Monsenhor, para dar assistência aos procedimentos e saudar nossos amigos de lá.'

'Os pensamentos são muito reais, Roger,' continuou, 'e podem facilmente nos localizar aqui, vindos da terra, tão facilmente e tão seguramente quanto podem nos localizar por aqui, entre nós. E os nossos também podem atingir as pessoas de terra, entretanto eles nunca os notam.'

'Talvez isso é que conta na sensação que tive. Não sei descrever, mas parece ser um tipo de ânsia, se me entende; um tipo de desejo para ir - bem, - não sei aonde. Oh, isto é tudo terrivelmente vago. Eu me senti estranho; não doente, mas inquieto, acho.'

'Oh, pobre Roger,' disse Ruth; 'penso que nós podemos diagnosticar sua "reclamação" sem dificuldade. O

problema é causado por amigos ou parentes, ou ambos talvez, enviando alguns pensamentos aflitos. É natural, eles devem sentir muito sua partida, entretanto a tristeza deles não é profunda, ou você teria sentido isto muito sutilmente, e isso teria sido problema. Eu duvido que este sentimento fique mais forte, mas se ficar, Roger, conte-nos e ajudaremos dispersar isto. Você não tem nenhum pesar pessoal, de nenhum tipo?'

'Nenhum, Ruth, agradeço-lhe.'

'Bom; isso é de grande ajuda.'

'Parece que vagamos um pouco, saindo da pergunta de Roger.'

Você recorda, Ruth, assim que chegamos aqui, como nós discutíamos a noção pitoresca de "seres" angelicais que têm asas? Idéia estranha, não é, Roger? A única coisa que se imagina é que, há muito tempo, as pessoas, especialmente os artistas, devem ter desejado saber como "os seres" angelicais conseguiam circular pelas paragens. Pernas pareceriam irracionais, fora de questão por serem mundanas demais, - quero dizer para o propósito de passear. Mas se a pessoa eliminou o uso de pernas, o que sobrou? Nada, assim imagino, e suponho que isso é que desnor-teou os artistas.'

'Anjos devem poder se mover; eles não podem ficar enraizados num local para toda a eternidade. Isso, supõe-se, levou algum gênio a inventar asas enormes para todos os habitantes do mundo espiritual. Eu acredito que o próprio Satanás ficou dotado de um par delas, já que, claro, era essencial para *ele* ser extremamente móvel para poder andar por aí, confortável e rapidamente, "buscando a ruína das almas", como está expresso numa bela oração.'

'Você pode imaginar coisa mais desajeitada e pesada que ter um par enorme de asas, fixadas em você em algum lugar da região das omoplatas? Eu não consigo.'

'Eu devo imaginar,' disse Roger, 'que um grande rebanho de anjos faria um vento terrível quando estivesse em vôo.'

'Roger, temo que você esteja sendo bastante irreverente, chamando um número grande de anjos de rebanho.'

'Bem, o que seriam, então?'

'Realmente não sei; não é fácil de achar uma palavra para o que não existe, exceto poeticamente, talvez. Mas você é severamente prático quando diz que uma grande multidão - isso é mais elegante que *rebanho*, perturbaria as condições atmosféricas, e isso é algo que os companheiros do artista nunca pensaram. É surpreendente como a idéia teve êxito originalmente e persistiu até o dia presente. O modo convencional de se retratar um ser deste mundo - e eles ainda não olham para nós como humanos; somente meio-humanos - e com duas grandes asas. Até mesmo simbolicamente é uma idéia bem pobre. Como meio de locomoção pessoal, asas seriam inúteis, uma impossibilidade prática, e nós deveríamos ser monstruosidades anatômicas. Todavia, nós não fomos construídos, obviamente, para tal aparato, as maravilhas do mundo espiritual glorioso.'

'Anjos como seres com suas asas fantásticas é outro dos muitos erros sobre o verdadeiro modo de ser das coisas no plano espiritual; realmente não é de se espantar que no fim, com todas estas idéias falsas, as pessoas nos considerem na terra como sub-humanos. Quanto mais alto avançamos no mundo espiritual, menos humanos nos tornamos, parece, e mais severos. Algum de vocês já viu um quadro de um anjo, ou uma escultura de um deles, especialmente em um cemitério, onde o artista tenha posto um sorriso na face dele? Sorrir não é celestial o bastante! Não é terrível para se pôr em palavras? Você não está feliz, Roger, que as coisas sejam como são, e *não* como poderiam ser se tivessem dado carta branca a umas pessoas?'

'Eu estou bem alegre, pensando assim,' concordou o menino.

'Um alto *Amém* para isso,' exclamou Ruth.

'Caso contrário,' acrescentei, 'teríamos que levantar todas as portas para permitir liberdade suficiente para nossas asas. A verdade é melhor que a ficção, neste caso, Roger, e a verdade de se mover sobre estas terras pelo processo de aplicação do pensamento é o mais simples e o melhor. Agora suponho que deva tentar.'

'O que tenho que fazer?'

'Só um pequeno pensamento. Você precisa não ficar alarmado. Todo mundo tem que tentar em algum momento. A Ruth e eu ficamos deleitados com os resultados quando tentamos pela primeira vez, e com você será o mesmo.'

Nós estávamos sentados na grama na ocasião, e sugeri que Roger desejasse estar perto de uma árvore que podíamos ver, distante uns metros.

'Você não precisa fazer um esforço gigantesco para ir, velho amigo,' disse eu; 'somente pensar firmemente que gostaria de estar debaixo daquela árvore lá - ou em qualquer outro lugar que você imagina. Eu sugeri a árvore porque não é muito distante, e você poderá nos ver facilmente de lá. Como "um bom início já é meia viagem", Ruth e eu enviaremos um pensamento com você. Agora, então, saia!'

Claro que ele desapareceu de nossa presença, como sabíamos que faria, e nós o vimos embaixo da árvore distante, de onde acenou para nós. Nós acenamos em resposta e nos reunimos a ele.

'Bem, desfrutou a viagem, Roger?' perguntou Ruth.

O menino riu: 'Não havia nada o que desfrutar; num segundo eu estava lá, no próximo, aqui. Mas é, entretanto, maravilhoso; não há como negar. Que sentimento maravilhoso de independência isso lhe dá. Como eu adoraria ter podido fazer isso lá na terra. Meu Deus, teria amedrontado a mamãe toda a vida, entretanto.'

'Sim, tem suas possibilidades na terra, e suas impossibilidades. Lá, revolucionaria a vida. Aqui faz parte da vida, e sempre foi parte dela, desde que há um mundo espiritual.'

'Agora me ocorre algo,' disse Roger; 'se seria possível eu me perder. Eu quero dizer, suponha que eu saia do contato com você ou Ruth; o que, então, aconteceria?'

'Você quer que suponhamos,' respondi, 'que Ruth ou eu o levássemos bem longe, a alguma localidade em particular, longe daqui, e então desaparecêssemos, deixando-o com seus próprios meios?'

'Sim, é isto.'

'Então seus próprios meios o tirariam de sua dificuldade muito bem, Roger. Não se perturbe, entretanto. Nós nem sonhamos em abandoná-lo numa soleira de porta, como se diz, deixando-o ali para outra pessoa achar!'

'Isto é precisamente o que aconteceria. Suponha num momento que você não pôde fazer a ligação com sua mente a qualquer tipo de lembrança de nossa casa; mesmo assim ainda há a ligação nos conectando entre nós mesmos - nós três. E se o pior realmente viesse a acontecer, em ocasião extrema, você apenas teria que concentrar sua mente em Ruth ou em mim, e você veria e sentiria uma resposta instantânea. De forma que, onde quer que estivéssemos, você poderia vir a nós. Eu digo que você *poderia* vir a nós, mas não viria, porque *nós* iríamos socorrê-lo - ou enviaríamos alguém. Você sabe, meu menino, Ruth e eu entramos em alguns lugares muito desagradáveis do mundo espiritual, lugares que nós não mencionamos a você ainda, e não seria bom você chegar lá.'

'Onde quer que a Ruth e eu pudéssemos estar, você sempre estaria em contato conosco pela mente. Claro que você não se esqueceu de nossa casa, seus arranjos e ambientes, por isso este assunto não preocupa. Meramente como hipótese, se você se esquecer, há a casa de Asa Brillante e sua família encantadora. Você quase nem lembra de tudo aquilo que vimos lá, e mesmo assim teria aquele refúgio no caso de falha de memória, e ele cuidaria de você.'

'Mas há uma coisa para ser considerada, apesar de que talvez não tenhamos mencionado, que é a impossibilidade de falha da memória. Isso soluciona seu problema de forma definitiva e por completo. Você não se esqueceu de nossa casa e todos seus pertences, não é?'

'Não, realmente não; está tudo muito claro em minha mente.'

'Exatamente; e assim permanecerá. Você não pode esquecer, porque o trabalho da memória é infalível. Eu sei que se pode imaginar todos os tipos de dificuldades ou dúvidas quanto a isto, mas elas não são substanciais, e não pode ser diferente. Alguém perder o ego, por exemplo: impossível. Esquecer algo ou alguém: igualmente impossível.'

'Você falou sobre um sistema de transporte, Roger, e sem dúvida tinha em mente os habituais meios terrenos de transportes: trens, ônibus, carros e assim por diante. Como você vê, não precisamos de nenhum deles para nos levar por estas terras.'

'Sim, mas suponha que queira mudar de casa. Como você levaria a mobília?'

'Bem, não deveríamos ter muita dificuldade; nenhuma dificuldade, na realidade, para a mudança. Nós podemos não ser gigantes aqui, Roger, mas temos poderes - e nós os usamos quando é necessário. Nós podemos, cá entre nós, mover toda a mobília de nossa casa com a maior facilidade, e sem sentir nada demais depois disto. Não teremos bolhas em nossas mãos, nem as costas cansadas! Nós poderíamos transportar o conteúdo inteiro de nossa casa uma dúzia de vezes, enquanto o povo de terra ainda estaria pensando no caso - e sem espalhafato ou quebras!'

'Nós movemos a casa quando sentimos que gostaríamos de viver em outra parte destes reinos. Não estamos necessariamente amarrados a um local, ou incapazes de mudar sem muitas formalidades. O fato é que, uma vez escolhido o local onde estará nossa casa, ficamos principalmente lá, pelo menos até o tempo de deixarmos o reino completamente. Mas não nos cansamos, ou seja, enjoamos de nossos ambientes, pela razão de que sempre há mudanças de algum tipo acontecendo, grandes ou pequenas, alterando ou aumentando o âmbito de nossas habitações. Por exemplo, nossa casa, como você a vê neste momento, não é exatamente como era quando eu cheguei. Com nossas várias atividades, pensamos que seria bom aumentar o espaço para ser mais conveniente, e assim nós construímos uns anexos, o apartamento bem grande que lhe mostramos, com as tapeçarias nas paredes, a grande mesa com cadeiras em torno, algo no estilo de "grande hall" das mansões antigas da terra - e do mundo espiritual também. Isso foi uma reforma.'

'Os jardins sofreram total reorganização. Ele, por si mesmo, foi uma ocupação encantadora levada a cabo por verdadeiros artistas em horticultura e design de jardins. Veja, mover nossas posses não é nenhum problema. Nós não precisamos de grandes caminhões e furgões. O mero esforço de uma pessoa pode mover a parte maior da mobília, porque todas as coisas, tudo neste mundo, estão dotadas de vida. Não há nenhuma coisa inerte, como lhe falei. Só nós já poderíamos remover o conteúdo inteiro de nossa casa - ou qualquer outra casa - sem a menor dificuldade.'

'Agora, Roger, gostaria de ir ver a cidade logo agora? Você só a viu lá de casa. Vamos? Caminhando - ou do outro jeito? De outro jeito, então.'

7. A CIDADE

'Ninguém parece estar com pressa,' observou o Roger.

'Isso é porque *ninguém* tem pressa.'

'Oh, claro; isso nunca me ocorreu.'

'É assim.'

'Se houver qualquer necessidade de se apressar, a pessoa pode estar "lá" tão rápido quanto o pensamento. Se não houver necessidade, então não há nenhuma pressa.'

Nós tínhamos chegado aos arredores da cidade, e estávamos num local suficientemente elevado para apresentar ao menino a 'metrópole' numa visão ampla. Donde estávamos, ele podia ver os vários edifícios imponentes, cada com seus jardins em volta e lagos em miniatura, partindo, como raios de uma roda, de um edifício central principal. Ele observou que não havia nenhuma estrada, mas, ao invés disso, havia ruas largas e *pavimentadas* com uma grama soberba.

Na cúpula do edifício central ele percebeu um cabo brilhante de pura luz descendente, e indagou o que era.

'Aquele edifício com a cúpula, Roger,' dissemos, 'é onde nós nos encontramos nas ocasiões mais formais para dar boas-vindas aos grandes personagens dos reinos mais elevados. Não é precisamente nenhum templo, entretanto a pessoa poderia chamar assim pela falta de um nome melhor. Nem é, especificamente, um lugar de adoração, como seria considerado na terra. Nós não mantemos nenhum serviço religioso lá. Quando nós nos reunimos ali para conhecer os grandes visitantes, a reunião inteira nunca leva muito tempo. As visitas deles são breves em regra, entretanto, naturalmente, ficamos confortavelmente sentados um pequeno espaço de tempo antes deles chegarem, e permanecemos ali por mais um tempinho depois que partem. Mas mesmo breves como são estes encontros, tudo o que é necessário se faz dentro daquele espaço curto de tempo. Nenhum tempo é perdido em algo "não-essencial" ou em formalidades inúteis! O facho luminoso que vê descendo sobre a cúpula está permanentemente lá.'

'Deve ser uma luz imensamente forte para poder ser vista nesta luz clara do dia.'

'É uma luz forte, não há nenhuma dúvida sobre isto, e considerando-se a fonte de onde vem, não é surpreendente. Vem da maior Fonte de tudo, meu Roger. Ainda assim, a própria luz não é ofuscante, não é?'

'Logo quando lhe falamos sobre a cidade, você esperava qualquer coisa assim, Roger?' perguntou Ruth, 'apesar de ser uma pergunta bastante tola,' acrescentou, 'porque você não esperava nada em particular - como tantas pessoas.'

'Eu não sei o que realmente esperava. Suponho que tive alguma coisa em mente, comparável com uma cidade da terra.'

'O segredo é que somos muito mais simples aqui do que a terra já pôde ser - a menos que a terra mude radicalmente seu modo geral de vida. Imagine você, Roger, os milhares de coisas das quais nós não precisamos aqui. Em um momento de folga, você poderia fazer uma lista de artigos que não são necessários para vida no mundo espiritual que alcançaria as dimensões do catálogo de certas lojas!'

'Pensemos agora. Começando com os apetrechos domésticos de uma casa. Comida, por exemplo. Nós não precisamos de comida, de forma que isso elimina uma industrialização enorme, que inclui todos os vários departamentos, comida e bebida, e todos os recipientes e utensílios para se fabricar, cozinhar e servir.'

'Nós nos provemos de nossas roupas pela ação de uma lei natural - outra indústria vasta dispensada.'

'O sistema de transporte, você já viu aqui!'

'Sua ausência é visível.'

'Bastante.'

'Então pense em todos os comércios e profissões que não têm nenhuma contraparte ou equivalente nestas terras.'

'Empresários, por exemplo,' sugeriu Roger com um riso.

'Ou políticos,' acrescentou Ruth.

'Não esqueça os padres e clérigos - até mesmo os bispos,' disse eu. 'Talvez seria bom não ser muito específico. Os empresários são os mais agradavelmente empregados aqui, e os políticos têm mais utilidade!'

'Como você pode ver, Roger, não há nenhuma loja,' mostrou Ruth, 'porque não há nenhum comércio de nenhuma espécie.'

'Então o que se faz quando se quer algo?'

'Como por exemplo...?'

'Bem...', refletiu um momento. 'Eu não sou capaz de pensar em nada,' concluiu, com mais surpresa para ele que para Ruth e para mim. Nós rimos muito.

'Isso é bastante estranho, não é, Roger? Você não parece querer nada. Essas roupas que você está usando são as roupas que tinha quando chegou aqui. A propósito, sempre que quiser, pode mudar para suas roupas espirituais próprias imediatamente. Como você está vestido agora, todo o mundo o reconhece como um recém-chegado. Se desejar parecer um antigo "residente", como eu e Ruth, terá que tirar as velhas roupas e vestir as novas. Aí está, pelo

menos, algo que você quereria, roupas espirituais para fazer a mudança.'

'Se há nenhuma loja ou alfaiates, o que farei?'

'Nada, ou, pelo menos, quase nada. Você gostaria de mudar o velho estilo, Roger?'

'Quero muito.'

'Então faça, meu querido menino.'

'Sim, mas *como*?'

'Temo que não possamos lhe falar *como* acontece, mas olhe para você, Roger. Seus olhos estiveram na paisagem diante de você. Agora olhe um pouquinho mais próximo.'

O menino assim fez, e ficou surpreso ao descobrir que as velhas roupas terrestres tinham dado lugar ao vestuário espiritual luminoso, pleno e livre, e combinando absolutamente com os ambientes. Ruth e eu fizemos o mesmo e, pela primeira vez, Roger nos viu em traje espiritual.

'Agora você pode ver, Roger, se tivéssemos aparecido em seu quarto sem voltar a nossas antigas vestes da terra... poderíamos tê-lo amedrontado.'

'Estou seguro disto,' disse ele. Ele levantou uma dobra de seu vestuário e examinou de perto, e observou que não parecia ter sido feito por mãos humanas.

'Não, Roger; nenhuma mão foi empregada para criar estes vestuários, mas Ruth e eu, honestamente, temos que lhe falar que não sabemos que processo natural entra em ação na fabricação deles. Há muitas outras coisas que nós temos que saber primeiro, e assim nós deixamos as coisas como nós as achamos. Quando você estava em terra, tentou analisar todas as coisas mortais que entraram seu modo em vida, e tentou descobrir como foi feito, e centenas de outras razões ou causas para sua existência? Eu estou seguro que não; nem Ruth nem eu o fizemos. Não há nenhuma razão por que deveríamos levar a cabo investigações minuciosas aqui, sobre a existência das muitas coisas que fazem parte de nossa vida. Seria problemático se nós devêssemos ser melhores por sabermos.'

'Nossos artigos de vestuário espiritual estão em uma classe por eles mesmos, entretanto. Você vê aquele edifício grande um pouco à direita de nós? Ele é chamado de *hall* dos tecidos. Lá você pode inspecionar milhares de materiais e panos dos mais maravilhosos, alguns deles representando os tecidos que estiveram na terra – em todas as partes da terra - durante o curso de centenas de anos. Outros são tipos de materiais peculiares ao mundo espiritual apenas, tanto em desenho quanto em textura.'

'Você viu as tapeçarias que estão penduradas nas paredes de nossa casa. Elas foram feitas pela própria Ruth no *hall* dos tecidos. Quando o *hall* nos foi mostrado pela primeira vez, Ruth viu muita gente feliz tecendo tapeçarias, e foi levada à mesma idéia. Desde então ela se tornou especialista na arte, como você viu em casa.'

'Não foi nada,' disse Ruth; 'você poderia fazer o mesmo, Roger, se você tivesse a mente apta para aquilo. Isso é uma das principais funções destes lugares, ensinar-lhe a fazer todas as coisas de maneira hábil.'

'O *hall* dos tecidos não pode provê-lo com roupas espirituais, Roger,' disse eu.

'Sinto-me terrivelmente ignorante ao ver todos estes pavilhões recheados de conhecimento.'

'Então não deixe que isto suma, meu querido menino. Afinal de contas, as pessoas podem sofrer a mesma emoção na presença de umas dúzias de volumes de uma enciclopédia, se chegar a isso. Nós não nascemos com um conhecimento vasto, tudo pronto, à mão. Ruth e eu nos sentíamos do mesmo modo quanto a isto, quando nos foram mostradas todas estas maravilhas em termos de conhecimento; e assim acontece com todo o mundo. Nós estamos todos no mesmo barco, Roger, assim nós podemos ser ignorantes juntos!'

'Eu tenho que dizer que as pessoas não parecem chateadas por isto.'

'Estes pavilhões são dedicados ao aprender, principalmente ao que na terra chamamos de artes,' expliquei; 'eu quero dizer pintura, música, literatura, e assim por diante. Coloca-se muita atenção nestas. Há, claro, muitas outras. Na terra, as artes são consideradas mais suplementares da vida do que necessárias. Elas poderiam ser dispensadas, entretanto a terra seria mais obscura do que já é. Aqui elas são vitais, e lhes são dados amplos campos de trabalho. Para se começar, tirando todas essas indústrias que nós tentamos enumerar agora mesmo, há liberdade para outras ocupações bem prazerosas.'

'Há uma coisa, Roger que você não verá aqui, no meio das artes, que são as monstruosidades musicais ou abominações na arte mascaradas como obras-primas. Não é que foram jogadas fora - elas nunca foram admitidas, e nunca serão. Não há fraude nenhuma por aqui, meu Roger. "Abandonem toda a presunção os que entram".'

'O que uma pessoa tem que fazer para ser admitido num destes pavilhões, Monsenhor?'

'Bem, caminhe através da porta da frente e não terá mais nenhuma dúvida. Dar-lhe-ão as boas-vindas com o maior entusiasmo, e fixarão o caminho para estudar tudo o que sonhou um dia. Assim a Ruth começou um dia, quase assim, com a tecelagem da tapeçaria dela. Ela perguntou se podia se unir aos outros para que lhe ensinassem a arte, e em seguida, *sem* qualquer formalidade, ela começou.'

'E nunca estive tão contente em minha vida,' explicou Ruth. 'As pessoas eram encantadoras, pacientes e bondosas, especialmente se você for "todos dedos, e dedos polegares", como eu era quando comecei. Monsenhor gastou muito tempo entre os livros na biblioteca principal. Esse é um lugar maravilhoso, uma vez que esteja interessado nisto. Há milhões de livros lá, sobre todos os assuntos debaixo do sol. Você alguma vez tentou pesquisar alguma coisa em uma enciclopédia, Roger, especialmente numa que tenha ilustrações boas?'

'Sim, bastantes vezes; é um negócio desesperador, há muito o que ver pelos caminhos.'

'Então você pode imaginar o que há lá na biblioteca. Se Monsenhor se perdesse nestas regiões, o primeiro lugar onde uma equipe de salvamento o buscaria, seria lá.'

'Vamos mais perto inspecionar alguns destes edifícios,' sugeri.

'Eles permitem que a gente entre, se quisermos?'

'Exatamente, *se quisermos*, Roger. Não se requer nenhuma licença, nenhuma hora marcada para abrir e fechar, pois estão abertos todos os dias - e isso não é difícil, já que não temos noite.'

'São as mesmas pessoas, trabalhando todo o tempo, então?'

'Oh, querido, não; isso pareceria trabalho eterno em vez de "descanso" eterno. Você poderia dizer verdadeiramente que o trabalho é eterno, mas as pessoas não ficam só presas nisto, em uma sucessão eterna, sem perdão. Nós temos nenhuma divisão de noite e dia, mas o trabalho é cuidadosamente dividido entre o pessoal, de forma que eles podem ter seus períodos de mudança de atividade e de recreação, e todo o mundo fica perfeitamente satisfeito.'

Roger observou que os edifícios não eram de grande altura, a julgar pelos padrões terrestres habituais.

'Bem, não mesmo; dois pavimentos de altura moderada é suficiente por aqui, porque não temos problemas com limitações espaciais. Nós não temos que construir para cima; temos espaço ilimitado para nos esparramar, e o resultado, você tem que confessar, é excelente.'

Roger expressou seu encantamento ilimitado com a beleza e o charme de toda a criação, com suas ruas largas de grama soberba, os muitos canteiros de flor e as árvores, as piscinas de água cristalina que formavam um conjunto primoroso com os muitos edifícios da cidade.

'Não soa estranho, Roger, que toda essa beleza, esta beleza superlativa, seja tão menosprezada por tantos ignorantes da terra? Não é a terra que fica atrás, com uma certa insignificância suja, comparando-se com tudo isso de esplendor? E ainda o povo da terra, muitos deles, consideram o mundo **deles** como sendo o mundo, através do qual julgam tudo, avaliam, ou apreciam. São usadas como critério as cidades esfumadas e sujas da terra, e esta linda cidade é tida por eles como alguma coisa que deva ser notavelmente desprezada, se não ridicularizada.'

A Ruth e eu, entre nós, apontamos os propósitos para os quais os vários pavilhões se dedicam, e finalmente Roger expressou o desejo de investigar o interior do prédio de engenharia, que também inclui pesquisa da química. Nós entramos, e fomos cumprimentados pelo homem que é 'encarregado' das múltiplas atividades que estão desempenhando constantemente.

'Bem, Monsenhor,' disse ele, 'e Ruth, também. É um prazer; nós não o víamos há muito tempo. O que posso fazer por vocês?'

Eu expliquei nossa incumbência, e apresentamos Roger a ele.

'Claro que você veio ao lugar certo, querido amigo. ' Nós sorrimos com este pequeno cumprimento, pois se tornou quase uma tradição que o encarregado de cada um destes grandes prédios, em circunstâncias semelhantes, diga a mesma coisa precisamente - 'um orgulho justificável!'

Talvez, de todos os prédios de aprendizado, este, de engenharia e química, é o mais concernente com a terra, já que é aqui que tantos descobrimentos da engenharia terrestre e de substâncias químicas têm sua origem. São inventadas muitas substâncias novas no mundo espiritual que são transmitidas subseqüentemente a pessoas na terra, para o benefício de todos.

Conforme passamos de sala em sala, pudemos ver os químicos e os seus assistentes que experimentavam uma variedade de substâncias que, em tempo certo, vão, quando combinadas, formar um produto completamente novo, precisamente projetado para seu propósito. Para nós foi mostrado como, através de síntese, réplicas exatas de materiais terrestres eram compostas, já que seria inútil inventar uma substância nova de materiais apenas espirituais que não vão poder ter qualquer aplicação nos usos terrestres. O cientista da terra tem que usar materiais terrestres, e o cientista do mundo espiritual tem que trabalhar então na contraparte precisa.

Acontece muito freqüentemente, nosso guia nos falou, que uma mera sugestão para um cientista terrestre é o bastante para colocá-lo no rastro de uma dúzia ou mais de novas descobertas. Tudo o que preocupa os cientistas daqui é a descoberta inicial, e, na maioria dos casos, o resto acontecerá.

Aqui também estão substâncias novas para serem usadas como materiais de construção de casas ou edifícios grandes, e para muitos outros tipos de construção. Combinações novas estavam sendo processadas e, sendo feitas, seriam convertidas eventualmente em tecidos de todos os tipos, leves e pesados, para roupa pessoal, por exemplo, ou para tapeçarias de casas.

Nas seções de mecânica, velhos princípios estavam sendo aplicados em direções novas, resultando melhores, mais seguros e mais amplos meios de transporte, com maior conforto.

Muitas invenções que nós vimos, de todos os tipos, eram desde algum dispositivo simples para uso nas casas, até uma máquina grande a ser usada em algum processo industrial ou outro.

A vida na terra ficou muito mais complexa, e as pessoas estão passando muito tempo em atividades puramente materiais, normalmente com a exclusão das espirituais. Então, a vida da terra deve, portanto, ficar mais simples, e assim ficará mais agradável. O mundo espiritual tem muito para enviar à terra até alcançar este fim. Mas a terra tem

que se colocar em ordem primeiro. O que é de maior importância: as pessoas da terra têm que aprender a banir a guerra de sua face, têm que aprender não transformar para propósitos do mal o que lhes foi transmitido para propósitos pacíficos. Neste último está o desastre, no primeiro está a felicidade.

É do homem a escolha.

8. VISITAMOS UMA 'IGREJA'

Deixamos a cidade e estávamos caminhando ao longo da beira de um bosque quando o Roger, apontando a um lugar, disse: 'Isso parece muito com uma igreja.'

'É uma igreja,' disse Ruth, 'mas com uma diferença.'

'Você gostaria de inspecioná-la?' perguntei, e como Roger respondeu que sim, nós nos voltamos naquela direção.

A 'igreja' em questão tinha toda a aparência de sua contraparte rural familiar na terra, excluindo, claro, o fator idade. Tinha estilo antigo sem mostrar os efeitos das devastações do tempo, e não havia porque não falarmos ao menino que a decadência física, provocada pelos elementos e pela passagem dos anos, era uma condição que não existe no mundo espiritual, e portanto um edifício pode parecer como se tivesse sido erguido ontem, mas pode estar de pé há muitas centenas de anos.

A 'igreja' que agora visitávamos não era nenhuma exceção à regra. De fato, eu não acredito que, no mundo espiritual, haja *nenhuma* exceção para a prova de uma regra! Porém, havia outras características sobre esta 'igreja' que Roger poderia ter passado sem perceber a sua implicação profunda, e assim, chegando mais perto, nós lhe perguntamos se ele achou algo incomum.

O rapaz teve um olho muito agudo e foi rápido para captar a característica principal.

'Sim,' observou; 'a "igreja" tem uma aparência familiar, mas sua vizinhança é tão incomum que quase faz a "própria igreja" parecer diferente.'

'Bom para você, Roger,' eu disse. 'Você veio recentemente da terra, e as coisas tão terrestres ainda estão frescas em sua mente. Você pode fazer comparações com maior delicadeza'.

'A "igreja" que você vê aqui é um exemplo completo do que *poderia* ser construído na terra, se fizessem um pequeno esforço, fazendo lá as igrejas aparentarem beleza real no seu exterior. Tudo desta igreja foi construído, inclusive o próprio tecido, para mostrar o que se pode fazer, mesmo num espaço limitado. Como você pode ver, o território em torno do edifício é espaçoso, mas, não obstante, não foi usado em sua plena extensão para preservar, tanto quanto possível, as condições habituais da terra onde o espaço normalmente é um tanto limitado.'

Conforme nos aproximamos, pudemos ver uma parede baixa de tijolo circundando irregularmente o terreno da igreja, numa imitação da situação terrestre, onde há outras propriedades em torno. O muro estava em bom estado e limpo, sem ser simples demais ou desinteressante. Nós atravessamos um portal coberto à entrada do cemitério, caminhando em uma aléia larga que tinha sido feita de substância composta para dar a aparência de asfalto, pois em matéria de utilidade, um caminho de grama logo teria ficado 'maltrapilho' debaixo do passo de muitos pés, e nossa reprodução teve que ser exata.

Como as flores estão constantemente floridas nestas terras, nós tivemos que, forçosamente, fazer um acordo entre o que seria uma aparência geral no verão e no inverno. Para fazer isto, muitas árvores perenes e arbustos foram plantados, e as flores foram plantadas de modo a se evitar anacronismos hortícolas nos diversos canteiros. Alguns canteiros eram deixados vazios para sugerirem o extremo frio de inverno quando poucas, ou mesmo quaisquer, coisas florescem ao ar livre.

Corria de um dos lados um riacho pequeno, cuidadosamente conduzido a um curso direto, e que tinha sua fonte numa cascata pequena, enquanto as margens do tal riacho estavam forradas com flores. Aqui e ali havia flores de lis, enquanto o todo foi cercado com muitas árvores majestosas. Por imaginação, então, a pessoa poderia ver as grandes possibilidades de tal arranjo em terra, fazendo-se o desconto para a infinitamente maior beleza da contraparte do mundo espiritual. Tal projeto e seu cumprimento estão aqui, e poderia ser copiado na terra com a remoção dos poucos apresentáveis e desnecessários terrenos para os enterros, tão freqüentemente vistos nos pátios das igrejas, e muito freqüentemente nada mais são que uma selva de ervas daninhas e negligência.

Roger notou a ausência do cemitério imediatamente, para o qual tanta importância é dada na terra, nem podia ver qualquer coisa parecida com um quadro de avisos.

'Ruth explicou-lhe que havia uma diferença, lembre-se, Roger. Há diferenças tanto dentro como fora. Em verdade, esta é só uma igreja no nome e na aparência; uma amostra do que poderia ser feito se o povo da terra tivesse mente para provocar algumas alterações. É só o exterior, os ambientes que nós estamos oferecendo como um exemplo, pois este não é um "lugar de adoração" no sentido terrestre. Em outras palavras, não há nenhum serviço mantido aqui, entretanto o que acontece lá dentro realmente é de mais valor do que o que acontece perenemente em tantas igrejas terrestres. Ainda, nós não seguiremos aquela linha de pensamento... Vamos entrar.'

Nós achamos o edifício vazio quando entramos. Era uma estrutura de bom tamanho, construída nas linhas de uma 'igreja' de paróquia, e como não era nenhuma igreja no pleno significado da palavra, havia muita coisa faltando e que teria sido, caso contrário, conspícuo: a pia, por exemplo, e o púlpito. Mas o que chocou Roger violentamente era a ausência de um altar elevado.

O próprio santuário permaneceu o mesmo, com os lances habituais de escada que conduzem para cima em uma série de 'ordens', para o mais alto lance, onde havia um espaço largo no qual havia várias cadeiras bonitas, a principal

delas colocada no centro, sendo ligeiramente mais ornada que suas companheiras. Sobre elas havia uma janela ogival, ornada com vidros de colorido primoroso. Em vez dos quadros religiosos familiares, o vitral representava cenas rústicas agradáveis como as que as pessoas vêem desenhadas em tapeçarias e coisas semelhantes.

Na parede próxima das cadeiras havia duas inscrições trabalhadas em mosaico, colocadas lado a lado. A atenção de Roger foi chamada imediatamente por elas, e virando-se para mim perguntou, 'por que esses dois fachos de luz estão caindo sobre os textos?'

'Eles não estão descendo, Roger; eles estão *subindo e indo para fora*.' O rapaz leu a inscrição latina em voz alta:

'Gloria em excelsis Deo, et in terra pax hominibus bonae voluntatis.'

'Correto, Roger, mas você me perdoará, sua pronúncia do latim é intimidante!'

'Esse foi o modo com que eu fui ensinado,' ele riu.

'Claro que lhe foi ensinado assim, meu querido companheiro. Assim eu falava, no princípio. Isso, na terra, é outro exemplo do culto ao que é horrível, com a regra que é: se possível sempre escolha o feio!'

'Oh, convenhamos, Monsenhor; as coisas não são tão completamente ruins quanto a isso.'

'Não está longe disto, então. Você sabe o que essas palavras significam - se não, elas foram traduzidas convenientemente para você: "Glória a Deus nas alturas, e paz na terra *aos homens de boa vontade*". Note esta última parte, Roger. Diferente do que você está acostumado, talvez, na terra. É a melhor tradução, porque significa muito mais. Paz, meu querido menino, nunca virá ao povo de terra sem que lá haja, *primeiro*, boa vontade. Se houvesse boa vontade universal, haveria paz universal. Se alguém duvida isto, deixe que se tente.'

'A luz que você vê poderia sair de qualquer jeito, ou não, mas como vê, está ascendendo. Aconteceu assim. Este edifício todo, com seus jardins, foi erigido originalmente pelo povo que vive por perto, para servir como um lugar agradável para receber os numerosos professores, e assim por diante, que vêm de vez em quando dos reinos mais altos para nos ajudar, de muitos modos. Conseqüentemente, as cadeiras estão onde o altar de pedra normalmente estaria. O visitante principal ocupará a cadeira central, como você adivinharia, enquanto as outras seriam usadas pelos que vêm com ele.'

'Olhe em volta, e o que vê você; ou ainda, o que é que você não vê?'

Roger virou sobre ele: 'Nenhum memorial nas paredes,' ele enumerou, 'nenhum quadro religioso, nenhuma lista de hinos, nenhuma vela ou outros ornamentos. Na realidade, é um pouco a concha vazia de uma igreja, mas com cadeiras confortáveis em vez de bancos duros.'

As janelas laterais também eram de vitral colorido, e os raios de luz atravessando de ambos lados produziram matizes de arco-íris mais delicados, que se encontraram e entrosaram.

'Esses dois textos que você vê, foram postos lá pelo desejo expresso do povo que era responsável pelo edifício inteiro. Como o resto de nós aqui, eles têm um horror saudável da guerra, o açoite mais detestável que já pode se abater sobre as pessoas da terra. Assim, eles pensaram em algum modo pelo qual mostrar a sua preocupação geral, e finalmente chegaram à conclusão de usar aquela citação familiar e blasonar isto nas paredes, logo atrás e sobre esses visitantes do alto quando eles estão lá sentados, e numa completa visão de todos, assim que entrem. Eles trabalharam em mosaico, perfeitamente, como você pode ver, nessas cores luminosas, e fizeram disto uma oração permanente pelos seus pensamentos. É isso o que você vê ascendendo naquela luz, e nunca é permitido que enfraqueça ou se desvaneça. Você sempre o achará luminoso e forte. Uma gota infinitamente pequena, meu querido companheiro, em um imenso oceano de bons pensamentos; poderoso o bastante a seu modo, entretanto não poderoso o bastante para parar ou prevenir a guerra.'

'Você já terá percebido até agora, Roger que nestas paragens nada é deixado de fazer somente pelo desejo de tentar. Qualquer que seja o resultado de qualquer empreendimento, por mais sem esperança que pudesse parecer no início, uma tentativa será feita. Nós temos nossos fracassos, e também temos nossos sucessos. Guerra, meu menino, é um assunto amplo, e não é nada alegre, especialmente para você que está provando as delícias do mundo espiritual. A Ruth e eu não queremos deprimi-lo.'

'Vocês não conseguirão, Monsenhor; eu gosto de saber das coisas, até mesmo se não forem tão agradáveis.'

No lado "oeste" do edifício havia um nártex no qual repousava um órgão grande. Não era um instrumento de design ou construção avançados, e os tubos foram organizados na sua ordem convencional.

'Um instrumento agradável, Roger. Qualquer um que deseje tem a liberdade de tocá-lo. Venha ao andar superior e examine-o, e talvez Ruth toque uma melodia para nós.'

Subimos os degraus, e nos achamos dentro de uma ampla galeria.

'Não pode haver eletricidade aqui, assim deseja que eu o encha de ar para você, Ruth?', Roger sugeriu.

'Não há nenhuma necessidade disso; obrigada, meu querido,' disse a Ruth. 'Você tem razão sobre nossa eletricidade. Nós temos muito alguma coisa bem melhor.'

Ela apontou um caixa-receptáculo no chão, a uma curta distância do órgão.

'Ali,' disse ela, 'está tudo que requeremos. Tudo eu tenho que fazer é colocar esta pequena máquina em movimento, e o ar é enviado através do eixo ao instrumento'

'Sim, mas o que faz a máquina tocar?'

'Pensamento, Roger, pensamento; isso é tudo,' respondeu Ruth com um sorriso. 'Você sabe, você já tem uma pequena noção do que o pensamento realmente pode fazer.'

'Não, estou começando a perceber isso!'

Ruth sentou-se ao teclado e tocou uma peça curta que fora especialmente composta para ela por um dos mestres da música, amigo nosso - , um pequeno trabalho bem divertido, bem na natureza de um *scherzo*. Quando a nota final tinha soado, Ruth deixou o assento do órgão e, levando Roger pelo braço, disse, 'Agora venha e veja o que nós fizemos.'

Nós deixamos o edifício, e vendo que Ruth e eu estávamos contemplando acima do telhado, Roger fez o mesmo e ficou surpreso ao ver, alto, bem em cima do edifício, uma esfera enorme como uma bolha, girando suavemente em seu eixo. Suas cores eram de um delicado azul e rosa, entremeadas sem perder a sua identidade.'

'Nós deveríamos ir um pouco mais distante,' eu disse, 'e então Roger verá o efeito total. No momento nós estamos muito debaixo dele.'

Nós andamos um terço de milha, onde o efeito total era soberbo. Para Roger era um tanto inspirador e atemorizador ver esta forma, aparentemente frágil, suspensa no ar com 'nenhum meio visível de suporte'.

'Toda música, Roger, produz uma forma bastante agradável quando é executada,' Ruth disse, 'não importa com que instrumento seja tocada; entretanto, se eu tivesse tocado aquela peça no piano, nós não obteríamos uma forma tão grande como essa. Mas nós teríamos uma forma; talvez não tão graciosa. Eu nunca toquei aquela partitura no piano, assim não posso dizer o que exatamente teria acontecido. Ela foi escrita para o órgão, onde se pode adquirir volume suficiente e variedade de efeito tonal. Está muito bonito, não é?'

'Você sabe, Ruth,' disse o Roger, 'isso está mais para amedrontador, até mesmo mais que qualquer coisa que vi até agora, apesar de que amedrontador não é o que eu realmente quero dizer.'

'Não, velho companheiro, eu sei que não é. Eu suponho que inspirador é o termo correto – é uma emoção peculiar o que chamam a isso.'

'A Ruth e eu sentimos o mesmo quando vimos pela primeira vez, e até agora não nos conformamos completamente com isto. Eu não acredito que conseguiremos. Espero que não. Para não falharmos ao responder se em algum lugar há erros, então não seria a falta da música. Não, não fariam nenhuma pergunta sobre isto; nós sempre sentiremos uma emoção profunda ao ouvirmos e vermos a música composta por tais mestres como os que temos por aqui, e eles *são* mestres, Roger.'

O rapaz estava olhando para a Ruth com algo como admiração profunda, um tipo de 'adoração' a uma heroína, diriam, por ela poder alcançar tal efeito notável. Pela parte dela, foi divertido a Ruth, e ela não ficou nada tocada pelo entusiasmo do rapaz, mas apressou-se em renunciar a qualquer crédito para ela.

'O que *eu* fiz não é nada, Roger. Qualquer um que toque pode produzir o mesmo resultado. Um instrumento mecânico poderia fazer isto, mas nenhum instrumento mecânico poderia compor a música – a isso é onde o crédito tem que ir, para o compositor.'

'Entendi você dizer que um mestre da música escreveu esta peça *especialmente* para você?'

'Perfeitamente correto, Roger. Outra surpresa? Não deveria ser, você sabe, porque, se você pensar nisto, todos esses compositores famosos que morreram devem estar em algum lugar não é?'

'Sim, claro; isso é um jogo de cartas - nunca havia pensado nisto.'

'Ah,' observei, 'suponho que seja porque a maioria do povo considera os compositores musicais como sendo só meio humanos, se tanto. Isso é porque tantos deles eram mal vistos quando estiveram em terra. Quando eles a deixaram, as pessoas de repente se lembraram deles, e lhes erigiram estátuas e monumentos, e seus trabalhos ficaram muito valiosos de repente. As coisas estão um pouquinho melhores agora na terra, e um compositor não precisa de fato passar fome, mas se ele escreveu coisas realmente boas, elas vão ser muito mais valiosas depois que esteja morto. No momento presente, os gênios terrestres são notáveis pela sua ausência. Os reais gênios estão todos aqui. Você teve um exemplo, neste minuto, do gênio real. Até mesmo sem poder ver aquela peça, só escutá-la já é uma delícia.'

'Quanto tempo aquela bola permanecerá lá?' Roger perguntou.

'Normalmente,' Ruth lhe falou, 'enfraqueceria em um momento, mas o Monsenhor e eu reunimos nossos pensamentos para carregá-la um pouco mais, de forma que você possa ver em toda a sua glória. Quando há arranjos orquestrais ou outras exibições que acontecem sucedendo-se uma à outra sempre, se as formas ficassem muito tempo, estaria montada a confusão, uma em cima da outra, e as suas formas ficariam perdidas.'

9. UMA QUESTÃO DE IDADE

'Há uma coisa que me confunde,' declarou o Roger.

'Só uma coisa?', declarei. O rapaz é tão agradável que nunca presta atenção ao nosso moderado toque de ironia.

Tínhamos voltado para nossa casa depois de nossa visita à 'igreja' e o sumário recital de órgão de Ruth, e estávamos sentados confortavelmente no cômodo do andar térreo em que Roger deu sua primeira olhada no mundo espiritual.

'E o que confunde você, meu querido companheiro? Declare seu caso, como dizem os advogados, e talvez Ruth ou eu possamos lançar alguma luz ao assunto.'

'É isso: como é que todo mundo parece tão jovem? Eu não tenho visto nenhuma pessoa velha em qualquer lugar.'

'Oh, sim, tem sim, Roger; mas não do modo que você quer dizer, claro.'

'Se estou sendo muito pessoal, Monsenhor, diga que devo me meter nos meus assuntos, mas qual seria sua idade?'

'Você não precisa ter nenhum medo sobre ser pessoal demais, meu querido menino, neste assunto de idades. Nós não somos nada sensíveis aqui em cima. Nem sequer Ruth se importará se fizer tal pergunta, e como você deve saber, as mulheres da terra, às vezes, são um pouquinho sensíveis neste assunto. Mas aqui, ninguém se preocupa, porque ninguém pensa muito no assunto. Ainda mais, tem seu lado interessante, especialmente para pessoas como você e eu, Roger - e Ruth também - que gostamos de "olhar para dentro das coisas" um pouco.'

'Bem, agora, sobre minha idade. Quando eu vim para cá, eu tinha quarenta e três anos, e estou aqui há trinta e sete anos - eu sei disto porque tenho interesses ativos na velha terra, e assim segui o rastro da passagem do tempo. Então, uma soma simples e você tem a resposta.'

'Minha nossa!', o menino exclamou. 'Então você tem oitenta anos!'

'Bem assim, - um homem jovem de oitenta!'

'Mas você não parece nem estar perto disto.'

'Espero que não. De fato, não pareço nada diferente do que era quando cheguei aqui. Algumas mudanças para melhor, talvez, mas caso contrário, nenhuma mudança.'

'E que idade me daria, Roger?' perguntou a Ruth.

'Cuidado, Roger,' interpus, mas ele não se aventuraria numa suposição.

'Se você tivesse dito cem, não me teria transtornado em nada. Mas não é a minha idade. Dê-me aproximadamente sessenta e dois, e você terá razão.'

'Você não parece nem um minuto mais velha que aproximadamente vinte e cinco,' retrucou Roger.

'Que era a minha idade quando eu vim para cá.'

'Então, que idade da terra devo parecer?'

'Quase nada além de uma criança de colo,' riu Ruth. 'Não, Roger, você está igual ao que era na terra, falando-se em idade. Em saúde, claro que está imensamente diferente, de todas as formas, desde esses últimos dias. Pobre querido, você estava mesmo doente, Roger, mas não há nenhuma comparação com o agora. Sua mãe veria em você, agora, o rapaz que ela conheceu.'

'Você vê como é,' eu disse. 'Em espírito não se conta a idade terrena em anos. O que acontece é que o período conhecido como início de vida é a nossa idade normal e permanente. Se a pessoa chega aqui antes daquele tempo, como você e como muitos outros fazem, até mesmo as pequeninas crianças, então passa gradualmente para aquele estado de juventude, e lá permanece. Se você chega aqui depois de alcançar esta idade - e que pode ter ido muito longe, para além disto, com seus oitenta e tantos - então você reverte, volta ao início de vida. Em outras palavras, fica mais jovem.'

'Isso parece uma idéia sã.'

'É uma idéia saudável, pois todas as idéias aqui são saudáveis.' Nós nos unimos numa risada em nossa aprovação condescendente quanto ao mundo espiritual.

'Ainda, Roger,' continuei, 'para nossa alegria, a lei que age sobre isso é uma lei justa, e isso é o que você realmente quis dizer. É assim em todos os sentidos: para esses que passaram um curto período na terra e para esses que a deixaram na tenra infância, ou muito cedo, ou quando tinham a sua idade, ou a de Ruth - e se vierem a isso, quase como a minha.

'Mas vou lhe contar uma coisa: você achará extremamente difícil adivinhar a idade certa de uma pessoa, o que quer dizer quanto tempo estão no mundo espiritual, acrescentando-se os poucos anos que estiveram na terra.'

'Quanto mais você mora nestas terras, menor parece o período terrestre, em comparação. Leve Asa Brillante por exemplo. Você possivelmente não pôde adivinhar quanto tempo ele está por aqui. Se você tivesse mais um tanto de conhecimento - que, claro, virá conforme vá se acostumando - você teria certas indicações que o ajudariam em sua suposição.'

'Não, não posso adivinhar quanto tempo ele está aqui. Ele parece estar na juventude - um homem jovem.'

Quando ele fala, e quando se olha de perto, pode-se ver que, sem parecer velho ou ancião, há algo que sugere o peso de seu conhecimento, ou algo assim.'

'Muito difícil de definir, Roger. Há muitas ocasiões, ao se ver alguém daqui, em que você poderia dizer sem ser tão desrespeitoso - "ele não é nenhum juvenzinho". Mas não haveria nada que indicasse a idade positivamente, como os sinais externos de rugas e linhas, e todos os outros traços familiares da passagem dos anos. Que idade daria a Asa Brilhante?'

'Nem penso em adivinhar.'

'Ele já ultrapassou seiscentos.'

'É de espantar, não é?'

'Na realidade, não. Lembre-se de que Omar tem dois mil anos como se fosse um dia. O ajudante egípcio dele é até mesmo mais velho - na faixa dos cinco mil anos. É o que diz o salmista? *Longitudine dierum replebo eum: Eu lhe darei longos dias.*

'Este é um mundo imutável, Roger, e alguns de nós, de qualquer modo, pareceríamos ser os mesmos. Nenhuma face vincada, nenhum cabelo branco ou se tornando grisalho, nenhuma sugestão daquele peso adicional com que nos forramos na terra, ou, por outro lado, nenhuma indicação de emagrecer demais e se esvaír; nada reduzindo a velocidade de nossos movimentos, ou alterações no timbre de nossas vozes; nenhuma perda de vigor mental. Nenhuma segunda infância. Elimine este catálogo melancólico e você saberá como somos nós, retornados a uma segunda juventude, para os que precisam disto, em vez de avançar a uma segunda infância.'

'Que idade você diria que o mundo espiritual tem, Monsenhor?'

'Meu querido companheiro, isso é que é pergunta! Você sabe o que se diz: a eternidade não pode ter nenhum começo. E a eternidade, como a imortalidade, é algo que não pode ser provada. A única coisa que você pode fazer, neste exemplo em particular, é tentar descobrir qual é o consenso nas opiniões sobre o assunto, e aí verá que temos a mesma opinião, de que este mundo, e nós mesmos, somos eternos. Nós temos o sentimento absoluto de eternidade. Se não fôssemos eternos, então qual seria o uso de tudo isso? Qual seria a continuidade de tudo?'

'Não, meu menino, tudo aqui neste lugar grita contra o fato de haver um fim para esta vida gloriosa, para uma vida melhor que há à frente de todos nós. E nós, nestes reinos, temos a garantia - como se a necessitássemos - dessas estupendas almas dos reinos muito mais elevados. Se eles não nos estão falando a verdade, o que é uma suposição infame e irracional, então não há nenhuma verdade.'

'Mas nós temos nossos próprios poderes, Roger. Há isso para ser considerado. Nós podemos, por nós mesmos, criar. Você realmente ainda não nos viu no trabalho, fazendo isso. Espere até ver um dos peritos que constroem casas para se viver, e do mesmo jeito que fazem com uma casa, fazem um palácio ou qualquer coisa ainda maior. Nós mesmos fazemos tudo isso com aquele poder que vem da Grande Fonte. Indubitavelmente, você poderia discutir comigo: suponha que a grande Fonte tivesse cortado o seu poder, retendo-o, então o que aconteceria? Essa idéia é igualmente irracional. O poder tem sido enviado desde que o mundo espiritual existe. E isso nos traz de volta aonde começamos.'

'Chega um momento em que a representação deixa de ter muita significação para as pessoas. Quando você contempla as proporções astronômicas a que chegaram as economias das nações, quando o dinheiro se conta em milhares de milhões, esta representação não significa muita coisa para a mente comum. Duvido que signifiquem muito às pessoas que são responsáveis por elas. De qualquer modo, o povo da terra agora está acostumado a uma quantidade de dígitos quase interminável, e quando idades universais são pronunciadas, não lhes deveriam causar nenhuma surpresa.'

'O mais que se poderia dizer, Roger, em resposta a sua pergunta sobre a idade do mundo espiritual, é que ele existiu antes do mundo terreno. Isso sabemos de altas fontes. Bem, então, se a terra começou a existir há algo entre três mil e cinco mil milhões de anos atrás, como foi computado, então aquela ordem de grandeza pode significar algo em sua mente. Temo que não. Não significa nada a mim.'

'Nem para mim,' disse Ruth.

'Bem assim: Tudo o que pode fazer é sugerir um número colossal de anos. Se o mundo espiritual tivesse todo esse tempo de existência, - *e temos toda garantia de que tem* - então há pessoas existindo nestas terras, *em algum lugar*, que podem reivindicar aquele número gigantesco de anos como sendo a idade *deles*. E isso faz o resto de *nós* parecer como - o quê? Um grão de areia em um deserto vasto, comparando-se a estatura espiritual.'

'Isto é chocante, Monsenhor.'

'Sim, Roger, se você permite que seja, mas a verdade neste assunto é chocante, na prática, não nós. Tira a respiração quando se considera a ordem de grandeza, em milhares de milhões, mas o que me parece mais chocante e esmagador de tudo, é o conhecimento, nas proporções universais, desses personagens de quem falei. Você ainda não se encontrou ou falou com um deles, Roger. A Ruth e eu já o fizemos, em conversas em comum e em companhia com muitos outros nestes planos. Nós visitamos a grande residência do maior deles. Tempo virá, certamente, quando você terá o mesmo privilégio também, Roger, aqui nestes mesmos reinos, até mesmo nesta mesma casa. Omar é sua companhia pessoal frequente; é, na realidade, seu braço direito.'

'Veja o que trouxe para a sua cabeça jovem ao fazer uma pergunta simples!'

'Percebo agora que era uma coisa tola para se perguntar.'

'Oh, não, meu querido companheiro; de forma nenhuma. A dificuldade está em achar uma resposta, e direito seu satisfazer sua mente, até onde possível, com as coisas da forma com que lhe ocorrem.'

'Há, como imagina, uma quantia enorme de coisas que não nos são faladas porque são altos segredos, mas a causa disto é que nós temos muito para aprender primeiro. O fato é que nós não entenderíamos por causa de nosso estágio de avanço de nosso conhecimento e os poderes de compreensão, necessariamente limitados.

'É como em seus livros escolares, Roger. Obrigaram-no a começar no princípio. Uma espiada no término deles revelaria coisas além de sua capacidade atual, e assim nada teria significado. Nós não estamos num caso diferente aqui, quando formulamos problemas inumeráveis ou perguntas. Assim nós nos sacudimos, e vemos que não somos os piores por não sabermos as respostas. Tudo se ajusta em seu próprio lugar nestes planos, e nenhum de nós teria dificuldades na nossa progressão por falta de conhecimento. O conhecimento estará lá, no momento certo. Enquanto isso, não faz mal termos nossas discussões, das quais gostamos tanto - como estamos tendo neste minuto. Se é possível se fazer luz nos assuntos - sujeita às limitações que mencionei - então ela se fará, pode estar seguro disso.

'Este é um mundo sensato, Roger, como você percebeu; entretanto se a gente da terra fosse confiar, ou acreditar, nas selvagens noções fantásticas deles, este seria um dos lugares mais tolos no universo. Você trocaria esta vida por uma que tenha toda a aparência de um domingo ininterrupto?'

'Eu odiaria isto.'

'Também todos nós. Mas há as pessoas na terra que consideram que esse modo de viver seria a verdadeira felicidade espiritual; o Paraíso, de fato.'

'Há outro ponto sobre esta longevidade do mundo espiritual e juventude da vida. Vejamos, alguns de nós tenderíamos a mudar bastante na aparência externa se, por casualidade, fôssemos velhos ou anciãos quando viemos para o mundo espiritual. Por outro lado, houve muito pouca mudança em Ruth e mim, por causa de nossas respectivas idades na transição. Você, Roger, envelhecerá naturalmente para o período jovem da vida, e alguma mudança acontecerá indubitavelmente. Não muita, mas alguma.'

'As modas terrestres prevaletentes ou os modos teriam um pouco de efeito, mesmo em homens, pois houve tempos na terra em que a pequena nobreza barbuda era a regra. Agora você pode ter notado que nós não nos viciamos em tais adornos faciais aqui, entretanto se você desejasse cultivar uma barba patriarcal até sua cintura, ou qualquer outro tipo, não haveria nada que o impedisse. Não há nenhuma lei "envelheça isto". Poderia requerer uma coragem considerável. Alguns de nossos amigos poderiam fazer observações muito agudas se cultivasse qualquer decoração facial.'

'Eu faria, eu seria uma delas,' disse Ruth.

'O que eu chamaria imediatamente de pura inveja! Você pode ver, Roger, como é. A identidade não fica perdida, mas pode ser obscurecida, certamente, como você poderia dizer. O homem - ou mulher - sendo velho, fica muito diferente de quando era jovem, e o homem com barba parece muito mudado sem ela. E essas mudanças estão acontecendo há tempos. A pessoa joga logo fora as características físicas que pertencem ao lado terrestre da vida, e veste a personalidade do mundo espiritual. E também, a longevidade dá no mesmo.'

'Compare as idades de Omar e do ajudante dele: há uma diferença entre eles, pode ser considerada como de três mil anos do tempo terrestre. Você poderia dizer, honestamente, qual dos dois é o ancião?'

'Não, Monsenhor; impossível.'

'Acontece o mesmo com milhões de nós.'

'O que aconteceria no caso das pessoas cujas características são muito conhecidas na terra?'

'Você quer dizer as figuras históricas ou contemporâneas?'

'Eu estava pensando em ambos.'

'No caso das pessoas históricas, há todos os tipos de fatores. Pode acontecer que não haja nenhum quadro preciso deles na terra, pelo qual uma referência possa ser feita. Artistas tentaram, em tempos diferentes, construir algo semelhante a registros que contivessem uma descrição de uma pessoa em particular. A maioria deles é inexata - os quadros, eu quero dizer.'

'De forma que você poderia estar falando com pessoas daqui, e elas nem saberem do fato que na terra foram pessoas muito famosas. A identidade delas, em tais casos, fica completamente obscurecida, até a parte exterior. Claro que a própria pessoa ainda é aquela pessoa, embora grandemente melhorada, como nós todos temos a esperança de ser! Os antigos pintores fizeram o seu melhor, e mostraram faces que eram, pelo menos, humanas - o que é mais do que pode ser dito de tantos pintores recentes da terra! Mas os originais mudaram para além de todo o reconhecimento.

'O que é, afinal de contas, a fama terrestre, de um tipo ou outro? Depende de onde repousa a fama. É possível ver, no momento, na terra, muitos cuja fama está baseada numa reputação de fatuidade absoluta. Isso não é tanto culpa deles, mas das pessoas de cabeça vazia que lhes dão total apoio.'

'Há pessoas, também, cuja reputação terrestre e sua fama eram de mau gosto, mas eles subiram desde então aos reinos de luz, e ficam profundamente alegres por seus retratos na terra terem delineação inexata. Sendo assim, reconhecê-los não será fácil nestes planos.'

10. UMA LIÇÃO DE CRIAÇÃO

'Como,' perguntei ao Roger, 'você encara esta casa e tudo o que está nela, e ainda tudo que vê desta janela? Como algo bem sólido?'

'Certamente,' respondeu. 'Por que pergunta?'

'Porque, meu querido companheiro, há pessoas na terra que consideram tudo isto como uma condição construída pelo pensamento; não tendo nenhuma existência concreta, diriam eles. Estranho, não é?'

'Penso que posso entender isto, de certo modo,' disse Roger, 'porque quando eu acordei em seu sofá, ocorreu-me que poderia ser um sonho.'

'Então o que aconteceu?'

'Bem, eu o vi sentado perto do sofá, e lá estava a Ruth a meu lado, e você falou-me sensatamente.'

'Graças a Deus!'

'Você sabe o que quero dizer.'

Rimos pela confusão do menino. 'Claro, Roger, que você quer dizer que a situação inteira era sensata, e não o tipo de coisas loucas que normalmente acontecem em sonhos.'

'Sim, é isto. Imediatamente era tudo muito real. Você se lembra que eu pus meu pé no chão. Depois disso, não poderia haver nenhuma hipótese de que tudo por aqui não seja real e sólido.'

'Real e sólido, Roger; esse é o ponto vital. A confusão parece ser que o povo da terra não tenha percebido ainda a verdadeira significação do poder de pensamento. Dentro de limites eles têm alguma idéia, e boa até, mas é minha opinião que eles não levam o assunto adiante.'

'Volte sua mente ao tempo em que a Ruth e eu estávamos em seu quarto na terra. Nós só entramos, por assim dizer. Nada era sólido a nós. As paredes não significaram nada. E nós não significamos nada para você – até então. Até mesmo quando você nos viu, nós éramos bem não-substanciais. Todos estes planos eram como invisíveis para você, entretanto você começou vendo nós dois.'

'Então o que aconteceu? Uma vida terminou lá para você, e outra começou - em seu quarto, ou, para ser preciso, no local em que seu quarto está situado, e nós nos encarregamos, por enquanto, de você. Se você tivesse ficado acordado - foi a Ruth que o colocou num agradável cochilo - teria visto o que nós vimos - um quarto etéreo, com bastantes pessoas etéreas nele. Nós poderíamos dizer, com justificação semelhante, que o quarto era só uma condição, e não um estado. Mas nós sabemos que é diferente. Aquele quarto estava lá, real e sólido, à sua gente. Você tinha mudado sua condição, de terrestre à vida espiritual, mas, em si mesmo, ainda não tinha mudado de estado, nem nós tínhamos feito isto para você. Percebe o que quero dizer?'

'Agora, você sabia alguma coisa sobre uma vida futura? Não, você nos falou que não sabia, de forma que não poderia ter achado dentro de si nada para a criação por pensamento, baseado no que você supunha que o mundo espiritual era.'

'Não, mas eu não poderia estar em alguma espécie de estado ou condicionamento que outra pessoa tenha criado?'

'Bem dito, meu rapaz. Isso foi precisamente o que aconteceu. Só que, para usar palavras definidas, deveria ser um tipo de lugar bem sólido, e que outros pudessem ver, sentir e experimentar - e desfrutar!'

'Então onde está a diferença entre isto e a terra?'

'A diferença reside no fato de que aqui não há nenhuma condição terrena sólida para se interpor entre nós e nossos pensamentos. Tudo que é criado ou feito na terra tem que ser pensado em primeiro lugar, planejado, talvez desenhos tenham que ser feitos, se o tema for um pouco mais elaborado, e então construído através de maquinaria ou à mão, conforme o caso. Aqui nós dispensamos os intermediários, e deixamos o pensamento fazer o trabalho, o que ele faz com muita capacitação.'

'Pensamento tem ação direta aqui. É aí onde está a verdadeira confusão. Só porque o pensamento tem tal ação direta, o povo da terra pensa que os resultados devem ser intangíveis, como num sonho, e capazes de ser, ou sujeitos a serem, desmanchados com a mais leve provocação, ou até mesmo com nada. Nossos pensamentos nestes planos têm bem mais poder e extensão que na terra. Para fazer coisas solidificarem na terra, a pessoa tem que passar da fase de pensamento. Aqui a pessoa sempre está na fase de pensamento porque esta é a última fase, se me compreende.'

'Imediatamente ao pensamento, segue-se o artigo concreto. Não quero dizer, nem por um momento, que nós somente pensamos no que precisamos ou desejamos, e ei!, presto, lá está! Querido, não, não é assim. Esta casa, Roger, foi pensada cuidadosamente, planejada, e então os pedreiros e construtores começaram trabalhar. Mas o seu trabalho foi executado só através de pensamento. Não houve nenhum intermediário para obtermos os materiais, ou para subirem os andaimes, e assim por diante. Esses amigos pensaram, e pensamento produziu esta casa, muito real e sólida. E aqui permanecerá.'

'Nós não estamos sentando em nada. Estamos sentados em cadeiras confortáveis, e elas estão apoiadas no chão. Esta não é uma condição de pensamento em que estamos vivendo - e uma coisa boa, também!'

'Então, se quiser fazer algo, você tem que aprender a fazê-lo; é isto, Monsenhor?'

'Bem assim. Você acha que poderia fazer uma mesa desta, neste minuto?'

'Eu estou seguro que não.'

'Não, nem Ruth nem eu podemos. Ruth faz tapeçarias, você viu algumas delas por aqui, Roger; mas ela as tece em uma máquina, a qual é construída por um perito, com materiais também feitos por peritos. Mas elas não são menos reais por causa disto. Como você supõe que as flores e as coisas surgem?'

'Não tenho a menor noção.'

'Você gostaria de ver alguma coisa sendo feita?'

'Claro, gostaria muito, realmente.'

'Então vamos chamar um homem - ou um deles - que faz algo.'

Enquanto caminhamos, explicamos a Roger que o amigo aonde estávamos indo mantém o que na terra seria chamado de viveiro de mudas; quando ele era encarnado, tinha feito trabalho semelhante.

'Eu imaginava,' disse Roger, 'que as flores cresciam aqui do mesmo modo que na terra - de sementes, e assim por diante. Não parece ser assim, pelo que você diz. O que acontece, então?'

'Espere até chegarmos lá, Roger, e nosso amigo lhe falará sobre tudo isto. Olhe, agora; veja onde estão os jardins.'

À nossa frente, podíamos perceber grandes áreas de cores brilhantes, uma de cada cor, estendendo-se ao longe, um campo após outro. Havia árvores de todos os tipos, em todas as fases de crescimento, desde rebentos a verdadeiros patriarcas. Nós seguimos por um caminho que ia diretamente para uma casa grande.

Como eu já tinha enviado uma mensagem para o 'proprietário' do viveiro, ele já estava esperando pela nossa chegada. Roger ficou então surpreso quando viu que, claramente, nosso amigo indicava já saber de nossa visita iminente. Ruth explicou ao Roger sobre o processo de enviar mensagens por pensamento, pelo que ele respondeu dizendo que era algo que mais adiante teria que ser investigado!

Nós apresentamos Roger a nosso anfitrião como um recém-chegado que estava seguindo o procedimento habitual de ver as coisas por si mesmo.

'Assim você veio ver as flores serem feitas, jovem amigo. Bem, você veio ao lugar certo,' disse ele com uma piscadela alegre.'

Roger agora já tinha superado completamente qualquer timidez que pudesse ter tido, e enchia as pessoas de perguntas com um correto desejo de saber. Ele começou a agir imediatamente juntamente ao nosso amigo jardineiro.

'Você provê de flores todas estas terras?' exclamou.

'Oh, não. Somente para esta área, como você a chamaria. Há muito mais pessoas que fazem o trabalho em outras partes. Isto é justo. Agora, por onde nós começaremos? Primeiro venha e veja alguns de nossos produtos.'

Havia centenas de canteiros cercado-nos, cada um contendo um tipo de diferente de flor, e organizados em fileiras ordenadas.

'Nós não fazemos qualquer tentativa de sermos propriamente artísticos no que chamamos de canteiros-estoque, entretanto, preste atenção, as cores deles causam grande admiração, como também as longas fileiras de flores e plantas. São as massas de flor e as cores que deixam as pessoas tão fascinadas. Nossos próprios jardins, lá em cima, foram dispostos para o puro propósito de dar prazer.'

Nós notamos particularmente o número enorme de flores que cresciam em um único talo de cada planta.

'Veja,' explicou o jardineiro, 'nas plantas da antiga terra, as flores enfraquecem no tempo devido, e formam vagens de sementes, de forma que você tem metade do galho com flores e metade com sementes. Você pode ver que aqui isso não acontece, e o galho fica inteiro cheio de flores em todo o seu comprimento, por isso não há nenhuma comparação. Não há nenhuma outra parte a não ser aqui - quero dizer, no mundo espiritual - onde podem crescer flores como estas.'

'Foque seu olhar nessas rosas malva. Já tinha visto belezas como essas - com flores saindo desde o topo até embaixo, deste modo? E nenhuma murchando ou morrendo. Assim é como nós as fazemos e é assim que elas ficam.'

Até onde pudéssemos ver, havia canteiros e mais canteiros de tais flores, perfeitas como o olho encarnado jamais viu. Ruth e eu visitávamos freqüentemente este lindo lugar, mas para Roger era novo, e de revelação tal que o deixava quase estupefato.

Havia flores de todas as variedades conhecidas na terra, todas as antigas flores apreciadas que eram familiares ao povo da terra, para que lembrassem das 'antigas' flores, como gostavam: malva rosa e amores-perfeitos, boca-de-leão, campânulas, e goivo-amarelo, flocos, e cem outros tipos. Como pode se imaginar, o cheiro desta grande coleção era soberbo; não dominante, mas suficiente para fazer-se agradavelmente presente, suave e sutil.

'Você pode entender que este trabalho está mais para lazer, quando o compararmos com o labutar que seria requerido na terra para jardins tão grandes como estes. Eu duvido que haja qualquer jardim tão grande quanto estes na terra, e estes não são os maiores, de qualquer forma. Ainda, temos tudo o que pode ser necessário.'

'Como estava dizendo, isso aqui é mais como um feriado. Não nos aborrecemos com todas as dificuldades da terra, o tempo, por exemplo - principalmente o tempo; ou a terra certa; e tudo a ver com a plantação, e assim por diante. Na terra é um processo longo, desde o momento em que a semente é plantada até o tempo da escolha das flores para o mercado. Mas aqui, abençoadas, nós fazemos nossa planta já com suas flores, em todas as variedades e

mesclas de cores. Nós podemos ter flores únicas, ou dobradas, como imaginarmos, ou como outros imaginem. E uma vez que as tenhamos feito e as plantamos lá fora, bem, não há nada mais a fazer, como se diz. Mas não ficamos ociosos de tudo – nem que seja para mostrá-las às pessoas.'

'Você acha, Roger,' disse eu, 'que nosso jardineiro aqui não tem quase nada a fazer?. Não se engane. Ele é o gênio por trás de todos nossos jardins, o paisagista-chefe. Ele e seus colegas, irmãos na arte, são responsáveis pelo encanto dos muitos jardins você viu.'

Seguimos nosso guia por caminhos e mais caminhos, de canteiros de flor a avenidas de árvores e arbustos. A super abundância parecia demasiada, mas nosso amigo nos assegurou que tudo o que víamos seria posto em bom uso, e nada estava lá meramente para exibição.

Roger fez-lhe uma pergunta: 'Se as flores e árvores nunca definham e morrem,' perguntou, 'como é que tantas são necessárias? A demanda deve ser enorme!'

'Você tem razão; a demanda é enorme. Algumas pessoas gostam de ampliar os seus jardins, ou de fazerem canteiros novos. É aí que entramos. E também há os jardins na cidade. Eles são reconstruídos freqüentemente ou, caso contrário, reformados. Aí entramos novamente. Há pessoas que têm o desejo de mudar o que está nos seus jardins, e nós os provemos com materiais novos, enquanto trazem para cá o que descartaram. Quando der uma olhada ao redor, você pode ver que ainda há bastante lugar para arrumar mais canteiros - e enchê-los. Agora venha à sala, e veja alguns de nossos tesouros.'

Mostraram-nos um local espaçoso que contém muitas prateleiras cheias de volumes grandes. Nosso amigo tirou um volume e abriu ao acaso. Mostrou um quadro de uma tulipa, perfeitamente colorida. Não era uma reprodução artística no sentido restrito do termo; era puramente um quadro botânico, sem fundo, e revelava pequenos detalhes da flor e de sua folhagem, de forma que qualquer um saberia, vendo o desenho, exatamente como a flor era composta. Especialmente verdadeira era a coloração dela, assim fomos informados.

'É com estas pinturas que nossos alunos aprendem todos os detalhes das flores antes de começarem o processo real de criação. Antes de poder começar a construir uma flor, ou qualquer outra coisa, se vier a fazer isso, você tem que conhecer precisamente todos os detalhes necessários para uma reprodução fiel. "Quase igual" não é o bastante. Tem que estar perfeito. E o único modo de se fazer isto é saber de cor cada torção ou volteio do objeto que será criado. Você poderia tirar direto do desenho, como se diz; na realidade, é o que o novato sempre faz. Mas depois, ele estudará o quadro - ou um original, se preferir - e isso o deixa livre para, quando o trabalho começar, dedicar a sua mente totalmente ao objeto em mão.'

'Em todos estes volumes você achará quadros coloridos de todas as flores que fazemos aqui, os tipos terrestres e esses que pertencem só ao mundo espiritual.'

'Além destes livros, nós temos quadros pendurados em separado, nas paredes de outra sala. Fazemos isso para a conveniência de qualquer um que deseje vê-los sem buscar nos volumes. Vamos pelo corredor até o salão.'

Nós entramos numa sala muito grande onde, pendurados nas paredes, estavam quadros magníficos de todos os tipos de jardim que podem ser vistos nestes planos. Era impossível avaliar qual teria maior beleza que outro. Eles eram todos, igualmente, maravilhosos.

'A maioria destes jardins,' explicou nosso anfitrião, 'foram construídos de fato, em algum lugar ou outro nesta área. Nosso inventivo corpo docente não parece ter qualquer limite, como você pode ver.'

'Alguns esboços vieram de outros jardins-viveiros, da mesma maneira que nós passamos desenhos e esboços que retratam alguma novidade particularmente feliz. Acontece uma troca regular pois, saiba, jovem amigo, nestes planos estamos sempre movimentando as coisas. Nós não "grudamos na lama"!'

Finalmente nosso amigo jardineiro nos conduziu a uma sala menor, onde havia várias pessoas jovens bastante ocupadas, e nos contaram que eram os alunos da arte da horticultura.

Nós percebemos que Roger estivera todo o tempo imensamente atraído e interessado pelo que lhe estava sendo mostrado. Não que ele tivesse exibido, até então, qualquer sinal de enfado, mas aqui houve uma atração especial que, aos olhos de Ruth e meus - e aos do jardineiro - indicava plenamente que ele gostaria de fazer este trabalho.

Nosso amigo nos trouxe, afinal, ao clímax de nossa visita: a criação real de uma flor.

Para este propósito ele nos sentou em seu redor, enquanto colocava numa mesa um vaso pequeno, semelhante a um vaso comum. Verteu ali um pouco de 'terra' e nos pediu que olhássemos o vaso na mesa, sem mais preliminares.

No princípio havia pouco para ser visto, além de uma neblina leve de luz em torno do vaso. Porém, gradualmente, formou-se uma forma distinta, que se podia ver era o esboço de um talo com uma flor. Foi ficando mais firme, até aparecer o esboço completo de uma flor, até mesmo com a cor, entretanto esta ainda era bastante pálida. Havia, entretanto, forma suficiente para se poder observar inequivocamente o tipo de flor que era, uma tulipa.

O jardineiro saiu de sua cadeira, pegou o vaso e o examinou acuradamente antes de pronunciar sua satisfação, e então o passou a nós, para inspecionarmos também.

Era um objeto bonito, bem formado, contudo tênue de forma que uma pessoa poderia ver claramente através dele. Eu o devolvi a seu criador que o colocou mais uma vez na mesa e, com um esforço final de pensamento concentrado, trouxe a flor até sua solidez e colorido completos com, aparentemente, pouco esforço.

'Aí está, Roger. Há uma linda flor para você. Você pode ver qualquer coisa errada nela?'

O menino respondeu que não ver podia nada, absolutamente nada, de errado nela.

'Há uma coisa, entretanto. O Monsenhor e Ruth sabem o que é, mas nós não a deixaremos em segredo.'

Roger reexaminou a tulipa, mas novamente se confessou incapaz de descobrir qualquer coisa fora do normal.

'Como uma flor para ser olhada, é o melhor que podemos fazer, mas há algo que lhe falta: não há nenhuma animação que a preserve. Nós não podemos lhe *dar* isto - ou a qualquer flor. *Terá que vir* de outro reino, e nós não pedimos nada até que estejamos seguros de que o que fizemos esteja pronto para receber.

'Oh, nós cometemos nossos erros, você sabe; especialmente meus meninos, jovens meninos e meninas. Sempre se espera que aconteçam alguns erros quando se está aprendendo, mas isto não causa nenhum dano. Nós devolvemos os elementos à sua fonte, e começamos novamente.'

'Às vezes achamos uma pétala, por exemplo, que não foi amoldada verdadeiramente; talvez um lado da flor tenha uma nuance mais forte que o outro, ou a cor pode não estar exatamente como queremos. E assim, temos que começar novamente.

'Meus estudantes têm muito prazer na aprendizagem, mas a maior satisfação vem quando eles ficam totalmente eficientes e podem mostrar ou plantar uma flor tão perfeita quanto à do quadro.'

'Como vem a animação?' perguntou Roger. 'Tem que se executar algum tipo de cerimônia para isto?'

'Você quer dizer um serviço religioso?'

'Sim, algo desse tipo.'

'Ah, não. O que nós fazemos é enviar o pedido àquele reino mais elevado que eu mencionei, onde alguém recebe nossa mensagem; depois disso, tudo o que sabemos é que há uma descida rápida do poder que pedimos. Claro que, originalmente, vem *da* Fonte, mas é passado para nós vindo de outro personagem. É um processo e um procedimento natural, e o fato de criarmos a flor ou planta é suficiente. O nosso desejo de sua animação completa é cumprido; nosso pedido é respondido sem falta, e sem dúvida. Nós não poderíamos pedir vida para um artigo inferior, apesar de que até mesmo para isso obteríamos, mas nosso orgulho natural não nos permitiria fazer isso.'

'No começo eu examino o trabalho de todos meus alunos. Se qualquer um deles tiver necessidade de ser desprezado, modificado ou melhorado, isso pode ser feito, mas se estiver ruim demais para ser consertado, então se começa novamente, e o trabalho deformado é descartado.'

'É muito simples quando se começa, como se diz. Como com muitas outras coisas, é fácil quando você sabe como se faz.'

'Eu não deveria dizer *isso*, mas - até onde me concerne,' disse, 'estou convencido de que faria uma flor como nunca se viu antes, e nunca mais será vista novamente.'

'Oh, venha, Monsenhor. Gostaria de tentar por si mesmo?'

'Realmente, não devo. Ficaria muito nervoso, especialmente com vocês três me olhando e esperando pelos erros.'

Eles riram de minha expressão honesta de pura covardia.

'Em matéria de prática, não procedemos assim. Todo aluno novo se isola comigo em nosso pequeno gabinete privado, onde, afastados, fazemos nossas experiências e os primeiros ensaios para a composição de criações. Assim não há nenhum embaraço por nada.'

'Claro, meu querido amigo, eu sei disso, mas não acho, de maneira alguma, que eu faria grande sucesso nisto,' afirmei.

'Você acha que haveria uma vaga qualquer para outro estudante?' perguntou Roger, 'porque, nesse caso, eu gostaria muito de...'

'... se tornar um,' disse o jardineiro, terminando a sentença de Roger por ele. 'Há bastante espaço, e vagas. Mas antes de disso, deixem-me acabar esta tulipa. Não levará nem um momento. Assim.'

Ele segurou a tulipa na mão e, imediatamente, vimos um flash de luz descer sobre ela. Veio e se foi antes das pessoas perceberem.

'Agora,' disse ele, 'nós temos algo muito diferente. Cheire.'

Ele suavemente sacudiu a flor para lá e para cá diante de nós, e logo percebemos um perfume muito sutil.

'Coloque suas mãos em torno da flor, amigo Roger.' Roger assim o fez. 'Ora!,' disse, 'está viva! Eu posso sentir o... - o que é, um tipo de eletricidade? - correndo para cima em meus braços!'

'Não, não é eletricidade, mas é poder. Isso é, de fato, a vida que você está sentindo, e está passando um pouco para você, para seu benefício. Nós ainda não terminamos. Ponha o vaso na mesa, pegue então o talo da planta, e dê-lhe um pequeno tremor, como se estivesse tentando tirar uma gota de água para fora das pétalas. Desse jeito.'

Assim que Roger executou esta ação simples, um som perfeito foi emitido, como o dobrar de um pequenino sino prateado, de tom claro e doce.

Ele repetiu a experiência inúmeras vezes, tão deliciosa era a sua surpresa.

'Todas as flores emitem som quando fazemos assim com elas?' perguntou.

'Todas as flores, e muitas outras coisas também. A água, por exemplo. Você pode produzir alguns sons adoráveis quando mexer nela. Mas antes que a tulipa tivesse vida, ela estava calada.'

'Bem, agora, você gostaria de se unir a nós. Ficaremos felizes de estarmos com você sempre que se sentir disposto a vir. A Ruth e o Monsenhor estão lhe mostrando as vizinhanças por agora. Há bastante tempo. Veja o mundo – o nosso mundo – primeiro, não é, Monsenhor? '

'Assim é, Roger,' eu disse. 'Você acha que quer começar aqui imediatamente?'

'Oh, não, não neste momento.'

'Bom; então podemos continuar nossa perambulação e ver um pouco mais, e então nosso amigo ficará contente em fazer de você um dos alunos dele. Eu posso lhe dar detalhes que você poderia querer saber, sem tirar muito do tempo de nosso amigo.'

E desta forma o assunto foi resolvido agradavelmente, e outra alma feliz se fez ainda mais feliz.

11. O HOMEM DO CHALÉ

'Você mencionou outros lugares, Monsenhor,' observou o Roger, 'lugares que não são agradáveis, como estes.'

'Isso mesmo, Roger,' respondi.

'Onde são?'

'O local preciso deles, bem, isso não é tão fácil de se definir. Como espero que tenha notado, os quatro pontos da bússola não têm nenhuma significação nestes reinos, ou em qualquer outro lugar no mundo espiritual. Essa, como se lembra, era uma questão que poderia ter aparecido quando você perguntou uma vez se seria possível alguém se perder por aqui. Ainda assim, nós poderíamos levá-lo logo para esses lugares desagradáveis. Você realmente deseja vê-los?'

O menino ficou calado por um momento. 'Talvez seja melhor que seja guiado pela Ruth e você; quero dizer, guiado por seus conselhos.'

'Então, meu querido menino, se você deseja nossas sugestões, estou certo de que Ruth concordará comigo com que será muito melhor que você se mantenha longe das regiões escuras, apenas durante algum tempo.'

'Monsenhor tem razão, perfeitamente, Roger. Não vá lá. Você sabe que nós faremos qualquer coisa para você, que seja possível, mas essas regiões bestiais não são para você ainda. Mais tarde, talvez. Aceite nossa palavra quanto a isto - há milhares que poderiam confirmar o que dizemos - que você não sentiria feliz quanto a isto. Você sabe que, na terra, muita curiosidade nos leva a procurar algo que, depois, com certeza nos lamentaríamos de ter visto. Faríamos, mas nossas primeiras impressões seriam confirmadas. Aqui está um exemplo.'

'Há algo que pode ser dito, Roger. Esses reinos escuros não são o inferno teológico no qual as pessoas ficam uma eternidade: uma vez condenadas a ele, nunca mais saem novamente. Toda pessoa que, momentaneamente, é um habitante desses lugares terríveis tem a livre escolha para emergir deles sempre que mudar sua mente. Ele pode trabalhar o seu comportamento precisamente do mesmo modo que nós podemos trabalhar o nosso nestas terras adoráveis, para galgarmos terras ainda mais adoráveis. A lei é a mesma, lá e aqui, e aplica-se a todos nós - lá e aqui. E aqui está uma testemunha viva do que digo.'

'Você vê aquele chalé enfeitado lá em cima, Roger, com as duas árvores altas perto dele? Bem, eu não estou revelando nenhum segredo quando lhe digo que o morador daquele chalé uma vez morou em uma choupana terrível, não nos reinos escuros de fato, mas nas regiões escuras, desertas, que ficam por perto deles - de um tipo de crepúsculo dos reinos escuros. Ah, nosso amigo nos viu.'

Já tínhamos percebido o dono da cabana sentado em seu jardim, e agora ele estava acenando a nós.

'Levaremos Roger para vê-lo, Monsenhor?' Ruth sugeriu.

'Isso seria uma lição importante, querida, se o Roger não se importar em escutar a história de nosso amigo. Não é longa, nem amedronta, ou qualquer coisa deste tipo. Mas tenho que lhe contar isto: é, em grande parte, devido a Ruth que ele pôde mudar seu destino, ou seja, sair da sua infelicidade. Assim, pode logo imaginar que ele considera a Ruth apenas um pouquinho menos que um arcanjo.'

Ruth riu.

'Bem,' disse Roger, 'penso que o cavalheiro tem toda razão. Ele é um bom juiz, de qualquer maneira. Eu posso entender facilmente como ele se sente, pois vocês dois já fizeram tanto por mim, mesmo neste período tão curto.'

'Não, meu menino. Nós não fizemos nada que milhões de outros não teriam feito. Mas temos que poupar os rubores de Ruth.'

'Vou dizer algo, Roger. Se você tem vontade de escutar a história de nosso amigo, você estará fazendo a ele uma ação muito boa, porque ele sente que deve tanto pela ajuda que lhe foi determinada que acha que não pode fazer o bastante em retorno, e, contando aos outros sobre a sua reabilitação, crê ser uma pequena forma de mostrar a sua gratidão. Abençoe-o, o coração dele está na direção certa, e você verá que ele não se poupa também.'

'Eu pensei por um momento que você ia dizer "não poupe os cavalos".'

'Roger! Como pôde!' exclamou Ruth. 'Se o Monsenhor puser isso no papel - e é bem possível que o faça - o que diria o povo da terra?'

'Que tudo isso é simples 'lixo', meu querido,' eu disse. 'Espero que não pense, Roger, que eu disse que nosso amigo aqui seja uma pessoa enfadonha, velha e difícil. Longe disto. Mas neste caso, eu acho que a história simples dele responderá a várias perguntas suas, sem que tenha que perguntar.'

'E se eu não conhecesse, eu diria que o pouparia de muito aborrecimento, de um modo ou outro,' disse Roger com um sorriso.

'Glorioso, Roger; essa foi uma boa contra o Monsenhor,' disse Ruth.

'Ele o incluiu nesta frase, Ruth,' declarei.

A esta hora já estávamos a pouca distância de nosso amigo, e ele veio rapidamente em nossa direção.

'Ruth, Monsenhor!', exclamou, evidentemente alegre, 'que prazer! Parece que passou muito tempo desde que eu os vi. E quem é nosso jovem amigo? Eu não tive o prazer de conhecê-lo antes.'

Nós apresentamos Roger e explicamos as razões por que não o tínhamos visto ultimamente, já que estávamos mostrando ao Roger a sua nova terra.

'Como vai você?' perguntou para a Ruth.

'Bem, meu querido, eu nunca me senti melhor em minha vida. Pense, é possível para nós sentirmo-nos ainda melhores que agora?'

'Isso é algo que gostaria muito de saber, senhor' disse Roger.

'Lá vai você, meu querido. Aqui está este jovem cavalheiro que me apóia em minha declaração. Agora então, o que diz esta cabeça brilhante?'

Nosso amigo enlaçou o seu braço no de Roger.

'Bem, não sei,' respondeu Ruth com um sorriso, 'mas não vejo como poderíamos nos sentir melhor do que já estamos. Talvez seja tudo uma forma de comparação.'

'Deve ser isto, e comparado com o que eu já senti *antes*, agora é a perfeição. Poderia ser chamado "Paraíso recuperado", se eu tivesse certeza de já ter tido tudo isso e perdendo, recuperei. Mas entrem, e deixemos que nosso novo amigo veja como é um chalé rural do mundo espiritual.'

Esta pequena habitação era tão limpa e simples por dentro como era por fora, e tudo fora organizado com o maior gosto e refinamento e, contudo, sempre de olho no conforto e prazer reais. No compartimento em que nós entramos diretamente do jardim, a mobília era do estilo antigo, bem feita e agradável de se ver. Estava sempre polida e refletia grandes vasos de flores que estavam expostos em todos lugares. Os outros cômodos, um no andar de cima e outro embaixo, foram semelhantemente decorados, e a casa inteira revelava o orgulho natural e o cuidado dedicado de seu dono.

'Não tenho nenhuma vergonha de lhe falar, Roger, meu amigo, que este lugar é muito diferente do que eu morei quando cheguei da carne ao mundo espiritual, como contam a você a Ruth e o Monsenhor e, claro, Edwin. Onde está o Edwin agora? Por que ele não está com vocês?'

'Ele está muito ocupado ultimamente,' respondeu Ruth, 'e nenhum de nós o vê muito além de uma visitinha passageira. Roger é um dos nossos próprios casos – se importa de ser chamado de caso, Roger? - e pensamos em economizar tempo mostrando-lhe as coisas.'

'Fazendo por ele o que Edwin fez por você e Monsenhor. Você se lembra de quando me visitaram pela primeira vez? - mas é claro que lembra. Eu nunca esquecerei disto.'

'Se você se sentir disposto, conte ao Roger sobre isto.'

Nosso amigo refletiu para um momento. 'Ora, claro que sim, se você deseja', disse, 'mas ele deveria saber primeiro porque, ao sair da carne, fui morar num lugar daquele, um lugar terrível como era.'

'Quando morava na terra, Roger, eu era um empresário próspero. Negócios eram a minha preocupação na vida, pois eu pensava muito pouco no resto, e considerava corretos todos os meus modos de proceder em relação aos outros, já que eram estritamente legais. Contanto que eles fossem legais, eu julgava que o resto não importava. Eu era cruel, entretanto, para alcançar meus fins, e juntamente com um alto grau de eficiência, alcancei grande sucesso comercial.'

'Em minha casa, havia só uma pessoa que devia ser considerada, que era eu. O resto da família fazia o que eu mandava - e eu mandava.'

'Eu sempre doei generosamente para a caridade pois pensava tirar o maior benefício disso creditando tudo para mim, já que não mantinha anonimato em nada do que fazia. Se qualquer doação fosse dada, eu cuidava em manter meu nome suficientemente proeminente. Claro, sustentei a igreja do bairro onde eu vivi, e, às minhas custas, algumas partes do prédio foram acrescentadas ao edifício principal com a devida ênfase ao doador.'

'A casa onde morei era minha, e com tamanho e status de acordo com a minha posição no mundo. Sob todos os aspectos, Roger, eu me considerava um deus. Só quando vim para o mundo espiritual que descobri que era... o deus mais arrependido, feito de *lata* e o mais roto que já existiu.'

'Tinha passado um ano ou dois da meia idade quando uma doença me pegou e, finalmente, "morri". Eu tenho todas as razões para crer que me fizeram um funeral magnífico, com todos os enfeites habituais, luto satisfatório e assim por diante, entretanto, aprendi desde então que não havia uma alma que se preocupou um centavinho com a minha ida. Pelo contrário, ficaram alegres. Alguém declarou que afinal o diabo levou o que era dele. Outros disseram que eu era uma justificativa para a existência de inferno, e que a terra ficou mais doce com a minha saída. Tal era a memória fragrante que deixei para trás. E onde você pensa, Roger, que eu estava durante todas estas lamentações tristes sobre a minha partida?'

'Eu despertei na mais suja choupana esfarrapada que você pode imaginar. Eu poderia levá-lo para lhe mostrar o lugar agora, porque ainda está lá. O casa – a cabana - era pequena, e parecia menor ainda em comparação com a casa enorme a que eu estava acostumado na terra. Ela foi construída num local horrível, deserto, sem jardim ou qualquer coisa viva ao redor. O interior estava de acordo com o exterior, pobre e parcamente mobiliado.'

'Vendo-a pela primeira vez, alguns poderiam pensar que o problema era a pobreza. Assim era - *pobreza da alma* - porque eu nunca havia feito qualquer coisa para qualquer pessoa na terra, a não ser em meu próprio benefício, não deles.'

'Mesmo as roupas que eu estava usando eram puídas e sujas. Neste buraco sujo eu me encontrei, queimando sem chama de tanta raiva que, mesmo sendo inconcebível, me reduzi a total estado de esqualidez. Eu não parecia capaz de encarar as premissas; eu me sentia colado na casa. Contemplando pelas janelas eu não podia ver nada além de chão estéril, com um manto de névoa não muito longe. Uma perspectiva severa e escura, num sentido literal. Eu gritei e delirei, e estava nesta situação que Edwin me achou.'

'Ele veio a mim um dia, e eu o tratei como costumava para tratar os que considerava meu inferiores na terra. Agora sei que Edwin era a última pessoa com quem poderia ter falado daquele jeito. Você ainda não o conheceu, Roger, meu menino, não é? Uma personalidade branda, amável mas firme. Ele não me dizia nenhuma tolice, posso lhe afirmar, mas o meu humor naquela hora não permitia nenhum progresso.'

'Eu me consumia de raiva, uma raiva agravada pelo fato que eu não sabia a quem culpar a minha situação presente. A última pessoa que eu pensei em culpar era eu mesmo. Porém, eu me consolava de alguma forma jogando a responsabilidade onde imaginei que estivesse a parte maior causa de tudo isto, a Igreja, porque eu sentia que tinha sido enganado. Eu não tinha doado generosamente dinheiro para a Igreja, e não tinha sido levado a acreditar que as minhas doações fariam uma considerável diferença na balança e me poriam de pé em lugar muito bom quando chegasse meu tempo de partir da terra? Considerei que tinha sido vítima de uma injustiça muito séria, e que a Igreja, da qual eu me considerava um pilar dos mais ornados, tinha me enganado notoriamente, e que agora eu pagava pelo seu engano.'

'Para quem eu me voltaria com os meus problemas? Eu estava perfeitamente ciente do que tinha acontecido; em outras palavras, de que estava "morto". Mas o mero conhecimento deste fato era de muito pouco proveito.'

'Suponho que devo ter emitido algum pensamento amável num pedido de ajuda. Fosse lá o que fosse, percebi um homem se aproximando da casa, e o homem era Edwin. Era a primeira de muitas visitas que ele me fez, e todas com o mesmo resultado. Eu era inflexível. Era também extremamente rude. Mas Edwin não era do tipo que se intimida diante de alguém como eu, e ele me tratava tão bem – ou melhor – quanto eu o tratava! Ele sempre podia dar a última palavra, por assim dizer. Ele simplesmente marchava casa adentro e me deixava quando eu ficava muito intratável.'

'Finalmente, um dia ele voltou, mas desta vez não estava só, porque trouxe com ele dois amigos (e outro a quem eu já tinha visto algumas vezes na redondeza), os mesmos dois amigos que estão cuidando de você, Roger - Monsenhor e Ruth.'

'Olhando atrás agora, eu sei que essa visita foi o momento decisivo. A Ruth e Monsenhor ficaram nos fundos de meu quarto, muito discretamente, enquanto Edwin falou comigo. Eu comecei a me sentir um pouquinho menos bravo, e meus olhos continuamente voltavam-se para Ruth, quando então tive meus primeiros lampejos de luz, se posso me expressar assim.'

'A presença de Ruth serviu para lembrar que eu tive uma filha, entretanto eu a tinha tratado abominavelmente, como os demais. Não havia nenhuma semelhança física entre a Ruth e minha filha, era mais uma semelhança no temperamento, até onde eu pudesse julgar. Com tudo isto, já comecei a me sentir diferente. Tudo isto, combinado com o que Edwin havia falado comigo em tantas ocasiões, teve seu efeito. Depois que minhas visitas foram embora, uma solidão terrível se abateu sobre mim, como também um remorso profundo, escuro, tão intenso que eu gritava alto, agora em desespero, pela presença de Edwin, o qual eu rejeitara tão freqüentemente, e com desprezo, porque já podia ter pensamentos bons.'

'Você pode imaginar minha alegria e a minha surpresa quando eu percebi que Edwin vinha vindo para a minha casa no momento de meu grito. Eu o encontrei à porta, e, como ele diria, eu era um homem mudado.'

'A primeira coisa que fiz foi lhe agradecer que tivesse vindo assim, tão rapidamente - e eu não tinha o costume de agradecer às pessoas por qualquer coisa que fosse. Em seguida, desculpei-me junto a ele por tudo que tinha dito e feito a ele. Mas ele recusou minhas palavras com um sorriso brilhante em sua face, o que claramente traduzia seu enorme prazer porque, afinal, eu estava a caminho de ser algo muito diferente do grande egoísta e vilão espiritual que era quando cheguei nos planos espirituais.'

'Edwin sentou-se imediatamente comigo e começou a discutir modos e meios de me tirar do buraco infernal que era o meu domicílio. Um plano de ação ficou decidido. Foi Edwin quem tomou as decisões porque eu me pus totalmente nas mãos dele, e por ora ficou combinado que eu permaneceria onde estava por um curto espaço de tempo, e que se o chamasse, ele viria.'

'Depois que ele se foi, eu contemplei em torno de minha casa, e de alguma maneira extraordinária, ela parecia muito mais luminosa do que era. Estava inquestionavelmente menos suja, e minhas roupas estavam menos rotas, e esta descoberta me fez sentir muito mais feliz.'

'Eu não vou aborrecê-lo com todas as lutas, lutas duras, que tive de vencer para compensar tudo aquilo do passado. Foi um trabalho duro, mas nunca faltaram os amigos. Não precisei olhar para mais longe que este quarto para ver, pelo menos, dois.'

'Bem, Roger, você me vê agora tão diferente do que eu era como são diferentes o dia e a noite, ainda trabalhando duro, e feliz por isto. Meu trabalho? Ora, fazendo para outros o que Edwin fez por mim - e para o mesmo tipo de pessoas! É mais fácil de controlá-los quando você foi um deles,' nosso anfitrião acrescentou, com um sorriso.

'Há um consolo,' continuou ele; 'eles já se esquecerem de mim na terra. Caso contrário, eles estariam pensando que estou pior que o velho Scrooge que fui, e isso salientaria, por fim, o Scrooge que se reformou e se tornou um cidadão decente, em vez de terminar seu caminho sem se arrepender. Perfeitamente verdadeiro, mas eles não sabem que eu mudei meus pontos de vista desde então, e não me reconheceriam por causa do homem que eu fui.'

'Mesmo assim; talvez um dia descubram, e, palavras minhas, haverá surpresas por todo lado!'

12. A INSENSATEZ DOS FILÓSOFOS

'Você, Roger, descreveria estes reinos do mundo espiritual como uma triste imitação da terra'? perguntei ao nosso jovem amigo.

'Minha nossa, *não!* Quem disse isso?'

'O senhor em particular que tenho em mente, apesar de não ser o único deste tipo, vive na terra, e é considerado pelos seus amigos, e uma ou duas pessoas que ganham dinheiro fora dele, como um filósofo. A verdade é que ele sabe pouca coisa e nunca hesita em dizer muito sobre tudo isso. Seus amigos e admiradores o consideram naturalmente um oráculo perfeito, e se apóiam em todas as suas palavras - creio que é essa a expressão. Ele sempre está pronto para suas declarações pontificais em todo os assuntos da terra. Mais cedo ou mais tarde, um assunto que *não* é ligado à terra vai ser semeado. Alguém lhe perguntará se ele acredita em um "futuro depois daqui" e, se acredita, que tipo de lugar ele pensa que é. Esse é o momento em que os problemas começam.'

'O grande filósofo - e há muitos cujo título é lhes outorgado assentado em solo raso - sabe nada sobre todo esse assunto, mas isso ele não considera obstáculo, e assim recorre à literatura sobre o assunto que ele nunca leu, mas só ouviu falar, e superficialmente. Uma das declarações mais insensatas deles decorre da pergunta que lhe fiz um momento atrás: o mundo espiritual é uma triste imitação da terra, a qual, na opinião deles, é um lugar bem melhor para se viver.'

'Outra objeção que surge é concernente à qualidade e ao conteúdo dos ensinamentos espirituais que são enviados de vez em quando para a terra.'

'Você se lembra daquele texto bíblico, Roger, sobre amar um ao outro? Soa bem, não é?'

'Oh, sim. Eu ouvia sermões sobre o texto, às vezes, quando eu ia para a igreja.'

'O que, creio, não era muito freqüente. Eu estou me referindo ao fato de ir igreja, não aos sermões sobre o texto.'

Roger e Ruth riram. Nossa inteligência e humor podiam não ser de alto e cintilante teor, entretanto nem eram para ser. Entre nós, proferimos o mesmo tipo de piadas que seriam, e são, habituais entre amigos no nosso próprio círculo doméstico da terra. E, gostaria que soubessem, gostamos de ter *nossos* círculos íntimos de amizades aqui nestes planos do mundo espiritual. Nós preferimos continuar com nossas piadas simples, por mais *pequenas* que possam parecer. Humor é a essência desta vida. Temos prazer em fazer nossos amigos e companheiros sorrirem, assim como nós mesmos damos risadas com suas brincadeiras. Em outras palavras, somos humanos, apesar das idéias terrenas ao contrário. Sem dúvida, muito do que estou lhe declarando será considerado como simples lixo. Pelo menos há isto para ser dito para isto: não é simples lixo, ou nem é lixo, como a *maioria* das grandiosas declarações de filósofos da terra, quando dão suas opiniões sobre o mundo espiritual, e de nós que vivemos aqui. O que esses senhores pensam sobre tais assuntos quando vêm para cá, é completamente outra coisa.'

'Agora, Roger; quando você ouviu esses sermões sobre amor fraterno, pensou que era ensino que soava bem, e que estava fora de cogitações, não é?'

'Sim, certamente.'

'E você tinha razão. O preceito original veio de um homem que *sabia* o que estava falando. E nosso grande filósofo estaria completamente de acordo com o pastor neste caso, que o amor fraterno é essencial, e assim por diante. É essencial, e os mentores espirituais "inspiram sobre o tema" às mentes, e eles continuarão fazendo isso, contanto que haja alguém na terra para que eles falem. Mas qual você supõe seja o comentário sobre tais ensinamentos do mundo espiritual quando considerados por pelo menos um destes cavalheiros filósofos renomados?'

'Não tenho idéia.'

'Isto é "*exaltação religiosa desganhada*". Elegante, não é? Consegue observar a mente estupefata trabalhando? O pároco lhe fala de amor fraterno do seu púlpito, e ele fica corretamente impressionado, concordando por completo. O mentor espiritual lhe fala sobre isto, e vira "*exaltação religiosa desganhada*".'

'O Monsenhor sente intensamente o assunto, Roger,' observou a Ruth, 'como todos nós daqui, porque, cedo ou tarde, um destes cavalheiros é designado para vir a nós, e isso significa trabalho duro, e trabalho muito tedioso para quem for escolhido para cuidar dele.'

'Você vê, Roger, a dificuldade não está só com estes senhores. As visões perniciosas deles são lidas e absorvidas pelos esfarrapados partidários deles, e tratadas como verdades profundas, de forma que, se nada intervier para os fazer alterar suas opiniões, haverá outros chegando aqui em estado semelhante de ignorância.'

'Em outras palavras,' disse Roger, 'os enganos da terra têm que ser corrigidos aqui mesmo.'

'É exatamente isto. O seu caso é um descanso para a Ruth e para mim. O que complica as instâncias individuais não é quando o recém-chegado não sabe nada sobre esta vida, mas quando tem *idéias erradas* sobre ela. Você não sabia de nada e, felizmente não tinha absolutamente nenhuma idéia. Eu não digo isso depreciando-o, você sabe disto, meu querido companheiro. O que você trouxe foi uma mente limpa, livre de todas as noções tolas - até mesmo sobre as harpas e as asas.'

'Uma das exortações mais insensatas trazidas por estes senhores instruídos é que todos os comunicantes do mundo espiritual são ingleses, de forma que, com efeito, o mundo espiritual é completamente inglês, com exclusão total de todas as outras nações.'

'As pessoas dos outros países podem dizer o mesmo.'

'Exatamente. Por exemplo, o francês poderia dizer que o mundo espiritual inteiro parece ser francês, porque na França todos os espíritos comunicantes são franceses. Exatamente a mesma coisa poderia ser dita ao longo do mundo inteiro. Você pode imaginar o que aconteceria se um grupo destes filósofos altamente inteligentes e céticos se encontrasse, um de cada nação? Cada um deles estaria com problemas, pois cada um desejaria fazer valer o clamor do país dele em bases patrióticas, como se diz, mas ao mesmo tempo receberia a reclamação de que o mundo espiritual parecia pertencer só ao país dos outros. Os procedimentos possivelmente teriam aquela aparência familiar que se observa nas conferências internacionais para a preservação da paz.'

'Suponho que as pessoas de outras nações morram da mesma forma que nós morremos.'

'Você supõe muito acertadamente, meu menino. Uma declaração óbvia, mas não tão óbvia que nossos grupos de filósofos possam perceber isto.'

'Esta parte do mundo espiritual é inglesa, então?'

'O que pensaria, baseado apenas nas aparências?'

'Eu diria, sujeito às diferenças entre este mundo e a terra, que há uma grande semelhança com a paisagem do antigo lar.'

'Há; e as casas são bem semelhantes. Nós não viajamos muito longe pelos campos ainda. Portanto você não viu as colinas de grandes alturas, nem você viu montanhas. Mas elas estão por aqui. Sobre as pessoas, quem você encontrou até agora?'

'Bem, a Ruth e você, e falaram de Edwin.'

'Todos os três ingleses como você.'

'Então há Asa Brilhante, e Omar e o amigo dele.'

'Exatamente. O primeiro é um índio americano; o segundo, caldeu; e o terceiro, egípcio. Isso é quase internacional por si mesmo. Você omitiu nosso amigo da cabana. Ele é outro inglês.'

'A pergunta é: em que nação você se encontrou - esperaria se encontrar - depois de deixar a terra?'

'Ora, isso nunca me ocorreu. Entre pessoas inglesas, suponho eu.'

'Você fala algum outro idioma além de seu próprio?'

'Nenhum. Um conhecimento superficial de latim, talvez.'

'Teria sido decididamente desastroso se você tivesse despertado entre os chineses, por exemplo.'

'Provavelmente me assustaria a vida lá longe.'

'Meu querido, por quê? Os chineses são pessoas encantadoras, bondosas e pensativas, e sempre prontas a ajudar. Veja, meu querido companheiro, que o que você diz leva à estupidez destes senhores filósofos, com suas falsas noções sobre um mundo espiritual que deve ser exclusivamente inglês. Não há nenhum deles que não diria o mesmo que você acabou de dizer neste minuto.'

'Ruth e eu conhecemos alguns deles, e eles ficaram muito felizes em ouvir a sua *própria* língua, a língua inglesa, falada da mesma maneira como nós falamos com você. E a mesma coisa se aplica ao francês, e ao chinês, e a todos os demais.'

'Como você sabe, a comunicação pessoal pelo processo de pensamento elimina qualquer dificuldade na questão do idioma. Este processo não tem nacionalidade. Mas quando as pessoas despertam nestes planos, usam os seus órgãos vocais, e assim fazemos nós também. Isso é natural.'

'Quais foram as suas impressões quando você abriu seus olhos em nossa sala, ao lado da janela aberta?'

'Bem, tive um certo sentimento de familiaridade. O ambiente era do tipo ao qual eu estava familiarizado, e a visão pela janela também me era familiar.'

'Precisamente. Assim deveria ser. Veja, então, que há leis e argumentos atrás de tudo isso, e nada que o "povo sábio" da terra possa dizer ou pensar alterará isto.'

'Então, as outras nações têm que estar vivendo em outro lugar - que coisa tola para se dizer. Claro que estão.'

'Estão, Roger. Toda nação da terra tem alguma posição e local no mundo espiritual. Pessoas gostam de estar entre os seus, e não há nenhuma razão por que elas não deveriam estar. Seria certo, pense, ou de boa política, impor pessoas de uma nação em particular, ou de sentimento nacional, sobre outras? Por princípio, não, de jeito nenhum.'

'Então, quanto aos países: Os povos preferem o seu próprio país, por mais encantadores que os outros possam ser. Aqui, eles podem achar isto. E *isso* também é certo e natural.'

'E sobre Omar e o amigo dele?'

'Ah, eles entram em outra categoria. Onde *elas* vivem, as nações não têm nenhuma significação, pois as pessoas estão acima, ou além, de nacionalidades. Asa Brilhante é outro deles. No seu *próprio* reino, perde-se a nacionalidade, apesar de não perderem as individualidades raciais, se entende o que quero dizer.'

'Temo não ter entendido.'

'Não é sua culpa. É minha! O que quero dizer é que Asa Brilhante reterá suas características particulares, da mesma maneira que Omar, mas a nação à qual pertencia anteriormente não terá mais nenhuma significação para ele, o que se conclui que Asa Brilhante e Omar não se consideram de nenhuma nação e de todas as nações.

'Não terão fim estas objeções que os gênios de filosofia levantam sobre este assunto, ou outros.'

'Eu notei que Omar e o amigo dele ambos falaram o inglês, e sem nenhum sinal de sotaque também.'

'Isso é uma das objeções às quais recorri. Você pode pensar em alguma razão por que Omar não deveria falar o inglês, ou qualquer outro idioma?'

'Nenhuma, se ele desejar...'

'*Se ele desejar.* Aí está, Roger. Se seu trabalho particular ficar mais fácil, ou, na realidade, for possível, agindo assim, então assim ele agirá'.

'Acontece que Omar tem os amigos na terra, amigos mútuos, de fato. Era necessário que ele falasse com esses amigos. No princípio, ele não falava inglês, e eles não sabiam nenhuma palavra de caldeu, certamente. O que fazer? Era óbvio, desde o início, que eles não poderiam aprender o caldeu, mas era igualmente óbvio que ele poderia, com a maior facilidade, aprender o idioma inglês. Ele assim fez, sem a menor inconveniência'.

'Você já sabe o que a memória pode fazer aqui, Roger. Uma vez que algo entra na mente, lá fica. Ora, Omar poderia aprender bem qualquer idioma, e falar fluentemente, enquanto o povo da terra ainda estivesse pensando nisto. Lembre-se de que Asa Brilhante conhece o suficiente de nossa língua nativa para se fazer bem entendido para os fins de seu trabalho na terra. Omar também quis se fazer compreendido, mas de um modo diferente, e mais extensivamente. Ele desejou cobrir uma gama extensa de assuntos tão lucidamente quanto possível, e assim dedicou-se profundamente na tarefa de aprender o inglês. O mesmo se aplica a todos nós aqui. Se você, meu menino, desejar aprender qualquer idioma, se usá-lo ativamente, - quero dizer, em conversação - bem como na literatura erudita naquele idioma, não há nenhum poder que possa pará-lo. Você tem liberdade de começar neste momento. Milhares de nós não o fazemos, entretanto, porque não há nenhuma razão para tanto'.

'Você sabe, Roger, quanto mais alto você sobe a escada espiritual, menos você pensa em nacionalidades - e idiomas, a menos que haja trabalho para ser feito na terra que envolva o uso de outra língua que não seja a sua.'

'Como se vai para outro país por aqui?'

'De vários modos. Usando as canelas de uma égua é um deles.'

'*Monsenhor*; o que é isto? Como você pode reprovar o Roger por usar gíria, quando usa uma destas, tão ruim?' exclamou Ruth rindo.

'Você vê, Roger, a influência ruim que você é. Aqui eu tenho escolhido cuidadosamente meu modo de falar para não usar uma única palavra ou termo que seria desaprovado pela gente da terra que pensa que nós falamos como se estivéssemos nos endereçando a um conselho ecumênico ou algo igualmente enfadonho. Ah, bem. "Más influências corrompem as boas maneiras", suponho.'

'Não há nenhuma dificuldade para se chegar em outros países nestes reinos, ou, para ser mais exato, para as partes onde os outros povos da terra têm as suas habitações.'

'Você estava pensando principalmente em fronteiras, não é? Não há nenhuma fronteira. Você pode vir e ir como quiser, e mais, você será acolhido como os habitantes daquelas regiões são bem-vindos aqui. Na realidade, se você vagar por aí, quase não perceberia que chegou "lá", com exceção de alguma diferença desprezível na paisagem talvez, e nas casas.'

'Há somente um tipo de barreira que encontrará neste mundo, e é a barreira entre um reino e outro, e essa é invisível, ou praticamente. Um aumento ou diminuição da luz, pode ser o caso. Se não houvesse essas barreiras, de certa forma desagradáveis, extremamente desagradáveis, elementos seriam tentados a invadirem as regiões próximas às deles. E talvez alguns de nós seríamos tentados a desenvolver idéias sobre nossa estadia, como diz o provérbio. São leis naturais que trabalham desta forma, e como todas as leis, trabalham sem qualquer falha, exagero ou dificuldade. Essa é a beleza disto tudo. Não questiona diferenças de opinião, ou insistências em direitos. Não há ninguém discutindo com uma lei natural. Eu ouvi falar de alguém discutindo com a lei de gravidade na terra. Seria, em todo caso, um argumento unilateral, e provavelmente terminará em desastre.'

'No que concerne a estes reinos em particular, você poderia chamá-los de Cosmópolis, com todas as justificativas, pois encontrará pessoas de todas as nacionalidades que se encontram debaixo do sol, alguns deles vindo e indo, e outros ficando por aqui.'

'Eu posso entender o vindo e indo, mas o que quer dizer ficando?' Roger perguntou.

'O melhor modo de responder isso é dar-lhe uma demonstração prática, mas você já conheceu a pessoa, sem saber disto.'

'Conheci?'

'Sim; nosso velho amigo Asa Brilhante.'

'Ele não pertence a este plano, então?'

'Não, de jeito nenhum.'

'Isto confunde bastante.'

'É chocante.'

'O Monsenhor é um tormento terrível para você, Roger. Não o leve em conta. Eu sei o que ele quer dizer. Venha, vamos fazer outra visita.'

'Está bem. Uma visita que valeria uma fortuna se pudesse ser feita na terra.'

Com ares de segredo, levamos nosso jovem companheiro a um compromisso social num local um tanto distante de nossa casa.

13. UMA CASA NA FLORESTA

'Agora, Monsenhor, por favor, explique-me, em palavras simples se quiser, o que queria dizer com "alguns ficando por aqui", quando falou sobre as pessoas de outras nacionalidades?'

'Isso, Roger,' disse Ruth; 'seja firme.'

'Claro, meu querido companheiro. Não há nenhum mistério. O que eu quis dizer era que, às vezes, é o caso de pessoas morarem em certos reinos daqui, quando, em virtude do progresso espiritual, foram chamados para viverem em um plano mais elevado.'

'Então, por que eles ficam por aqui?'

'Porque, Roger, pode haver muitas razões boas para ficarem. Alguns podem escolher suportarem ficar aqui por razões puramente privadas, razões de afeto entre dois indivíduos. Pode acontecer que duas pessoas, entre as quais há um laço forte, possam pertencer a planos diferentes de progressão, e então habitariam reinos diferentes. Em tais casos não é incomum que a pessoa chamada para viver num reino mais elevado permaneça com o que não progrediu ainda, até que chegue o tempo de seu progresso e então, juntos, os dois subirão para o seu novo reino, e assim continuarão inseparáveis. Isso é um exemplo.'

'Há outro, e creio que mais comum, onde uma certa ocupação mantém as pessoas tão absorvidas que elas preferem trabalhar em reinos menos elevados. Nosso amigo Asa Brilhante é um caso destes. Eles ainda estão trabalhando para humanidade encarnada, Roger, e, embora passem muito tempo por aqui nestas regiões, constantemente viajam para as suas próprias casas nos reinos mais elevados, e assim são residentes de ambos os reinos. Eles estão conduzindo vidas dobradas!'

'Não soam tão terríveis estas palavras,' exclamou Ruth.

'Não mesmo! E milhares na terra também estão levando vidas dobradas, se for esse o termo. O tempo deles, enquanto acordados, gasto na terra, e o tempo deles, enquanto dormem, gasto no mundo espiritual. É desta forma que acontecem grandes reuniões de amigos e parentes, Roger. Mas isso é outra história.'

Nós já tínhamos andado uma certa distância quando alcançamos uma parte do país que era bem arborizada, e entramos numa floresta de pinheiros muito agradável. Finalmente chegamos a uma clareira, e diante de nós havia uma casa muito atraente, não muito alta, mas ampla, como se tivessem colocado vários bangalôs juntos para formarem a estrutura. Havia vários canteiros grandes de flores para se ver, mas não tinham feito nenhuma tentativa para cultivar o terreno em torno da casa com jardins formais. Havia um certo elemento selvagem no lugar, sem, porém, qualquer sugestão de desordem. Ao observador parecia um porto de repouso e quietude, entretanto isto não seria, de forma alguma, excepcional, já que são possíveis o descanso absoluto e a quietude até mesmo no coração da cidade, sem a menor dificuldade.

Ruth e eu já tínhamos visitado esta casa em muitas ocasiões, mas tudo era novo a Roger, e assim, em respeito, nosso anfitrião estava esperando por nós à porta de sua casa.

'Bem, meu querido Monsenhor, e Ruth, também,' disse ele; 'vieram no momento certo, porque tenho algo, pelo menos para você, Ruth.'

Nós apresentamos o Roger, e brevemente explicamos nossos procedimentos e nossa missão. Houve uma terna troca de saudações entre nosso amigo e Roger, e fomos convidados imediatamente para entrar.

'Chame nosso amigo *Peter Ilyitch*(*),' sussurrei a Roger, 'e procure por surpresas.'

Uma delas não demorou a aparecer. Mostraram-nos um aposento espaçoso que era sala de estar e de trabalho ao mesmo tempo. Perto de uma ampla janela havia uma mesa grande na qual estavam espalhadas muitas folhas para música manuscrita - algumas já escritas, e uma quantidade adicional de papel novo esperando, e era evidente que um trabalho estava sendo desenvolvido.

Encostado numa parede havia um sofá espaçoso no qual estava sentado um velho amigo nosso, que se levantou quando entramos. Ele foi apresentado a Roger como Franz Joseph (**), e então voltou ao seu lugar.

O que imediatamente chamou a atenção de nosso jovem foram os companheiros de Franz. Sobre o sofá estava um nosso indubitavelmente velho conhecido, o puma, com quem Franz Joseph brincava agora, enquanto que no braço do sofá podia ser visto o pequeno pardal cinzento, empolgado, exercitando os seus pulmões numa intensa atividade de cantar.

'Vocês já se encontraram antes, dá para ver,' disse Peter Ilyitch, porque o pássaro imediatamente voara para empoleirar-se no dedo estendido por Roger.

Perguntamos ao Peter o que esta dupla estava fazendo ali, na casa dele. 'Ora,' disse ele, 'eu estava na casa deles um dia desses, e testemunhei as suas travessuras divertidas. Enquanto eu os via, uma música passou pela minha mente, precisamente vinda das artimanhas deles. Pensei que era boa demais para se perder, e assim pedi a dupla emprestada a Asa Brilhante, de forma que poderia tê-los - e suas premissas - aqui, e assisti-los para meu lazer. Eles me dão, amavelmente, uma espécie sensação de tempo indefinido. As brincadeiras deles nunca são exatamente as mesmas. Eu acho que você sabe, Roger, que Asa Brilhante é Curador-chefe e Grande-Amigo deles, agindo através de

comissão especial para dois amigos dele que estão na terra e que têm, em comum, estes dois amigos "fazedores de diabruras". Eu trabalhava naquela música quando vocês chegaram.'

'Fizemos mal em interrompê-lo?' perguntou Ruth.

'De jeito nenhum, querida Senhora,' respondeu Peter. 'Quando eu disse que tinha algo a você, estava me referindo a esta peça musical. A versão para piano já está completa. Eu pensei que talvez você gostasse de tê-la. Estou trabalhando agora no arranjo orquestral que, acredito, está decididamente pronto. Só diferirá ligeiramente da versão para piano. Será mais completa, e com algumas evoluções a mais e assim por diante. Roger se interessa por este tipo de coisa?'

'Sim. Eu toquei, no órgão, o scherzo que você escreveu para mim - a esfera, você sabe, e ele se deliciou, e fez perguntas. Essa é um das razões para nossa atual visita, fora o desejo de que o conhecesse. Ele não suspeita - pelo menos penso que não - de quem são vocês, entretanto o Monsenhor o preveniu para esperar surpresas. Ele já teve uma com os dois. Estou segura de que ele não sabe quem é Franz também.'

'Bem... sabe, meu querido, que nós mudamos um pouco desde que nós viemos para cá.'

Roger estava se divertindo com Franz, o puma e o pássaro, e estava desligado de nossa conversação.

Ruth o chamou: 'Roger, querido,' disse ela, 'você se lembra da peça que toquei para você na igreja? Peter escreveu outra para mim.'

Roger se uniu a nós na mesa, e estava contemplando seriamente Peter Ylyitch e um busto que se encontrava em uma mesa auxiliar. Era de um homem de meia-idade, usando uma barba nitidamente aparada. Peter se divertia com a tentativa óbvia de Roger para parear os dois.

'Você acha que pode fazer alguma relação, Roger?' examinou Peter. 'Você está perfeitamente certo. Assim eu era quando estava na terra. Não é por vaidade que mantenho aquele busto aqui, mas somente pela beleza do artesanato.'

Era uma peça de escultura perfeitamente forjada.

'Foi feita por alguém que me conheceu como eu era, e preferiu modelar nessas linhas,' Peter continuou. 'Você acha que melhorei, Roger?'

'Meu Deus, senhor,' respondeu Roger, 'é uma pergunta difícil. Se eu disser que *sim*, insinuaria há espaço para melhorias. Se eu disser que *não*, você não tem mais o que melhorar - oh, céus!'

O menino estava perdido na confusão, e nós estouramos em gargalhadas, não menos que o próprio Peter. Ele agora estava, claro, como no início da vida, do mesmo modo, precisamente, como Franz tinha revertido também a um período semelhante de juventude exterior.

Roger se desculpava muito por sua curiosidade, mas não pôde resistir a perguntar ao Peter o que estaria contido nos muitos volumes grandes que eram vistos nas estantes. Para quem não conhece manuscritos de peças orquestrais, os volumes pareciam ter um tamanho incomum. Foi-lhe explicado que eles continham os trabalhos de nosso anfitrião. Roger surpreendeu-se com a quantidade enorme deles.

'Não há nada notável nisso, meu querido amigo,' disse Peter. 'Você vê, faz um tempo considerável desde que cheguei aqui para viver, e não fiquei exatamente inativo neste meio tempo. Diverte-nos muito quando ouvimos o anúncio feito na terra, antes de um desempenho de radiodifusão, que este é o *último trabalho* composto por fulano. "O último trabalho". Naturalmente, as pessoas sabem o que significa, mas soa tão engraçado a nós, especialmente quando alguém olha essas estantes. Acreditam, verdadeiramente, isso eu queria saber, que uma vez que tenhamos deixamos a terra, deixemos de compor?'

Apressei-me em assegurar que era assim.

'É por isso que eles fazem estátuas e monumentos a nós, meu querido amigo,' disse Franz Joseph. 'Eles pensam que estamos acabados e terminamos; nunca mais uma nota partiu de nós. E agora eles têm perfeita certeza de que sabem o que estava em nossas mentes quando escrevemos qualquer peça, grande ou pequena. Se qualquer um de nós tivesse dado a razão clara, que era para evitar morrer de fome, eles não aprovariam. Não seria quase místico o bastante. Ah, bem. *Esta* é a vida. O que dizem vocês, meus amigos?'

Havia nenhuma necessidade para reafirmarmos que estávamos completamente de acordo!

'Agora, Peter,' acrescentou Franz, 'toque sua nova peça. Eu gostaria de ouvi-la novamente.'

Peter foi para um piano de cauda que estava num canto - um bonito instrumento - e começou a tocar. Eu não ensaiarei o impossível ao tentar descrever o que nosso amigo tocou. Dar uma descrição de qualquer parte da música em meras palavras é uma tarefa inútil e infrutífera, e não traria nada ao leitor. O que mais pode ser feito é dar uma série de detalhes técnicos musicais e detalhes que, no fim, descrevem quase nada. Basta dizer que a música que foi tocada seguia no tema principal os movimentos físicos dos dois animais de estimação, o pássaro e o puma, na performance divertida que testemunhamos quando visitamos Asa Brilhante. A música subia e descia, ou seja, em imitação, ou transcrição do que estava acontecendo entre os dois, juntamente com as muitas torções súbitas e volteios, primeiro deste jeito, depois daquele outro. Além disto, não é possível seguir, em *palavras*, a não ser que o pedaço era, sob todos os aspectos, um *scherzo*, como poderia se supor justamente pela da natureza de seu 'tema'.

Ao término da récita, Ruth jogando expressou seu encantamento, assim como todos nós, especialmente Franz, que prestou ao seu compositor um tributo muito sincero de um irmão da arte.

'Agora sobre o arranjo orquestral,' disse Ruth; 'quando poderemos ouvi-lo?'

'Muito brevemente, espero,' respondeu Peter. 'Estará incluído em um programa de outros trabalhos, claro. Quer que o avise?'

'Certamente, por favor!'

Roger tinha encostado suas costas nas estantes enquanto a música estava sendo tocada; agora ele se virou, e nós o observávamos enquanto lia os títulos nos volumes. Ruth e eu nos aproximamos, sentindo que em qualquer momento ele faria uma descoberta interessante.

Os trabalhos foram organizados em ordem de acordo com a sua natureza, com todas as composições escritas enquanto Peter estava na terra agregadas. Ele correu o seu dedo indicador ao longo dos títulos, enquanto lia os nomes para si mesmo. *Suite em G*, ele leu; *Sinfonia Nº 6*, e aí Peter disse: 'Esse trabalho é sempre anunciado como sendo "o último trabalho que o compositor escreveu". Essa é a linha de demarcação, Roger, entre o que eu escrevi na terra e o que fiz desde então.'

Estava claro ver que os posteriores excediam em muito aos anteriores por volumes incontáveis.

'Contudo isto não é nada,' continuou; 'acontece o mesmo com todos nós. Veja Franz Joseph lá, ele escreveu volumes e volumes de músicas. A numeração das Opus correm em quatro figuras aqui, Roger, e se nós não tivéssemos memórias maravilhosas, teríamos perdido o tanto que compusemos de fato.'

'É mais fácil compor música aqui ou na terra?' perguntou Roger.

'Oh, aqui, sem uma sombra de dúvida. Considere como somos livres de tudo o que pode ser - e tão freqüentemente é - um obstáculo. Franz mencionou passar fome, por exemplo. Chame claramente de fome completa neste caso, e tudo aquilo que significa. Em outras palavras, preocupar-se com as necessidades do corpo básicas. Nós aqui estamos completamente livres disso. A apatia do público é outra coisa que é, ainda bem, ausente por aqui. Dificuldade de arrumar quem nos ouça ou reconheça. Não há nenhuma dificuldade sobre isso - aqui. Algum lugar agradável para se viver: este pequeno lugar é um exemplo. Franz vive numa casa encantadora onde ele é tão feliz "quanto o dia é longo" - e um dia é muito longo por aqui, Roger, como espero que tenha notado. Agora, o que há mais?'

'Nenhum crítico de música,' disse Franz rindo, 'apesar de que, afortunadamente, não sofri muito com essas pessoas estranhas. Não, quero que entenda, que minha música seja tão perfeita, mas porque vivi um período em que crítico musical não era de todo ignorante no assunto e que pensava que sabia algo sobre música, como acredito que agora seja o costume na terra. Sua terra natal foi muito bondosa para comigo, meus amigos, e ainda é,' disse, enquanto nos levava, a nós três, a passear pelas estantes.

'E comigo também,' disse Peter, 'entretanto nos encararão como mortos. Pense somente nisso, na sensação que causaríamos, meu querido Franz, se nós pudéssemos chamar os demais, e marchássemos para algum palco de concertos da terra, um depois do outro, ou braço a braço. Haveria uma revolução. Pense no dinheiro que nós ganharíamos, ou alguém o faria por nós.'

'O segundo é mais provável,' exclamou Franz.

'Então os críticos começariam a operar. Eles cortariam nossas sinfonias e peças em pedaços pequenos, e as poriam debaixo do microscópio musical; mostrando a nós exatamente onde nós erramos, o que nós deveríamos ter feito, e o que nós estávamos pensando aproximadamente quando as escrevemos. E ninguém poderia entender uma só palavra, menos ainda eles mesmos. Mas eles todos ficariam completamente satisfeitos, e se imaginariam pessoas imensamente superiores. Não, não acho que seria tão divertido, afinal de contas. É mais seguro aqui. Nós estamos entre amigos, nós estamos livres de todos os problemas e cuidados, especialmente aquele bicho-papão terrível, o medo de escrever fora de nós mesmos. Podemos ter uma audição sempre que desejarmos, sem ter que sair pedindo, de chapéu na mão, a algum companheiro que, inquestionavelmente, queira nos explorar. E é agradável estar entre nós mesmos sendo compositores e músicos, e sendo agradavelmente rude aos que tenham os maiores testamentos no mundo, e sabendo que não há nenhuma intenção desagradável envolvida. É uma pena que não há nenhum compositor na terra, no momento, para se falar dele.'

'Há algum?' perguntou Franz.

'Parece que já se passaram uns bons anos desde que algum deles veio para cá,' respondeu Peter; 'o que diz você, Monsenhor?'

'Bem...' comecei, mas Ruth interrompeu.

'Você sabe, Peter,' disse ela, 'se derem meia chance, o Monsenhor começará. Desde que ele foi se familiarizando com todos vocês, e ouviu suas instruções combinadas para propósitos práticos, alguns dos propósitos práticos tomaram a forma de palavras francas sobre os compositores da terra atual.'

'É assim,' expliquei entre as risadas que a Ruth provocou, 'se eu for formar um quadro verdadeiro deste mundo, tenho que falar a verdade. Óbvio e elementar, mas assim é. O fato é que *não* há nenhum mestre - compositor neste momento na terra. Digo isso avisadamente e sem qualificação. Os compositores que vivem lá no momento não são merecedores do nome. Você verdadeiramente observou, Peter, que passaram muitos anos desde que qualquer um dos verdadeiros compositores veio para cá. Compositores vieram para cá, indubitavelmente, mas foram compelidos a

deixarem as suas monstruosidades musicais para trás. E há outros, contudo, que virão e a mesma coisa acontecerá a *elas*.'

'Você sabe que dizem na terra que toda a revelação espiritual cessou. As mesmas pessoas estariam falando a verdade se dissessem que a composição de pura música cessou.'

'Nós ouvimos falar disto,' disse Peter, 'mas realmente é tão ruim tudo aquilo? A música, eu quero dizer.'

'Realmente é. Eu não exagerei. Ruth me confirmará; ela ouviu alguns deles. E Roger recentemente partiu da terra. Você já escutou aquilo que as pessoas da terra chamam de "música moderna", Roger?'

'Já, - mas não por muito tempo. Era mais do que eu pudesse agüentar.'

'Nós ouvimos falar de vez em quando disto,' Peter observou, 'mas nunca suspeitamos que era tão terrível quanto você diz. O que dizem os críticos amados sobre isto?'

'Coisas bonitas: eles saúdam isto como sendo o trabalho de grandes gênios, e enganam o público para que pensem que a peça em particular que eles estão revisando está cheia de melodias adoráveis, quando seria necessário mais que um holofote - se você sabe o que isso é, meu querido amigo - e um microscópio para achar o rastro mais leve de até mesmo uma. É impossível descobrir o que não está lá. Acontece o mesmo com a arte. Você tem nenhuma noção possível dos emplastros intimidadores que são comprados a preços os mais fantásticos nas mostras públicas. Dizer que eles são pesadelos é pôr isto em suaves palavras.'

'Mas o que você nos diz de sua aceitação?'

'Talvez em dois planos: ou é uma forma de loucura, ou é uma brincadeira enorme. Mas a mesma aceitação é encontrada para os quadros revoltantes como também para a música indignante. Essa é a moda da terra no momento - o culto ao horroroso, ao monstruoso, o gigantescamente feio. O veneno vazou por todas as finas artes.'

'Queridos,' disse Franz, 'estou alegre de estarmos *fora* disto, e não saímos tarde, pelo que você diz, Monsenhor!'

Nós nos divertimos pelas observações de Franz, já que ele está há muitos anos no mundo espiritual, bem antes que esta atual decadência começasse a assaltar as artes. Peter Ilyitch também está há um tempo considerável por aqui.

Peter veio e ficou ao lado de Roger, que tinha retomado a leitura dos títulos ordenados das músicas.

'Posso pegar um?'

'Claro, meu querido companheiro. Faça o que você gosta aqui,' Peter respondeu. 'Nenhuma formalidade, você sabe.'

'Eu sei, senhor. Monsenhor e Ruth sempre estão me falando, mas não entrou completamente no meu modo de ser, contudo.'

'Virá com a prática, Roger,' sorriu Peter. 'Comece agora.'

'É muito maravilhoso. Tudo, eu quero dizer. Você sabe que eles têm me mostrado tudo em volta, e todo o mundo é tão decente. Bondosos, quero dizer. Você acha que é a pessoa mais importante quando estão lhe mostrando qualquer coisa. E a Ruth e o Monsenhor parecem ter desperdiçado um monte de tempo comigo.'

'Desperdiçado, não, Roger; desperdiçado não,' disse Peter. 'Nunca diga isso. Ninguém jamais desperdiça tempo aqui, porque não há nenhum tempo para desperdiçar! Isso soa ambíguo, não é? Pode não significar nada.'

'Aqui está algo que você tem que saber, Roger,' eu disse, enquanto levantava um dos volumes da estante. 'Você lê música?'

'Não muito bem, temo.'

'Bem, então, veja se reconhece esta melodia.'

Eu assobiei um trecho conhecido no mundo inteiro, para a diversão de Peter.

'Minha nossa,' corou Roger, 'isso é do -'

'Do livro que o Monsenhor está segurando,' disse Peter.

Eu passei então o volume a Roger que passava os olhos da música a Peter, então voltou à primeira página onde ele leu o título e o nome do compositor, e ficou bastante ofegante.

Franz, do assento dele no sofá, assistia o que acontecia. 'Assim, Roger,' disse ele, 'você descobriu o segredo terrível dele afinal. Você acha que ele está acima de sua expectativa? Ou esperava alguém tão lindo como eu, por exemplo?'

'O ponto é, alguém pode ser bonito e inteligente?' perguntou Peter.

'Oh, sim, não há nenhuma dúvida sobre isso,' devolveu Franz. 'Eu não preciso lhe dizer onde olhar. Apenas use seu próprio julgamento. Eu não me ruborizarei.'

'Bem, Roger. Nós dissemos que teria algumas surpresas, e mantivemos nossa palavra. Agora, penso que devemos ir. Chegou uma mensagem que alguém está a caminho para me ver. Assim, voltemos à casa.'

Nós agradecemos calorosamente ao Peter por sua 'hospitalidade', e a Ruth fê-lo lembrar-se do scherzo novo. Ele prometeu nos contar quando seria executada por uma orquestra, e disse que nos chamaria, assim todos nós poderíamos ouvir *e ver* juntos o primeiro desempenho público.

Enquanto caminhamos pelos bosques, o Roger expressou estar deliciado e assombrado por ser um assunto tão simples poder falar e brincar com um homem cujo nome é uma palavra tão conhecida no reino da música, em ambos os mundos.

'Franz Joseph também é bem conhecido, Roger,' disse Ruth. ' Ele é um homem surpreendente. Ele escreveu mais de cem sinfonias quando estava na terra.'

(*) (N. da T.) Peter Ilitch **Tchaikovsky** - nasceu em 7 de maio de 1840, em Petrogrado, Rússia. Em 1893, morreu de cólera, ao beber água não fervida quando uma epidemia grassava em Moscou.

(**) (N. da T.) Franz Joseph **Haydn** nasceu em Rohrau, Áustria, a 31 de março de 1732. Fraco e abatido, em 1805 corre o boato de sua morte. O bom humor dele continuando vivo; Haydn escreve a propósito de um concerto fúnebre em sua homenagem, organizado por Cherubini e Kreutzer: "Que festa para mim se pudesse viajar e dirigir eu mesmo a missa!" Haydn falece na madrugada de 31 de maio de 1809.

14. DOIS VISITANTES

'Eu notei,' observou Roger, 'que ninguém parece usar sobrenomes aqui. Eu nem sequer sei o seu, ou o de Ruth.'

Nós tínhamos voltado para casa diretamente de nossa visita à casa na floresta, e nossas conversações com nossos dois amigos evidentemente tinham mantido um fio de ligação na mente de nosso protegido.

'Ora, não, Roger,' respondi, 'é assim mesmo; entretanto nossos sobrenomes não têm nenhuma significação neste mundo. Na realidade, para os recém-chegados, pode até parecer que haja alguma irregularidade no uso dos nomes em geral; nenhum há um costume ou um comando sobre isto. É sempre uma questão de identidade pessoal, e não de identidade familiar.'

'Há pelo menos uma ordem organizada dos nomes aqui, e é com os nomes que são puramente de origem do mundo espiritual; nomes que são formados ou elaborados conforme regras. Cada um deles tem um significado distinto, e não pertencem a nenhum idioma terrestre. Nomes deste tipo são dados depois que foram merecidos, e só são obtidos de seres dos reinos mais elevados.'

'Quanto à identidade, você poderia ter nossa Ruth como exemplo. Todo mundo por aqui - e em muitos outros lugares - a conhece como Ruth, e é um nome terrestre reconhecível, como são muitos outros.'

'O meu é uma designação, no lugar de um nome, e na terra é um título eclesiástico. Você se lembrará que eu mencionei que nós não temos nenhum título aqui. Este caso não é nenhuma exceção à regra, porque o título, *Monsenhor*, que eu usei na terra, sempre é usado sozinho pelas pessoas, nunca com meu nome junto. Nossos amigos na terra começaram com este costume, entretanto às vezes usam meu nome de batismo. Assim a palavra *Monsenhor* é impessoal como um título, mas dado a mim como nome por razões práticas.'

'Notei que nenhum de vocês se preocupou em saber meu sobrenome,' disse Roger.

'É assim. Não há nenhuma necessidade. Você já é conhecido como Roger, como viu *por você mesmo*.'

'A mesma coisa aplica ao Franz Joseph e Peter Ilyitch, é isto?'

'Exatamente o mesmo. Nós simplesmente cortamos fora os sobrenomes deles, e eles não são a pior parte. O que é muito importante é que ninguém se queixa do costume, ou regra, se gosta de chamar assim. Todo mundo fica contente.'

'Você se lembra, Roger, quando estávamos conversando sobre idade e identidade, a diferença que a volta à juventude poderia fazer na aparência pessoal da pessoa, de forma que alguém poderia não ser reconhecido como o indivíduo que ele uma vez foi. Nomes farão o mesmo efeito, como pode ver.'

'Quando os personagens mais elevados forem para a terra para falarem com os amigos, são normalmente conhecidos por algum nome que foi especialmente escolhido ou inventado para eles. Nós temos um caso em pauta. Você me ouviu dizer ao Peter e Franz que uma mensagem tinha me localizado, dizendo que alguém desejava me ver?'

'Sim; pensei que talvez você estivesse dando uma desculpa por irmos embora.'

'*Roger*,' protestou Ruth; 'o que *diria* o povo de terra se eles pensassem que contar lorotas é prática comum no "céu" para sairmos de compromissos sociais?'

'De fato, velho companheiro, e não precisamos lhes falar - isso economiza um terrível monte de preocupações e espalhafato.'

'Então o que se faz, se quisermos sair de qualquer lugar porque se está um pouco enjoado de lá?'

'Eu não posso dizer que esta situação tenha acontecido alguma vez, pelo que eu saiba. O que diz você, Ruth? Você pode se lembrar de alguma vez?'

'Não,' Ruth respondeu, 'não posso dizer que lembro. Parece que nunca passamos por tais situações desastrosas.'

'Porque elas não acontecem, meu querido, - e não podem acontecer. Nenhum enfado, nenhuma pergunta que não deixe claro que a pessoa seja bem-vinda. Tudo isso, Roger, surgiu de sua suspeita de que estávamos formulando belas desculpas para nos afastarmos do Peter e Franz graciosamente. O fato é que, enquanto estávamos lá, uma mensagem me foi 'enviada', isso é tudo. Não era urgente, caso contrário eu não estaria aqui fofocando aqui deste jeito. A mensagem veio de alguém que constantemente visita a terra para falar lá com muitos amigos, e como nós estávamos em lazer em lugar de negócios, respondi imediatamente que estávamos disponíveis. Se a mensagem tivesse vindo enquanto a Ruth e eu estivéssemos na "tarefa" de acompanhamento, do mesmo jeito que fizemos com você, Roger, eu mandaria em retorno palavras sobre o que estávamos fazendo, e em *nenhuma circunstância* é esperado que nos coloquemos à disposição de qualquer um outro, *por mais ilustre que seja*. Pelo contrário, poderíamos entrar em problemas por deixarmos nosso trabalho do momento. Toda a coisa trabalha nas linhas do bom senso e da razão nestes planos, Roger.'

'Pena que não se faz o mesmo na terra,' observou Roger, secamente.

'Você pode dizer bem isso. A visita sobre a qual estou lhe falando é de uma personagem eminente dos reinos elevados, mas a identidade dele foi escondida com o nome simples, mas efetivo, de *Estrela Azul*, que é derivado de uma forma sensata, direta do fato de que parte da insígnia pessoal dele, se posso chamar assim, consiste em uma jóia magnífica, feita na forma de uma estrela de pedras preciosas azuis brilhantes, mais preciosas, meu Roger, que

qualquer coisa que poderia ser achada ou poderia ser feita na terra. Nós lhe pediremos que a mostre para você quando ele vier.'

'Ele não a usa sempre, então?'

'Nem sempre nestes reinos, não *visivelmente*, digo.'

Como eu estava sentado diante de uma das janelas, estava em posição para observar nossa visita no momento em que apareceu no jardim. Roger adivinhou minhas razões para me sentar assim, porque perguntou, 'É habitual as visitas virem caminhando pelo percurso mais longo? Eu quero dizer, caminhando pelo chão em lugar de "pensar" que estivessem já na sala?'

'Sim, Roger. Esse é o método que empregamos desde o princípio, nas poucas chamadas que fizemos por aí. Não há nenhuma lei sobre isto, você sabe; somente o bom senso e o bom gosto governam. Se a necessidade da presença da pessoa fosse vitalmente urgente, então poderíamos usar o método do pensamento para nos levar onde quer que quiséssemos estar, e assim apareceríamos bem na frente da pessoa, sem delongas. Mas nas circunstâncias comuns, nos comportamos como gente comum, e assim nos apresentamos caminhando em nossas duas pernas, e, se necessário, bateríamos na porta de frente, - apesar de que já nem me lembro mais como se faz isso.'

'Você verá, Roger, com o tempo, que fará a coisa certa instintivamente. Assim não deixe este detalhe aborrecê-lo. Chamar nossos amigos da terra é completamente diferente. Nós fomos bem depressa ao seu quarto para buscá-lo, e não havia nenhuma formalidade para bater na porta a fim de entrarmos. *Se tivéssemos* batido e, por mero acaso, os seus tivessem nos *ouvido*, teriam ficado apavorados, acho.'

'Acho que sim. A maioria pensaria que eu estava tendo um fim terrível, e que alguém pior que o velho com a foice tinha vindo para me levar embora.'

'Ah, aqui está nossa visita, e ele não está só,' eu disse, percebendo duas pessoas caminhando pelo jardim.

'Quem pode ser o outro?' Ruth observou, vindo para perto da janela.

Num momento eles se aproximaram suficientemente para serem reconhecidos.

'Ora, é Phyllis,' gritou Ruth, apressando-se para sair ao jardim.

'Ruth e Phyllis são velhas amigas,' expliquei a Roger, e então fomos cumprimentá-los.

'Bem, minhas crianças,' disse Estrela Azul; 'nós estávamos a caminho de um trabalho junto aos nossos amigos da terra, e esta jovem senhora sugeriu que desviássemos um pouco, para fazermos uma visita. Você não estava em casa quando recebeu minha mensagem, creio eu.'

'Não, Estrela Azul. Nós tínhamos levado nosso amigo para ver Franz e Peter.'

'Ah, sim, isso é bom.'

'Você poderia reservar um momento para ver o Roger? Eu tenho falado a ele sobre você.'

'Não revelando todos meus segredos terríveis, espero,' disse Estrela Azul com um sorriso.

'Entre, venha conhecer o Roger,' disse Ruth a Phyllis; 'ele é um menino muito agradável. Ele foi nosso último "caso", e agora nós estamos tendo umas férias juntos, enquanto lhe mostramos as paisagens.'

Havia um contraste marcante entre as duas meninas, pois Phyllis tem cabelo escuro, enquanto o de Ruth é de um dourado luminoso. Roger veio quando entramos na sala, e eu o apresentei a Estrela Azul e Phyllis.

'Bem, meu filho,' disse Estrela Azul, 'você parece feliz e bem, e isso não é surpreendente, é?'

'Não, senhor,' respondeu o rapaz, com um sorriso.

'Chame-me Estrela Azul. Todo mundo o faz; e por que não? É meu nome, afinal de contas - ou um deles. Alguns de nós temos vários nomes. Na terra, acredito eu, se a pessoa tiver muitos nomes vai ser considerado suspeito, mas aqui é diferente. O nome que eu estava usando na terra causou o maior problema, imagino. Mas isso não é *minha* culpa, mas é culpa das pessoas que o usaram com muita liberdade.'

Estrela azul sorriu. A voz dele tinha um timbre macio, e ele falava cuidadosamente, pareceu-me, e com deliberação. Aparentava ser jovem na idade, contudo a voz dele revelava um homem cuja vinda para o plano espiritual tinha sido há séculos atrás. É uma qualidade distintiva que se faz aparente aos ouvidos com prática, já que todos os sinais externos da passagem do tempo terrestre há muito tempo desapareceram. Eu aprendi muito cedo, em minha vida aqui, que tentar avaliar as idades das pessoas é uma tarefa perigosa!

'Eu desejo saber, Estrela Azul, se poderia pedir-lhe um favor,' eu disse, 'para nosso jovem aqui?'

'Certamente, Monsenhor. Se for possível concedê-lo, basta pedir.'

'Estivemos falando a Roger sobre os nomes aqui, e expliquei a origem do seu.'

'E agora deseja uma demonstração prática, e ver a origem - é isto?'

Estrela Azul abriu uma metade da rica capa que estava usando, e exibiu nas vestes internas a estrela soberba que tínhamos descrito a Roger.

'Venha para perto, meu filho, e examine bem isto. É muito bonito, não é? Duvido que alguma vez tenha visto qualquer coisa assim na terra, não é?'

'Oh, *impossível*, Estrela Azul.'

'Veja as características maravilhosas das pedras preciosas do mundo espiritual, meu filho. Elas não precisam de nenhuma luz refletida; o brilho delas, o cintilar delas vem de dentro. Se você pudesse, de alguma forma, levar esta estrela, ou qualquer outra jóia, na escuridão, ela brilharia como o sol com sua bela cor. Monsenhor, creio eu,

descreveu isto como "luz" viva. É absolutamente assim mesmo. As jóias da terra, adoráveis como são, precisam da luz refletida para a sua beleza e o efeito delas. Leve um diamante inestimável, devemos dizer, na escuridão da terra, e toda a sua glória se vai. Há muitas, muitas outras jóias maravilhosas no mundo espiritual além desta aqui, meu filho, e todas elas têm esta mesma "luz" viva. Como espero que já saiba agora, estas não podem ser compradas no mundo espiritual.'

'Não, Estrela Azul; isso eu entendo. O Monsenhor e Ruth já me contaram muita coisa.'

'Nenhuma se compra ou se vende aqui; só se ganha. E não é a verdadeira justiça? Coloca-nos a todos em um fundamento igual, e cada um de nós tem a mesma chance para ganhar muitas coisas maravilhosas - como esta estrela azul, por exemplo. Monsenhor lhe contou sobre esta jóia?'

'Não, Estrela Azul, nada,' eu interpus. 'Só com a sua mensagem que o assunto apareceu.'

'A única razão de eu ter perguntado é porque não se quer contar algo que já sabem. Bem, então, meu filho, espero que adivinhe o que ela representa. Verdadeiramente, ela não representa nada mais que o próprio valor dela e a beleza. As jóias são o que chamaríamos suplementos a nossa vida, e são recompensas pessoais para serviços vários já realizados.'

'Algo como as ordens que há na terra.'

'Algo assim, meu filho, mas não muito! Você vê, estas não são insígnias ou jóias de ordens exclusivamente, como entendo que existam na terra. Aqui elas são para todos, sem discriminação, que se preocuparem em ganhá-las e não são privilegiados, com certeza, como é o costume em alguns casos da terra. Nós não levamos nenhuma letra depois de nossos nomes porque somos os proprietários de tal prêmio. Isso, penso eu, não é uma idéia boa, porque alguns de nossos nomes ficariam muito estranhos enfeitados daquele modo; e então não há nenhuma chamada para que proclamemos que somos proprietários de tal prêmio.'

'Você é apaixonado por coisas bonitas, posso ver, meu filho, já que se delicia infinitamente até mesmo com este exemplo de beleza do mundo espiritual. Por acaso você viu as jóias que o Franz Joseph e Peter têm? Não, claro que não. Eles não as mostrariam, a menos que você lhes pedisse. Eles e os seus irmãos-em-arte têm muitos exemplos primorosos entre eles. Tudo pelos serviços eles prestaram a nós aqui, com a sua música grandiosa. Bem, agora pareço estar falando demais. É um hábito bom, quero saber, ou ruim? O que diz você, Monsenhor?'

'Bem, Estrela Azul, pode ser um tanto ruim; não aqui, admito, mas na terra, especialmente se a pessoa diz coisas erradas, como fiz eu, de um púlpito!'

Estrela Azul riu. 'Eu posso dizer que faço uma boa parte ao falar agora, na terra,' ele disse. 'Há uma coisa de que não nos podem acusar aqui: que ficamos faladores em nossa velhice. Eu espero, Roger, a princípio, que você sentiu que mal podia falar com tantas maravilhas destas regiões que nossos amigos descortinaram a você.'

'Foi assim, Estrela Azul. Eu senti a língua amarrada, principalmente, ou então mantive minha boca fechada, e olhos e orelhas abertas.'

'Uma coisa admirável para se fazer nesta ocasião, meu filho. Quando nós estávamos na terra, alguns de nós falou quando teria sido melhor e mais sábio que tivesse permanecido calado, e alguns de nós permanecemos calados quando deveríamos ter falado.'

'Sou culpado sob ambas condições, Estrela Azul!'

'É mesmo, Monsenhor?' disse Estrela Azul sorrindo. 'A pessoa em quem estava pensando não era você, mas eu! Agora, Roger, você nunca adivinhará aonde Phyllis e eu vamos quando partirmos daqui, o que deve ser num momento mais ou menos, pois o tempo passa. Ah, isso o pega de surpresa, não é? Como pode o tempo passar? Não aqui, mas na terra, onde somos esperados. Monsenhor vem freqüentemente conosco, mas não desta vez. Visitaremos alguns amigos na terra onde Phyllis e eu, e outros, exercitaremos nossa tendência terrível de falar, e tentar alegrar nossos amigos terrestres. Deus sabe, eles precisam de carinho - a terra inteira precisa. E as pessoas poderiam tê-lo sempre, se se voltassem a nós. É um local cinzento e triste a terra, eh, Roger, depois de todo este brilho e cor?'

'Um dia,' disse Phyllis, 'nós o levaremos para ver nossos amigos da terra. Acha que gostaria disso, Roger?' Phyllis perguntou, com um sorriso cativante.

'Temo não saber muito sobre tudo isto,' Roger respondeu, com precaução evidente.

'Não, claro que não sabe. Você não pode descobrir tudo em cinco minutos, pode? Você não poderia ir só, você sabe. Há muitos de nós, e normalmente vamos em grupos.'

'Penso que realmente Phyllis tem um particular gosto para grupos,' disse Estrela Azul sorrindo.

'Franz e Peter, e outros do ramo musical, vão freqüentemente conosco. E Asa Brilhante também, e muitos mais.'

'Sem esquecer o próprio velho Estrela Azul,' disse nossa visita eminente.

'Estrela Azul sim, não diga *velho*,' disse Phyllis, indignada.

'Agradeço, minha querida criança, mas em comparação com o resto deste distinto grupo presente, eu não sou exatamente um mocinho.'

'Espero que se sinta como um,' disse Roger.

'Ah, sim; isso é outra coisa. Agora, minha criança, nós realmente devemos ir. Foi muito agradável termos tido esta curta conversa com vocês todos, entretanto, indubitavelmente, de acordo com as noções terrestres, nós

deveríamos estar discutindo questões profundas, bem profundas, que ninguém aqui nem quer discutir, tentando explicar coisas que não têm nenhuma explicação. Seria altamente edificante, mas extremamente de entorpecer. Prefiro nossa própria conversinha sobre esses assuntos triviais. É mais divertido, e eu estou seguro que nos fará muito melhores.'

E assim, acenando com as mãos, nossas duas visitas nos deixaram, seguindo para a sua jornada em direção à terra.

15. O GOVERNADOR DOS REINOS

'O que é de espantar,' observou Roger, 'é que não parece haver, em lugar algum, qualquer sinal de governo.'

'Isso seria uma reclamação, Roger, ou um elogio?'

'Certamente não é uma reclamação.'

'Então consideraremos isto como um elogio. Não, porém por mais que busque, não verá nenhum sinal de quaisquer formas de governo. Mas há, pelo menos. Ouso dizer que você estava pensando em termos de legislaturas, atos de parlamento, leis, ordens de conselho, decretos, e muitos mais horrores da vida ordenada na terra.'

'Agora farei uma pergunta a você, Roger. Você viu qualquer quadro de avisos ou avisos lhe advertindo que não deve fazer isto ou aquilo, ou informando quais são as suas horas de expediente, ou advertindo com o familiar "os transgressores serão punidos", ou até mesmo "evite pisar na grama"?'

'Não, não vi em lugar nenhum.'

'E nunca vai ver, porque não existem por aqui. Inigualável, não acha?'

'É mesmo.'

'De onde concluirá,' disse Ruth, 'que somos todos graciosamente comportados.'

'A verdade é, meu menino, que nosso "governo" se processa através de leis naturais, e, portanto, é o melhor no universo inteiro. Melhor, um milhão de vezes melhor que qualquer coisa que já foi inventada pela ingenuidade do homem. Leis naturais não precisam obrigar ninguém; elas se impõem por si mesmas.'

'As leis naturais na terra não são percebidas tão facilmente. Poucos, por exemplo, podem ver a lei natural trabalhando quando os pensamentos são emitidos. Aqui nós podemos, e vemos o seu efeito. Obviamente, algumas dessas leis não têm efeito nenhum na terra. Se você tivesse tentado elevar seu corpo físico pelo poder de pensamento como faz agora, Roger, ficaria onde estava. Ainda mais, as leis naturais não são a única maneira daquilo que poderia ser chamado de governo por aqui. Nós temos governadores.'

'Isso é mais do que eu estava pensando quando lhe perguntei sobre governos.'

'Cada reino tem seu governador. Essa não é uma palavra estritamente precisa, entretanto nós a usamos.'

'Ele não governa, então?'

'Não, é por isso mesmo. Não. Ele *preside*, e isso é muito diferente. Eu estou falando agora sobre os reinos de luz. Você pode ver por você mesmo quão prazerosa e mais fácil é a vida. Nenhum deles sai meramente do governo para dar lugar a outro, igualmente ruim, ou estúpido, ou ineficaz. Nenhum fanático político com idéias insanas e vazias, e, o que é muito importante, nenhum indivíduo assumirá o cargo sendo totalmente despreparado para isto. Se as pessoas de terra quisessem resolver alguns de seus piores problemas, o mundo espiritual poderia lhes dar uma sugestão ou duas de como fazer isto.'

'Monsenhor está entrando agora num assunto pelo qual gostaria de ter de volta um de seus púlpitos,' disse Ruth.

'Gostaria realmente, meu querido; mas supondo-se que fosse possível, suponha por um momento que pudesse ser feito, quantos ouviriam uma palavra do que eu poderia dizer? Não absorveriam uma parte do que diriam as cabeças mais sábias todo o mundo espiritual. Seria de pouco lucro para mim, então.'

'Alguns de nós, como sabe, entramos em contato próximo com os eventos e os negócios da velha terra, Roger, e podemos ver de que jeito estão se arrumando. Não poderiam imaginar, então, como os grandes seres nos reinos mais elevados devem considerar a situação, quando a sabedoria suprema pode ser consultada, só com os encarnados não sendo tão cegos?'

'Olhe como as Igrejas estão desperdiçando seu tempo e suas energias nas mais completas trivialidades. É tudo tão lastimável e terrível. Você viu só um pouco deste mundo, Roger, e uma ou duas pessoas dele. Você é jovem, e recém-chegado da terra. Você seguramente pode ver que o mundo espiritual está certo, e o mundo de terra está errado em tantas coisas. Não é uma questão simples que se apresenta à sua mente?'

'Você tem toda razão, Monsenhor. Parece simples – *visto deste lado de vida!*'

'Você diria que as coisas mudaram muito, então, desde que eu estive na terra?'

'Não posso falar de minha própria experiência, você sabe, Monsenhor,' disse com um sorriso, 'porque você esteve lá antes de meu tempo. Mas do que eu ouvi as pessoas dizerem, tem havido uma decadência dos padrões em muitas formas na terra.'

'Eles não podem ter subido muito alto se o melhor que pôde ser feito foi produzir duas guerras mundiais, e ainda se fala sobre uma terceira. E sobre as Igrejas?'

'Oh, elas ainda discordam entre si.'

'Precisamente. Tudo isso veio de sua menção sobre governo por aqui. Eu estava lhe falando sobre os governadores que presidem os reinos. Muitos deles vivem aqui há milhares de anos. Exige-se os mais elevados atributos se tornar um: por exemplo, conhecimento sobre a humanidade e solidariedade, entendimento e discrição; paciência, bondade, e espiritualidade. Esses são alguns dos atributos que são exigidos. O conhecimento de um governador é prodigioso. Pelo menos, é assim que apareceria aos olhos terrestres, mas você sabe agora, Roger, como a memória trabalha por aqui. É correto dizer que o governador de um reino tem um conhecimento vasto sobre as

peças sob seu cuidado, e isso é o que o faz diferente dos outros. Em primeiro lugar, os governadores pertencem a reinos mais elevados que os planos a que presidem.'

'Mas acima deles, e acima de todos, há um que é o maior, e ele é o governador de todos os reinos do mundo espiritual.'

Nós estávamos numa sala dos fundos durante esta conversação, quando ouvimos uma voz familiar chamando: 'Podemos entrar?'

'Essa é a voz de Omar,' gritou Ruth. Levantamo-nos e corremos à porta.

Era Omar e, com ele, o seu companheiro constante, o egípcio.

'Que surpresa, Omar! Veio a negócios, lazer, ou ambos?'

'Oh, lazer,' respondeu Omar; 'negócios só nos envelhecem, assim evito-os sempre possível. Isso é o que me mantém jovem. Como vai o Roger?'

Roger, podendo responder por si mesmo, assim o fez: 'Maravilhoso,' disse ele.

'E assim parece, meu filho. Isso é importante. A medicina fez a parte boa, e o paciente está completamente restabelecido agora. Bem, agora o real propósito de minha visita. Eu tenho uma mensagem a vocês, comunicando que meu "mestre" virá brevemente a este reino, e ficaria encantado se pudesse visitá-los por um momento. Eis aí a minha incumbência; simples e breve. Penso que posso adivinhar sua resposta.'

'Não precisa adivinhar, Omar. É uma visita privada - para o reino, quero dizer?'

'Oh, sim; pelo menos tão privada quanto puder ser, e isso não é fácil, como você sabe.'

'Esta é uma notícia esplêndida, Omar. Não preciso dizer como estamos gratos, e estou especialmente feliz por causa de nosso caçula, aqui.'

Nós trocamos mais algumas gentilezas, e Omar e seu companheiro partiram.

'Roger,' eu disse, 'isto é algo que nunca esperei que acontecesse tão cedo; entretanto, na verdade, nunca se sabe.'

'Quem é esta personagem que vem vindo?' indagou.

'Você se lembra de uma vez que nos perguntou se sabíamos a idade do mundo espiritual, e que nós lhe contamos sobre um ser que, pelo menos antes que o mundo fosse, ele já era? Você se lembra, claro. Bem, é ele que vem vindo, e incidentalmente, é *ele* o governador de todos os reinos do mundo espiritual, sobre quem eu falava só um momento atrás.'

'Você sabe, Roger, há gente na terra que acredita que os seres dos reinos mais elevados nunca, por nada, saem desses reinos, também aterrorizador e desagradável eles deixarem o estado sutil no qual moram. Isso está absolutamente errado. Esses seres maravilhosos podem, e o fazem, viajar pelos diferentes reinos. Às vezes acontece de alguém estar falando com um personagem desses e estar totalmente ignorante do fato.'

'Quem é esta pessoa,' Roger perguntou novamente; 'seguramente não é ...-?'

'Eu sei o que ia dizer, meu menino. Não, ele não é o Pai do universo, entretanto pode-se entender a conclusão que poderia tentar chegar, até mesmo com o pouco que lhe falamos.'

'Ele é conhecido de vista, Roger, por todas as almas que vivem nos reinos de luz. Quantos milhares há que o chamam de "meu amado mestre", e isso inclui Omar, é impossível dizer.'

'Ele exercita sobre *todos* os reinos a função que um governador individual exerce sobre o reino para o qual foi designado. Ele unifica o todo dos reinos do mundo espiritual em um universo gigantesco, sobre o qual reina o Pai de todos nós. Você não pode ter a mais remota concepção, meu Roger, da magnitude, da imensidão dos poderes que ele tem, e ainda, com tudo isto, ele é o ser mais cortês que é possível contemplar. A posição dele é de soberania absoluta, se podemos assim chamar, enquanto ele mesmo é indescritível.'

'Você poderá julgar por si mesmo, brevemente, o grau imenso de conhecimento, espiritualidade e sabedoria que ele tem. As cores que denotam estes três atributos são azul, branco e ouro, e ele as usa em sua roupagem em proporções enormes. Você mesmo viu como Omar usa estas três cores num grau bem considerável. Mesmo assim, ainda há maiores.'

'Isto é um tanto amedrontador, Monsenhor, para se falar de forma suave. Acostumei-me bastante a me sentar nos bancos de trás quando estava na terra, e esta é uma ocasião em que poderia ser aconselhável fazer isto novamente. Em outras palavras, *fuja* antes de sua visita chegar.'

'*Não, não, não*, Roger. Fique, *fique*, você *deve* ficar.'

'De jeito nenhum, devo ir indo!'

'Oh, por favor, Roger, meu querido,' interpôs Ruth; 'você ficou conosco até agora, e nosso aconselhamento foi bom, digo assim.'

Estávamos indo longe em nossas deliberações quando percebemos dois velhos amigos que caminhavam pelo outro lado do gramado, porque nós tínhamos permanecido ao ar livre depois da partida de Omar e o egípcio. Os atuais visitantes eram nada menos que Franz Joseph e Peter Ilyitch. Trocadas as saudações sinceras, nós nos apressamos em lhes contar a visita de Omar e seu propósito.

'Claro que ambos permanecerão!' concluí.

'Meu querido amigo,' disse Franz, 'você teria alguma dificuldade tentando desalojar qualquer um de nós.'

'Roger está um pouco nervoso,' falei-lhes.

'Querido,' disse o Peter; 'não faça isso. Apesar de que posso entender. Agora vou lhe dizer o que fazer, Roger. Espere até que ele venha, e você sinta a "fase do medo" dominando você, bem, você sabe o método de se remover depressa daqui. Mas você não vai. No minuto em que você vir esta visita, você *quererá* ficar. Franz e eu nos sentíamos assim na primeira ocasião em que o vimos. Nós o vimos muitas vezes desde então, e falamos com ele. Temos que ser gratos por tanto, já que é do seu elevado reino que as artes derivam sua inspiração, até alcançar a terra. Muitos de nós, desde que chegamos aqui, tivemos oportunidade para reconhecer e agradecer o que nos foi dado por esses dias na terra. Não é que assim, Franz, velho amigo?'

'Realmente, é assim. Nós na terra pouco sabíamos de onde nossas idéias estavam vindo.'

Ruth, enquanto isso, tinha colocado uma poltrona bem bonita na sala principal, uma tarefa que ela sempre teimou em assumir em todas as ocasiões.

Assim que nos reunimos diante da casa, pudemos perceber um distinto avivamento da luz nos arredores de nosso pequeno 'estado', e nós conhecemos isto como sinal inconfundível de que nossas visitas estavam próximas. Caminhamos, então, descendo o caminho largo que é flanqueado de largos canteiros cheios de flores de muitas cores, e que conduzia diretamente de casa até onde deveríamos receber nossas visitas. Mais um momento, e nós os vimos se aproximando.

Nosso convidado estava caminhando com Omar e o egípcio ao seu lado, o último levava um grande buquê de soberbas rosas brancas. Este, como descobrimos depois nós, era composto de vários buquês pequenos.

Omar foi o primeiro a falar.

'Bem, meus queridos amigos,' disse ele, 'aqui estamos nós novamente, e Franz está aqui, e Peter. Isso é bom.'

Nossa visita pegou as mãos de cada um de nós, e falou uma palavra amável em saudação. Franz e Peter enlaçavam o braço de Roger para lhe dar garantia, e o quadro apresentado imediatamente divertiu nossa visita, por que parecia que nossos dois amigos estavam segurando firme os braços de Roger.

'O que é isto, meus filhos?' ele riu. 'Vocês parecem estar segurando o menino para prevenir que ele não fuja de nós.'

Ruth explicou que Roger estava um pouco nervoso, já que a experiência dele era bastante limitada.

'Venha, agora, Roger, minha criança,' ele disse, 'o que há para temer? Você está com medo de *mim*? Dê-me sua mão - assim. Agora elimine todos os medos, para nunca mais. Parece um encantamento, não é?'

A confiança de Roger restabeleceu-se imediatamente, e ele era ele mesmo de novo.

'Penso que estará seguro agora se libertarem seu prisioneiro, Peter e Franz.'

Os dois pareceram algo confusos, porque nenhum deles tinha percebido, nem Roger, que eles ainda o mantinham preso pelo braço. O resto de nós desfrutou este pequeno episódio, insignificante em si mesmo, mas cheio de bondade e humanidade, e revelando, tão claramente quanto o sol do meio-dia, que nenhum sequer dos personagens mais altos dos reinos mais elevados do mundo espiritual são seres impossíveis, severos e proibitivos, de mau humor e sérios, mas que exalam a mesma essência de tudo que é afetuoso e humano.

Roger nem por um momento tirava seus olhos de nosso convidado ilustre, que estava vestido como normalmente está sempre em tais visitas, ou seja, uma leve túnica branca, orlada com uma larga faixa de ouro, por cima usava um manto rico na cor azul brilhante, preso por uma grande pérola rósea. O cabelo dele era dourado, entretanto quando é visto no reino elevado onde ele habita, a *cor* dourada se torna *luz* dourada.

O que mais parecia atrair Roger acima de tudo era o rosto de nosso visitante, por causa do que tínhamos lhe contado sobre a *idade* dele, grande se medida em tempo terrestre, seriam milhões de anos, contudo Roger não pôde perceber nenhum sinal da passagem do tempo. Mas, seguramente, quando ele conversou com Roger, este soube que atrás dele há eons de tempo, apesar de que apresenta a aparência externa da juventude eterna.

Finalmente entramos; nosso convidado sentou-se na poltrona especial enquanto nós fizemos um meio-círculo em torno dele, sentados também, - quase não seria necessário acrescentar, mas em todas as ocasiões nós nos comportamos como seres humanos racionais!

Nosso convidado falou com cada um de nós, e aqui novamente, para que não seja mal entendido, rapidamente afirmo que nossa conversação também se processa em linhas racionais. Nós não éramos, certamente, um grupo de escolares que estávamos sendo submetidos a uma inquisição terrível por parte de algum inspetor desalmado! Éramos livres para falarmos quando quiséssemos, sujeito às demandas da educação normal. E o que é muito importante, nós tivemos muitas ocasiões para grandes risadas - e nós rimos. Nenhuma conversação pode acontecer sem bom humor quando Omar está presente, e ele era bem ajudado e auxiliado por Franz e Peter. Roger ficou muito maravilhado pela coragem aparente deles, mas aprendeu logo que se desejasse expressar os seus próprios pensamentos sobre qualquer assunto, era esperado que assim o fizesse.

Nosso convidado agradeceu os dois compositores por todo o seu trabalho, como também o dos seus colegas, e assegurou-lhes a ajuda e a inspiração continuada vinda dele. Era interessante - e para Roger uma revelação; outro entre tantos! - ouvir os três discutindo vários detalhes técnicos musicais com bastante vigor. Afinal ele falou diretamente com Roger sobre o futuro dele, e surpreendeu o menino exibindo muito interesse por ele, e especialmente por seu conhecimento sobre os problemas dele.

'A informação vem a mim de muitos locais,' disse ele; 'e foi Omar que me falou, e foi o Monsenhor que contou para Omar, que você mostrou grande interesse na criação de flores.'

Roger explicou que tínhamos visitado o viveiro de flores e seu responsável cordialmente o tinha convidado a unir-se aos alunos dele sempre que desejasse.

'Isso é bom, meu filho. Como você viu por si mesmo, há uma abundância de coisas úteis para você fazer, e esse fazer lhe trará grande felicidade, e promoverá seu progresso e avanço pelos reinos deste mundo. Também você já viu, meu filho, como todos nós executamos nossas diferentes tarefas visando o bem-estar geral sem pensar em recompensa pessoal. Ainda assim, as recompensas não deixam de vir, pródigas recompensas - e isso você mesmo descobrirá.'

'Sempre que se sentir disposto, o trabalho o espera, mas isso não dizer que terá que reduzir suas atuais explorações. Ninguém, nestes ou em outros reinos, vai desejar pôr - nem mesmo têm o direito, de fato - um termo definido nos seus desejos de conhecimento expressos desde o princípio deste modo. Mas chega um momento em que a atividade da mente é tal que há um desejo constrangedor de se estar ativamente fazendo algo, em lugar de ser passivamente uma mera testemunha do que acontece ao seu redor.'

'Você nunca precisará de amigos dispostos e sábios para ajudarem em qualquer coisa de que necessite. Você já alcançou, neste período breve, amigos em torno de si, de quem nada pode separá-los, pois agora vive em um mundo onde tais separações não podem acontecer. Nós sempre estamos aqui, como você mesmo está.

'Se deseja estudar música, ou aprender quaisquer das outras artes, podemos lhe prometer professores tais que a terra não pode prover, porque aqui temos os *mestres*, os reais mestres, dois dos quais, fico feliz em vê-los, estão conosco aqui'.

'Então, Roger, meu filho, conduza seu novo trabalho sempre para onde sua inclinação o levar, com o conhecimento pleno de que o trabalho executado neste mundo nunca é esforço perdido'.

'Agora, meus amigos, chegou o tempo de nós partirmos. Antes disto, eu gostaria de deixar uma pequena recordação de nossa visita.'

Dito isso, o egípcio passou para as mãos dele o buquê de rosas.

'Aceitem-nas, meus amigos, com meu amor e bênçãos. Talvez, Roger, você ajudará criar algumas rosas tão adoráveis quanto estas. Lembre-se de mim quando as fizer, e terá meus pensamentos, pois a rosa branca é minha flor favorita. Nossos amigos aqui as viram florescendo em meus próprios jardins. Acho, Omar,' concluiu ele, 'que voltaremos logo. E assim, minhas queridas crianças, as bênçãos do Pai a vocês, e meu amor permanece com vocês.'

Dizendo assim, nossos convidados acompanharam sua partida.

'Bem, Roger, meu querido companheiro,' disse eu, depois de passado um momento, 'você não ficou alegre por ter ficado por aqui?'

'Você não ficou feliz por não termos deixado você escapar?' disseram juntos Peter e Franz.

Mas Roger ficou incapaz de 'voltar à terra' durante um tempo. Quando conseguiu, ficou bem selvagem com sua excitação a ponto de nos fazer 'valsar' em volta da sala. Franz e Peter, que são igualmente soberbos, sentaram-se ao piano onde tocaram imediatamente um dueto com grande vivacidade, enquanto a Ruth e Roger continuaram dançando pela casa.

Finalmente, ficamos um pouco menos tumultuosos, apesar de que o sentimento de júbilo é tal nestas ocasiões que de alguma forma torna-se uma necessidade positiva colocá-lo para fora.

O que nós tínhamos desfrutado não era nenhuma 'experiência espiritual', como podem considerar as mentes religiosas da terra. Uma experiência extasiante, seria tolo negar, e seu valor espiritual seria igualmente tolo ignorar, mas as emoções que sentimos eram emoções delirantemente luminosas, alegres, felizes, divertidas; nunca piedosas ou santarronas, nem tão inspiradoras de temor que nos roube todo o senso de completo gozo - pois para nós, isso é o que foi planejado pelo visitante, e não algo feito somente para o 'bem de nossas almas imortais'. Essas mesmas almas imortais derivariam benefícios de forma superabundante, de um modo natural, sem revestir isto com uma religiosidade antinatural, impossível.

Conseqüentemente, então, nossa 'exuberância de espírito' - em mais de um sentido - e conseqüentemente, também, o modo pelo qual a demonstramos, nos deixava completamente desavergonhados por estarmos agindo assim.

Nós continuamos falando por ainda um bom tempo depois que nossos três visitantes tinham partido, e discutimos com Roger o desejo dele, agora expresso, de começar o trabalho com o jardineiro, enquanto isso, nos tempos em que pudesse, continuaríamos com as suas explorações, conforme se sentisse inclinado. Nós asseguramos a ele que se Ruth ou eu estivéssemos ocupados em nosso próprio trabalho em tais períodos, não lhe faltaria ciceros para acompanhá-lo. Realmente, Franz e Peter ofereceram-se a nos substituir sempre que fosse exigido.

Nada restava a ser feito a não ser notificar nosso amigo jardineiro da chegada de um aluno novo. Isto foi feito imediatamente, em mãos, simplesmente com a nossa deslocação em corpo para o viveiro onde uma grande acolhida esperava o Roger, junto com muitas garantias de que, em um curto espaço de tempo, ele aprenderia criar muitas flores bonitas em geral e, em particular, as *rosas brancas* que agora eram seu único e grandioso desejo.

EPÍLOGO

Nossos passeios e visitas pararam temporariamente quando Roger se tornou um estudante no viveiro-jardim, e no princípio nós o vimos muito pouco. Ele ganhou proficiência depressa, como testemunham duas roseiras brancas que estão em cada lateral do amplo caminho diante de nossa casa, testemunho eloqüente. Depois disso, relaxou um pouco seus estudos, e pudemos nos reunir mais frequentemente, sujeitos às exigências de nosso próprio trabalho.

Ele instalou um estúdio para si no piso superior de nossa casa, repleto com volumes técnicos onde, no momento presente, está comprometido com um estudo profundo de uma particularidade complicada de uma formação floral. Ele também está ocupado com alguns planos horticultores baseados em medidas cuidadosas que fez em nosso próprio domínio, de onde Ruth e eu deduzimos que os jardins em torno de nossa casa vão, na estação devida, sofrer uma alteração considerável ou um rearranjo, uma realização que estamos esperamos com prazer antecipado.

Os amigos que ele fez se beneficiaram de muitas formas com a habilidade recentemente adquirida de Roger. Asa Brilhante relata que uma grande quantidade das mais coloridas e perfeitamente formadas flores estão cobrindo os seus próprios jardins agora, e várias sugestões feitas por Roger foram cumpridas, com muito sucesso, tanto dentro dos jardins, como para a grande satisfação de seus donos.

Franz Joseph e Peter Ilyitch estão sempre recebendo primorosos buquês de flores para adorno adicional das suas respectivas casas, enquanto Peter declara que as aléias ao redor da casa dele na floresta ultimamente caíram na mira do olho especulativo de Roger e, para sua delícia, Peter convidou-o para que aceitasse carta branca para fazer todas as 'melhorias' que ele deseja fazer.

Nosso amigo que mora na cabana não foi negligenciado, e Roger, lá, é uma visita freqüente, os dois ficaram amigos rapidamente.

Eu gostaria de deixar isto perfeitamente claro, para que não surja um mal entendido: nosso jovem amigo Roger, cuja vida nestes planos do mundo espiritual deram esta crônica breve, não é nenhuma pessoa imaginária, somente criada com um caráter em quem se possa pendurar certos fatos espirituais. Ele é uma real pessoa cuja passagem e história imediatamente subsequente foram precisamente aqui recontadas. Esta história é uma história excessivamente simples, como poderia ser narrado por milhares incontáveis de outros jovens, de qualquer sexo, como também por pessoas mais velhas. Não é, de nenhuma maneira, excepcional ou incomum, e embora pudesse ser dito que o Roger tipifica outros inúmeros jovens, nenhum deles é Roger, um homem jovem de grande charme, e de quem todos nós tornamos cada vez mais aficionados. As brincadeiras alegres dele e sua leveza de coração são nossa alegria constante, já que atrás da sua alegria há uma grande bondade, uma determinação firme, e uma mente que é capaz de pensamentos profundos. Ele se sente igualmente em casa com esses que já podem contar muitos 'anos' como com os bem jovens; pois em numerosas ocasiões ele acompanhou Ruth ao reino das crianças onde ela é sempre ansiosamente esperada, tanto por si mesma como por seus dotes musicais, e onde ganhei alguma reputação como contador de histórias. Aqui, nesta região encantada, Roger está em seu elemento, ficando entre os pequenos.

Tal é o entusiasmo do rapaz pelo trabalho dele que ele julga seu dever atrair a Ruth e a mim para o estudo de floricultura, além de nossas outras ocupações. Se ele tiver sucesso nos seus esforços, insistiremos para que o próprio Roger nos tome como seus alunos e nos ensine a arte da qual ele é agora um expositor capaz.

Uma última palavra restou: é quase inevitável que se façam avaliações sobre as experiências modestas e as conversações simples que foram registradas aqui e que não sejam consideráveis por serem apenas um momento de todo o grandioso esquema da vida "do após" no mundo espiritual, e que em todas as ocasiões apenas assuntos da mais alta importância e de maior aplicação seriam levadas em conta pelos 'seres desencarnados'.

O mundo espiritual é, a toda hora, um lugar onde os seres humanos podem viver no conforto e felicidade que sempre quiseram ter *desde o princípio*. Então, nós *não* gastamos nossa eternidade em constante 'oração e reverências', porque que, como um modo de vida, não seria nenhuma vida, nem mesmo uma mera existência. Nós *não* ocupamos nosso tempo - ou o desperdiçamos - em discussões teológicas profundas, nem em teorias obscuras, nem nas mais comuns, pela razão simples que nós temos algo muito melhor a fazer, em todos os sentidos mais lucrativo, e infinitamente mais divertido e agradável. Nossa conversação é sempre racional, natural, e normal. Nós não falamos um ao outro em termos de textos religiosos e citações bíblicas, nem somos dotados de amplo conhecimento e percepção intelectual aguda a partir do momento que pomos o pé no mundo espiritual com a nossa dissolução. Nós somos profundamente gratos por sermos nós mesmos, e não como os outros gostariam que fôssemos.

E assim, para concluir: os amigos que passaram antes de você por estas páginas imploraram para estarem comigo quando eu digo a você:

Benedicat te omnipotens Deus.

(Que Deus Onipotente o abençoe!)